

FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Mestrado em Comunicação

**AS LIVES DE AILTON KRENAK NO YOUTUBE:
LANÇANDO FLECHAS DO CONHECIMENTO INDÍGENA**

Maurício Amaro da Silva Arruda

São Paulo

2022

MAURÍCIO AMARO DA SILVA ARRUDA

**As lives de Ailton Krenak no YouTube:
lançando flechas do conhecimento indígena**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu da Faculdade Cásper Líbero, na Linha de pesquisa Jornalismo, Imagem e Entretenimento, como requisito para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientadora: Profa. Dra. Michelle Prazeres

São Paulo

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Prof. José Geraldo Vieira

Arruda, Maurício Amaro da Silva

As lives de Ailton Krenak no youtube : lançando flechas do conhecimento indígena / Maurício Amaro da Silva Arruda. -- São Paulo : Cásper Líbero, 2022.

140 p. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade Cásper Líbero, 2022.

Orientador: Prof^a Dra Michelle Prazeres Cunha.

1. Representação indígena. 2. Televisão. 3. Redes sociais. 4. Mídias digitais. 5. Ailton Krenak. I. Cunha, Michelle Prazeres. II. Faculdade Cásper Líbero, Mestrado em Comunicação. III. Título.

CDD 384.3

Bibliotecária responsável: Ligia Cristina dos Santos Nunes - CRB 8/6923

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

AUTOR: MAURICIO AMARO DA SILVA ARRUDA

AS “LIVES DE AILTON KRENAK NO YOUTUBE: LANÇANDO FLECHAS DO CONHECIMENTO INDÍGENA

Edson Machado de Brito

Prof. Dr. Edson Machado de Brito
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - IFBA

 Documento assinado digitalmente
MARI DOS SANTOS
Data: 05/10/2022 12:21:47-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Profa. Dra. Marli dos Santos
Faculdade Cásper Líbero - FCL

 Documento assinado digitalmente
MICHELLE PRAZERES CUNHA
Data: 23/09/2022 14:22:26-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Profa. Dra. Michelle Prazeres Cunha
Faculdade Cásper Líbero - FCL

Data da Defesa: 14 de setembro de 2022.

Assinatura: *Edson Machado de Brito*
Edson Machado de Brito (28 de Outubro de 2022 17:32 ADT)
Email: edsonbkayapo@gmail.com

Espelho_defesa_-_Mauricio_assinada_Profa_Michelle_assinadoMARLI

Relatório de auditoria final

2022-10-28

Criado em:	2022-10-28
Por:	Daniel Brito (daniel@casperlibero.edu.br)
Status:	Assinado
ID da transação:	CBJCHBCAABAAaPayEA8GqD2rqkuhJLw7YfffSufIv-H

Histórico de "Espelho_defesa_-_Mauricio_assinada_Profa_Michelle_assinadoMARLI"

-  Documento pré-assinado digitalmente por MICHELLE PRAZERES CUNHA
2022-09-23 - 17:22:26 GMT
-  Documento pré-assinado digitalmente por MARLI DOS SANTOS
2022-10-05 - 15:21:47 GMT
-  Documento criado por Daniel Brito (daniel@casperlibero.edu.br)
2022-10-28 - 17:46:10 GMT
-  Documento enviado por email para edsonbkayapo@gmail.com para assinatura
2022-10-28 - 17:47:46 GMT
-  Email visualizado por edsonbkayapo@gmail.com
2022-10-28 - 20:30:52 GMT
-  O signatário edsonbkayapo@gmail.com inseriu o nome Edson Machado de Brito ao assinar
2022-10-28 - 20:31:58 GMT
-  Documento assinado eletronicamente por Edson Machado de Brito (edsonbkayapo@gmail.com)
Data da assinatura: 2022-10-28 - 20:32:00 GMT - Fonte da hora: servidor
-  Contrato finalizado.
2022-10-28 - 20:32:00 GMT

AGRADECIMENTOS

Depois de um longo percurso profissional, essa experiência na vida acadêmica foi possível graças ao acolhimento de pessoas muito especiais a quem agradeço aqui.

Ao professor Cláudio Novaes Coelho, meu orientador no primeiro momento do Mestrado, que, além de me encorajar a entrar em um mundo desconhecido, me deu a liberdade necessária para o desenvolvimento da minha pesquisa.

À professora Marli dos Santos, fundamental na construção e nos caminhos da dissertação.

À professora Michelle Prazeres, que assumiu a minha orientação e foi uma grande parceira e incentivadora de todas as horas.

Aos professores Daniel Munduruku e Edson Kayapó, que me honraram com a presença na minha dissertação. Munduruku, pela generosidade de me conceder uma entrevista, e Kayapó, por participar da minha banca.

Aos amigos Felipe Zobaran e Hermano Vianna, pelos conselhos preciosos.

Ao meu pai, Fernando, que nunca parou de me ensinar.

A minha mãe, Maria Helena (*in memoriam*), por tudo.

E aos meus amores Lorena, Dora e Catarina, pelo apoio de sempre.

RESUMO

A representação indígena na TV aberta brasileira tem sido marcada por estereótipos e ausências ao longo de sua história. Sistemáticamente, são ocultados ou retratados de forma homogênea, sem que sejam compreendidas suas complexidades. O desconhecimento das diversidades dos povos indígenas contribui para a formação de um ambiente social de intolerância e preconceitos. Em contrapartida, o uso das mídias digitais por indígenas se tornou uma alternativa aos meios de comunicação tradicionais. Em diferentes plataformas, divulgam conhecimentos, reivindicações e cultura. Este trabalho analisa especificamente a participação ativa de Ailton Krenak em *lives* durante os primeiros meses da pandemia do Coronavírus, dialogando com diferentes interlocutores não indígenas. Desde a aldeia de seu povo, no Rio Doce, em Minas Gerais, Krenak aborda questões fundamentais da sociedade atual, como o colapso ambiental, a monocultura de ideias e a busca desenfreada pelo consumo. O objetivo do trabalho é entender se a repercussão das *lives* nas redes digitais pode abrir caminhos para uma representação mais ampla e menos estereotipada dos indígenas nas redes de televisão aberta e quais os obstáculos para que isso aconteça. A pesquisa tem como base o referencial de autores indígenas, como Davi Kopenawa, Sonia Guajajara, Alvaro Tukano, Daniel Munduruku e Ailton Krenak, em livros e entrevistas em publicações impressas e digitais. Também fundamentam a pesquisa pensadores ocidentais, como Boaventura de Sousa Santos, com os conceitos de epistemologias do Sul e ecologia de saberes (2006), Eduardo Viveiros de Castro, com sua visão sobre identidades e cosmologias indígenas, Antonio Damasio (2018) e Yuval Harari (2018), em relação às origens da cultura e a tradição humana de contar e ouvir histórias, Edgar Morin (1995), principalmente com os conceitos de coexistência entre seres humanos e o planeta Terra, além das noções de reprodutibilidade técnica de Walter Benjamin (1935) e cibercultura de Lévy (1996, 1999), cultura da convergência em Jenkins (2008) e regulação algorítmica de Evgeny Morozov (2018). Entre os achados da pesquisa, foi identificado que a forma como os indígenas são retratados nas telenovelas tem como origem a imagem que muitos brasileiros fazem deles. O silenciamento ocorre também no telejornalismo, chamando atenção para o fato de que o crescimento das pautas ambientais não significou aumento da presença indígena nas coberturas. Sendo assim, a participação de indígenas na programação da TV aberta ainda acontece de maneira esporádica, diferentemente da representatividade de negros que, depois de muitas lutas, têm aberto espaços consistentes nas programações. Uma das possíveis explicações para esse ocultamento é que, enquanto a população preta e parda representa mais de 50% dos brasileiros, os indígenas não passam de 0,4%. Portanto, o dinheiro indígena não faz diferença significativa no lucro das empresas. Uma outra dificuldade que parece intransponível em relação à inclusão dos indígenas na televisão aberta é o discurso crítico em relação a temas como o consumo desenfreado e o agronegócio, que vão de encontro às linhas editoriais dos donos das redes de televisão. O trabalho indica caminhos para uma melhor e maior representação indígena e aponta a necessidade de abrir espaço para roteiristas e diretores indígenas.

Palavras-chave: Representação indígena. Televisão. Redes sociais. Mídias digitais. Ailton Krenak.

ABSTRACT

The representation of indigenous people on Brazilian broadcast TV has been marked by stereotypes and absences throughout its history. They are systematically hidden or portrayed in a homogenous way, without understanding their complexities. The ignorance of the diversities of indigenous peoples contributes to the formation of a social environment of intolerance and prejudice. On the other hand, the use of digital media by indigenous people has become an alternative to traditional media. On different platforms, they disseminate knowledge, claims, and culture. This paper specifically analyzes Ailton Krenak's active participation in lives during the first months of the Coronavirus pandemic, dialoguing with different non-indigenous interlocutors. From the village of his people, in Rio Doce, Minas Gerais, Krenak addresses fundamental questions of today's society, such as environmental collapse, the monoculture of ideas, and the unbridled quest for consumption. The objective of this work is to understand if the repercussion of the lives on digital networks can open paths for a wider and less stereotyped representation of indigenous people on broadcast television networks, and what are the obstacles for this to happen. The research is based on the references of indigenous authors, such as Davi Kopenawa, Sonia Guajajara, Alvaro Tukano, Daniel Munduruku, and Ailton Krenak, in books and interviews in print and digital publications. Western thinkers, such as Boaventura de Sousa Santos, with his concepts of epistemologies of the South and ecology of knowledges (2006), Eduardo Viveiros de Castro, with his views on indigenous identities and cosmologies, Antonio Damasio (2018), and Yuval Harari (2018), regarding the origins of culture and the human tradition of telling and listening to stories, also ground the research, Edgar Morin (1995), especially with the concepts of coexistence between humans and planet Earth, in addition to Walter Benjamin's (1935) notions of technical reproducibility and Lévy's (1996, 1999) cyberculture, Jenkins' (2008) convergence culture, and Evgeny Morozov's (2018) algorithmic regulation. Among the research findings, it was identified that the way indigenous people are portrayed in telenovelas originates from the image that many Brazilians have of them. Silencing also occurs in telejournalism, drawing attention to the fact that the growth of environmental agendas did not mean an increase in the presence of indigenous people in the coverage. Thus, the participation of indigenous people in broadcast TV programming still happens sporadically, unlike the representation of blacks who, after many struggles, have opened consistent spaces in the programming. One of the possible explanations for this concealment is that, while the black and brown population represents more than 50% of Brazilians, the indigenous population is only 0.4%. Therefore, indigenous money does not make a significant difference in the companies' profits. Another difficulty that seems insurmountable in relation to the inclusion of indigenous people in broadcast television is the critical discourse in relation to themes such as unbridled consumption and agribusiness, which go against the editorial lines of the owners of the television networks. The work indicates ways for a better and greater indigenous representation and points out the need to open space for indigenous scriptwriters and directors.

Keywords: Indigenous representation. Television. Social Networks. Digital media. Ailton Krenak.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	TV Tupi	18
Figura 2	Segundo Sol	19
Figura 3	Uga Uga	21
Figura 4	A Invenção do Brasil	23
Figura 5	A Muralha	24
Figura 6	Novo Mundo	25
Figura 7	Nos Tempos do Imperador	27
Figura 8	Aritana	28
Figura 9	Campanha “Agro é pop”	51
Figura 10	O Minotauro ou Mánhene (O veneno do mundo)	55
Figura 11	Campanha “Agro: a indústria-riqueza do Brasil”	60
Figura 12	Fotógrafo / Caçador	67
Figura 13	Krenak na Constituinte de 1987	70
Figura 14	Live de Leandro Demori – The Intercept Brasil	83
Figura 15	Live da Companhia das Letras	92
Figura 16	Live de Lilia Schwarcz com Ailton Krenak	101
Figura 17	Live de Rita Carelli com Ailton Krenak	105
Figura 18	Krenak na escuridão em live com Rita Carelli	108

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Lives de Krenak	13
-----------------	-----------------	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 AS HISTÓRIAS NÃO CONTADAS NA TELEDRAMATURGIA BRASILEIRA	17
1.1 A fogueira eletrônica	17
1.2 A estética sueca da teledramaturgia	18
1.3 Os indígenas nas telenovelas	20
1.3.1 Uga Uga	20
1.3.2 A Invenção do Brasil	22
1.3.3 A Muralha	23
1.3.4 Novo Mundo	25
1.3.5 Nos Tempos do Imperador	26
1.3.6 Aritana	27
1.4 Indígenas: deformação da imagem	31
1.5 Monocultura de histórias	34
2 AUSÊNCIA DE VOZES INDÍGENAS COMO FONTES NO TELEJORNALISMO E A CAMPANHA “AGRO É POP”	38
2.1 Histórico de ataques de Bolsonaro a indígenas	38
2.2 Cobertura do discurso de Bolsonaro na ONU pelo JN	40
2.3 A pauta ambiental no JN na semana do discurso	45
2.4 Presença de Raoni no JN – 2019 / 2020	46
2.5 A pouca representatividade indígena no JN	48
2.6 A campanha “Agro é pop”	50
2.6.1 As origens da “vocação agrícola brasileira”	53
2.6.2 As críticas de vozes indígenas � campanha	54
2.6.3 Agronegócio e a crise do desenvolvimento	58
2.6.4 Os indígenas e a terra	60
3 NARRATIVAS INDÍGENAS NA INTERNET E AS LIVES DE AILTON KRENAK	
3.1 Davi Kopenawa: livro, programas de televisão, filmes, internet	63
3.2 Ritual nas telas e a função política	64

3.3 Indígenas e o audiovisual	67
3.4 Indígenas nas redes	71
3.5 Cibercultura	72
3.6 O fenômeno das lives durante a pandemia	76
3.7 As lives de Ailton Krenak: um contador de histórias	78
3.7.1 Live de Leandro Demori, The Intercept Brasil, com Ailton Krenak	83
3.7.2 Live da Companhia das Letras com Ailton Krenak e Sidarta Ribeiro	92
3.7.3 Live de Lilia Schwarcz com Ailton Krenak	101
3.7.4 Live de Rita Carelli com Ailton Krenak	105
3.7.5 Análise fonoaudiológica das lives de Ailton Krenak	110
3.7.6 Achados nas lives de Ailton Krenak	110
4 NOVOS CAMINHOS	114
4.1. Daniel Munduruku e as alternativas para uma melhor representação de indígenas na TV aberta	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	126

INTRODUÇÃO

O título desta dissertação foi inspirado nos vídeos “Flechas”, idealizados por Ailton Krenak, lançados em 2021 pelo canal de YouTube “Selvagem”. De acordo com a divulgação, “a flecha é uma forma de propagarmos os conteúdos pelos quais versamos no Selvagem, um ciclo de estudos sobre a vida que abre caminhos para a coexistência de saberes tradicionais, científicos e artísticos”¹.

O “Selvagem – ciclo de estudos sobre a vida”, série de conversas concebida por Anna Dantes e orientada por Ailton Krenak no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, em 2018, foi meu primeiro contato mais profundo com as visões e os saberes dos povos originários. Depois de ouvir pensadores indígenas com conhecimentos sobre o convívio da humanidade com o planeta Terra, passei a refletir sobre a ausência dessas vozes na televisão aberta brasileira.

Nessa reflexão, me coloco como corresponsável na perpetuação dessa ausência, já que venho atuando em televisão há mais de trinta anos, como roteirista e diretor de programas de dramaturgia e variedades. Em minha formação escolar, quase nada se falou sobre indígenas, sobre as diferenças entre povos, seus conhecimentos e suas cosmologias. Eles também não estavam nos programas e telenovelas a que eu assistia. Depois, quando fui trabalhar com televisão, os indígenas continuaram ausentes. Mais de uma vez ouvi a frase de diretores “índio não dá audiência”. Uma afirmação que objetivava perpetuar a invisibilidade.

Durante essa minha trajetória na televisão aberta, é representativo o período em que fui roteirista e diretor geral do “Encontro com Fátima Bernardes”, entre 2012 e 2018, um programa diário e ao vivo. Nesse período, ao mesmo tempo em que abrimos espaços para uma maior representatividade negra, tanto na equipe quanto dos convidados do programa, a representatividade indígena permaneceu estagnada. Uma das raras participações de indígenas no “Encontro” ocorreu em 16 de novembro de 2017 quando convidamos Benki Pianko, do povo Ashaninka. Ele veio ao programa trajado com as vestes do seu povo, o que já causava uma diferença em relação aos outros participantes. Benki foi apresentado pela apresentadora Fátima Bernardes como um guardião da floresta com a legenda na tela: “Reconhecido mundialmente: Benki é líder indígena do povo Ashaninka”.

¹ Disponível em: <http://selvagemciclo.com.br/>. Acesso em: 10 mai 2022.

Benki havia participado da cúpula do clima da ONU e chamou atenção sobre as ameaças aos povos indígenas e à floresta amazônica, especialmente em relação aos impactos negativos das queimadas. Afirmou que a questão ambiental não afeta apenas os indígenas, mas os brasileiros e todos os habitantes do planeta. A apresentadora Fátima Bernardes conduziu Benki ao telão, no qual ele mostrou, em um mapa, onde se situa o território de origem de seu povo, no Acre. Em um vídeo com imagens da floresta, o repórter André Curvello leu o manifesto do povo Ashaninka:

Não temos tempo a perder. As consequências das mudanças climáticas ficam a cada dia mais evidentes e não conhecem fronteiras. Todos os povos, sem exceção, têm que encarar essa ameaça do presente e sobretudo ao futuro do homem neste planeta. Nós, os Ashaninka, sabemos muito bem disso porque a floresta é nossa vida. Somos um só, somos seus guardiões. O fim da floresta seria o nosso fim, como seria de todos os seres humanos. Temos todos de unir nossas forças para travar uma luta que é universal. E a hora é agora, não temos mais opção de adiá-la sob o risco da destruição da floresta se tornar irreversível. Vamos agir.

Mas enquanto o manifesto Ashaninka se tornava cada vez mais atual, à medida que a crise climática se agravava e tomava conta do noticiário, a presença de indígenas nas TVs abertas permaneceu praticamente estagnada.

Em 2019, o ativista indígena, ambientalista e escritor Ailton Krenak entrou para a lista de autores mais vendidos com “Ideias para adiar o fim do mundo”². A essência do livro, com um discurso sobre a separação entre humanidade e meio ambiente, tinha muitos pontos em comum com o manifesto Ashaninka.

Apesar do sucesso do livro, Ailton Krenak não foi convidado para participar de programas de televisão aberta. Mas, com a pandemia do Coronavírus, Krenak se tornou um personagem frequente de lives do YouTube, como convidado de jornalistas, cientistas e instituições acadêmicas. Mesmo ausente da TV aberta, a internet se tornou uma alternativa para que o pensamento do líder indígena se propagasse.

Como profissional da área, me interessei em desenvolver uma pesquisa acadêmica para entender a invisibilidade e os estereótipos a que os povos originários estão sujeitos na TV aberta, refletir sobre como a internet pode se tornar uma fonte para a propagação

² Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2020/06/03/ideias-para-adiar-o-fim-do-mundo-e-entrar-na-lista>. Acesso em: 10 mai 2022.

da diversidade e de conhecimentos indígenas, e também propor caminhos para uma melhor representatividade.

A discussão sobre uma maior diversidade na televisão aberta, que tem grande alcance no Brasil, é um tema relevante e atual, e ainda existem poucos estudos acadêmicos sobre a presença indígena nas grandes redes de TV.

Desde a chegada dos primeiros homens brancos ao Brasil, os povos originários lidam com a contínua colonização e extermínio de sua cultura. A invisibilidade e os estereótipos a que estão submetidos se perpetuam na grande mídia, especialmente nas redes de televisão. Sistemáticamente, são retratados de forma homogênea, sem que suas complexidades sejam compreendidas. A diversidade dos 305 povos indígenas e de 274 línguas diferentes (IBGE, 2010) é desconhecida pela maioria dos brasileiros, gerando intolerância e preconceitos. Sem encontrar espaço na mídia tradicional (seja através da teledramaturgia ou de telejornais), as transmissões via internet se tornaram um recurso importante para que indígenas possam contar sua própria versão da história, suas lutas e culturas dos diferentes povos. O trabalho apresentará as ausências e os estereótipos e analisará o uso das transmissões via internet pelos indígenas. Especificamente, irá estudar as lives no YouTube em que Ailton Krenak aparece como convidado durante o período da pandemia e propor um diálogo com pensadores não indígenas. Direto de sua aldeia no Rio Doce, em Minas Gerais, Krenak aborda questões fundamentais da sociedade atual, como o colapso ambiental, a monocultura de ideias e a busca desenfreada pelo consumo, como um interlocutor que aproxima o universo indígena e o universo ocidental. O objetivo do trabalho é entender se a repercussão das lives pode abrir caminhos para uma representação mais ampla e menos estereotipada dos indígenas.

O trabalho parte da constatação de que os povos originários do Brasil permanecem com pouca visibilidade e sujeitos a estereótipos na TV aberta. Neves e Carvalho (2019) comprovam que a população indígena tem se mantido praticamente ausente das TVs abertas brasileiras desde a inauguração da TV Tupi, em 1950 – batizada com um nome que remete ao povo tupi.

Tanto a ausência quanto a representação estereotipada de indígenas na TV aberta são bastante relevantes, já que o meio ainda exerce enorme influência no Brasil. Mesmo com a chegada do streaming, o alcance da televisão aberta ainda é muito expressivo. Para quase 80 milhões de brasileiros, sem internet ou TV por assinatura, a TV aberta é a única

forma de entretenimento e informação (FELTRIN, 2020). Nesse cenário, a teledramaturgia segue como carro chefe da audiência.³

E é através dela que histórias são contadas para milhões de brasileiros. Segundo Maria Immacolata Vassallo de Lopes,

[...] a telenovela no Brasil se incorporou, ao longo de sua história, à cultura do país, tornando-se um de seus elementos mais distintivos e aquele que, possivelmente, melhor caracteriza hoje uma “narrativa da nação”. Além de contar histórias, as telenovelas também geram “debates de temas representativos da modernidade que se vive no país”. (2003, p. 21)

Ausentes da TV aberta, indígenas estão assumindo protagonismo na internet através de plataformas como YouTube, Instagram e Facebook. Parece possível afirmar que o ambiente virtual tem possibilitado aos povos originários se manifestarem de uma forma que não encontra espaço na mídia tradicional.

Especificamente nesta pesquisa, buscaremos analisar o caso de Ailton Krenak. Uma das principais vozes indígenas do Brasil, Krenak quase não é visto na televisão aberta, mas a partir da pandemia da Covid-19, se transformou em um dos protagonistas das inúmeras lives que se disseminaram durante o confinamento. Para grande parte do público que conhecia os povos originários somente através da representação do colonizador, seja em livros de escolas ou séries e novelas de TV, parece possível pensar que as lives têm o potencial de mostrar “outras versões” da história destes povos.

O estudo contemplará os temas da contemporaneidade tratados nas lives sob o ponto de vista de Ailton Krenak durante o período da pandemia. Também abordará como a repercussão das lives pode chamar a atenção das emissoras de televisão aberta e abrir espaços para que indígenas sejam representados de forma menos estereotipada.

Um dos exemplos dessa possibilidade de abertura de espaço foi o fato de, por causa da repercussão das lives, Ailton Krenak ser convidado para participar de programas da TV aberta – da qual continuava ausente, mesmo com o sucesso de vendas do livro “Ideias para adiar o fim do mundo”. O escritor e ativista participou do “Altas Horas” (TV Globo), em outubro de 2020, e do “Roda Viva” (TV Cultura) e do especial “Falas da Terra” (TV Globo), ambos no dia do indígena, 19 de abril de 2021. No caso de “Falas da Terra”, Krenak também assinou como roteirista do programa.

³ Disponível em: <https://observatoriodatv.uol.com.br/colunas/fabio-augusto/a-forca-do-querer-garantiu-a-melhor-audiencia-a-globo-em-2021-veja-o-recorde-das-outras-emissoras>. Acesso em: 10 mai 2022.

O objetivo do trabalho é entender a presença ativa de indígenas nas mídias sociais e se esta pode abrir caminhos para uma maior participação e representação nos programas jornalísticos e de entretenimento das grandes redes de televisão. Também intenciona compreender os possíveis obstáculos para que isso aconteça.

O estudo buscará o referencial de autores indígenas, como Davi Kopenawa, Sonia Guajajara, Alvaro Tukano, Daniel Munduruku e Ailton Krenak, em livros e entrevistas em publicações impressas e digitais.

Boaventura de Sousa Santos, com os conceitos de epistemologias do Sul e ecologia de saberes (2006), será referência em todo o trabalho. Eduardo Viveiros de Castro também percorrerá a dissertação com a sua visão sobre identidades e cosmologias indígenas.

No Capítulo 1, sobre as narrativas indígenas, os principais referenciais teóricos serão Antonio Damasio (2018) e Yuval Harari (2018), principalmente em relação às origens da cultura e à tradição humana de contar e ouvir histórias, e José Ribamar Bessa Freire, sobre a falta de conhecimento sobre indígenas.

No Capítulo 2, Edgar Morin (1995), além dos pensadores indígenas, será o principal referencial teórico, principalmente em relação aos conceitos de coexistência entre seres humanos e os planetas.

No Capítulo 3, vamos propor um diálogo entre narrativas indígenas na internet e os conceitos de reprodutibilidade técnica de Walter Benjamin (1935) e de cibercultura de Pierre Lévy (1996, 1999), Jenkins (2008), Evgeny Morozov (2018).

A pesquisa tem um caráter exploratório e descritivo, com abordagem qualitativa. O trabalho será desenvolvido a partir de uma pesquisa bibliográfica e hemerográfica para aprofundamento do tema. Foram utilizadas obras de autores considerados clássicos; estudos que atualizam as questões voltadas aos indígenas, como teses, dissertações e artigos científicos, através do Google Acadêmico, da Biblioteca de Teses e Dissertações (Capes), da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações e do Portcom, Portal de Livre Acesso à Produção em Ciências da Comunicação e Compós; e entrevistas com lideranças e pensadores indígenas.

A constatação da ausência de fontes indígenas na cobertura do Jornal Nacional para o discurso de Bolsonaro na ONU foi feita através de cinco edições do telejornal disponibilizadas na Internet.

A pesquisa da trajetória de Ailton Krenak foi feita através de livros, entrevistas e publicações na internet.

Na fase empírica da pesquisa, foram selecionadas, a partir da busca na plataforma do YouTube com as palavras-chave “Ailton Krenak”, lives de Krenak exibidas a partir do início da pandemia do Coronavírus, em abril de 2020, até outubro de 2021. Do resultado das lives encontradas, foram observados temas e entrevistadores. Algumas transmissões tiveram um número maior de visualizações e comentários devido à relevância e ao número de inscritos do canal digital ou do entrevistador. Dentro desse critério, foram escolhidas doze lives, procurando uma diversificação dos temas e áreas de atuação dos entrevistadores, conforme quadro abaixo:

Quadro 1 – Lives de Krenak

	DATA E VIEWS	TÍTULO	LINK	INTERLOCUTOR
1	08/04/2020 48.565 views	Ailton Krenak e Leandro Demori conversam sobre a crise do coronavírus	https://www.youtube.com/watch?v=6XoRg3nj1Ws	Intercept
2	17/04/2020 104.174 views	Conversa Selvagem – Ailton Krenak e Marcelo Gleiser	https://www.youtube.com/watch?v=xeAI7GDOefg&t=465s	Marcelo Gleiser
3	24/05/2020 134.823 views	Mesa 6: Sonhos para adiar o fim do mundo, com Ailton Krenak e Sidarta Ribeiro	https://www.youtube.com/watch?v=95tOtpk4Bnw&t=6s	Sidarta Ribeiro
4	02/07/2020 66.823 views	Lili entrevista Ailton Krenak	https://www.youtube.com/watch?v=GIZ0hRuRXqc	Lili Schwarcz
5	07/08/2020 12.988 views	Bate-papo de lançamento do livro "A vida não é útil", com Ailton Krenak e Rita Carelli	https://www.youtube.com/watch?v=TW8XN2UPSOk&t=2977s	Companhia das Letras / Rita Carelli
6	13/08/2020 50.334 views	Indígenas no Brasil e Meio Ambiente Ailton Krenak e Leandro Karnal	https://www.youtube.com/watch?v=iOAof1ChHCs&t=1s	Leandro Karnal
7	24/09/2020 29.450 views	Intelectual do ano, Ailton Krenak: "Brasil matou índios, negros, segue matando. Sociedade hipócrita"	https://www.youtube.com/watch?v=y-yG-Sa_J_k&t=1948s	Bob Fernandes
8	05/03/2021 28.035 views	Conversa Selvagem – Nave Gaia – Ailton Krenak e Antonio Nobre	https://www.youtube.com/watch?v=ueLmin9IIqk&t=989s	Antonio Nobre

9	16/03/2021 42.275 views	Arte como construção de futuros possíveis – com Christian Dunker e Ailton Krenak	https://www.youtube.com/watch?v=JSCuJtkbBNE&t=332s	Christian Dunker
10	19/04/2021 34.531 views	Debate com Davi Kopenawa, Ailton Krenak e Sônia Guajajara	https://www.youtube.com/watch?v=16YDWDufBpQ&t=1690s	Davi Kopenawa
11	23/06/2021 39.047 views	Ailton Krenak – Filosofia ameríndia: por um outro modo de pensar e viver	https://www.youtube.com/watch?v=g4_hnApXhrU&t=776s	Suely Rolnik
12	20/09/2021 12.476 views	Livro aberto – Ailton Krenak	https://www.youtube.com/watch?v=yt6MunOTSng	Fábio Porchat

Das doze lives, selecionamos quatro de acordo com uma diversificação de temas abordados. Na fase de exploração do material, é proposto um diálogo sobre os principais temas levantados por Ailton Krenak, com as falas de Krenak e de outros pensadores indígenas e não indígenas.

Na terceira fase da pesquisa, previa-se fazer uma mediação entre uma liderança indígena e um executivo da TV aberta, especificamente da TV Globo. A ideia seria discutir alternativas para uma melhor representação de diálogo entre povos originários e a televisão aberta. Foi realizada uma entrevista semi-estruturada com o líder indígena e escritor Daniel Munduruku, e solicitada, através dos canais oficiais da TV Globo, uma entrevista com Samantha Almeida, diretora de criação da empresa. Conforme exigência do formulário da Globo Universidade, foi solicitado o envio prévio das perguntas:

- Qual a sua percepção sobre a representatividade indígena na televisão aberta hoje (especialmente em relação às telenovelas e jornalismo da TV Globo)?
- Comparativamente em relação à representatividade negra na televisão, que apresenta avanços, qual a diferença em relação à representatividade indígena?
- O especial “Falas da Terra”, da TV Globo, exibido em 19 de abril de 2021, deu voz a indígenas. Apesar da boa repercussão, acabou sendo um programa pontual. Por que não rendeu frutos de outras produções com protagonismo indígena?
- O discurso dos indígenas nas mídias digitais, especificamente de Ailton Krenak (objeto da dissertação), é bastante crítico contra consumismo, alimentos

industrializados, agronegócio e sistema financeiro. É possível conciliar esse tipo de posicionamento com interesses comerciais da TV aberta?

- Indígenas, como o próprio Ailton Krenak, têm ocupado espaços importantes nas mídias digitais. Por que esta presença, e de outras lideranças indígenas, na televisão aberta continua esporádica?
- Quais são os caminhos práticos para uma presença mais constante e ampla de indígenas na televisão aberta?

Além das perguntas, também foi solicitado um resumo da dissertação. O prazo para a resposta seria de aproximadamente 30 dias. Passado o período de 60 dias, não houve resposta por parte da TV Globo.

Como não foi possível confrontar o discurso indígena com o discurso da TV Globo, a entrevista semi-estruturada com Daniel Munduruku foi analítica em relação aos pontos encontrados na dissertação. A entrevista reverberou achados da pesquisa a partir de uma liderança indígena, discutindo alternativas para uma melhor representação e diálogo entre povos originários e a televisão aberta.

A dissertação está dividida em quatro capítulos. O Capítulo 1, “As histórias não contadas na teledramaturgia brasileira”, aponta a influência que a televisão aberta exerce sobre grande parte dos brasileiros, especialmente através da teledramaturgia. E mostra como, em um país tão diverso, as histórias contadas são predominantemente eurocêntricas com presença indígena rara e majoritariamente estereotipada. O Capítulo 2, “Ausência de vozes indígenas como fontes no telejornalismo e a campanha ‘Agro é pop’”, analisa a tradição eurocêntrica das narrativas no telejornalismo, apresentando um breve panorama da cobertura do Jornal Nacional, da TV Globo, no qual foi observada a ausência de fontes indígenas em suas reportagens. Também foram analisadas as críticas feitas por indígenas à campanha “Agro é pop”, veiculada nos intervalos do Jornal Nacional. O Capítulo 3, “Narrativas indígenas na internet e as lives de Ailton Krenak”, estuda as lives de Krenak no YouTube, levantando os principais temas e como são abordados sob uma perspectiva indígena. Trata também de como os indígenas têm utilizado a internet para uma comunicação mais direta com os espectadores, sem intermediação da mídia tradicional, permitindo que sejam protagonistas de suas histórias. O Capítulo 4, “Novos caminhos”, discute trilhas para uma maior visibilidade e melhor representação de indígenas na TV aberta, apontando os obstáculos para essa inserção e formas pelas quais podem ser transpostos. A proposta é colaborar nesse sentido, ouvindo indígenas e profissionais de

televisão, buscando acessos para estabelecer esse diálogo, entender pontos de convergência e divergência e como romper estereótipos para uma maior e melhor participação. Por fim, nas “Considerações finais”, a partir dos resultados obtidos na análise da participação indígena na TV e nas mídias sociais e de entrevista semiestruturada com o líder indígena e escritor Daniel Munduruku, buscamos entender as possibilidades e os obstáculos para o diálogo dos povos originários com a TV aberta.

1 AS HISTÓRIAS NÃO CONTADAS NA TELEDRAMATURGIA BRASILEIRA

Neste capítulo, apresentamos uma breve análise sobre a importância da televisão aberta como fonte de diversão e informação da sociedade brasileira. Analisaremos também como, dentro do universo da teledramaturgia no país, os indígenas têm sido pouco representados e sujeitos a estereótipos.

1.1 A fogueira eletrônica

Antonio Damasio (2018) fala sobre a hora mágica do anoitecer, em que os humanos se reúnem para conversar e conviver uns com os outros e ouvir histórias, um costume que tem se perpetuado há mais de 1 milhão de anos, em volta de fogueiras. A luz da fogueira fazia retardar a produção de melatonina, fazendo retardar a chegada do sono e prolongar as horas do dia: “Não é difícil imaginar conversas sobre problemas e sucessos, amizades e inimizades, relações de trabalho e amorosas, ainda que possam ter sido conversas muito simples” (p. 171).

Segundo Yuval Harari (2018), os humanos sempre se perguntaram sobre o sentido da vida e o significado da existência. Para perguntas tão complexas, não esperam respostas técnicas, mas ouvir histórias: “O Homo sapiens é um animal contador de histórias, que pensa em narrativas e não em números ou gráficos, e acredita que o próprio universo funciona como uma narrativa, repleta de heróis e vilões, conflitos e soluções, clímaxes e finais felizes” (p. 238).

Nos tempos atuais, a luminosidade da fogueira foi substituída pela luminosidade das mais variadas telas. Se antes estávamos restritos a nos reunir com a família em volta da televisão da sala, hoje, com a possibilidade de múltiplas telas, cada membro da família pode assistir ao seu próprio conteúdo na hora que quiser, em sua “fogueira” individual. Mas mesmo com a chegada da TV por assinatura, ou do streaming, o alcance da televisão aberta no Brasil ainda é muito expressivo. Para quase 80 milhões de brasileiros, sem internet ou TV por assinatura, a TV aberta é a única forma de entretenimento (FELTRIN, 2020).

Nesse sentido, quando pensamos no Brasil e nos brasileiros, quais são as histórias que são contadas para explicar quem somos, de onde viemos e para onde vamos? Ou,

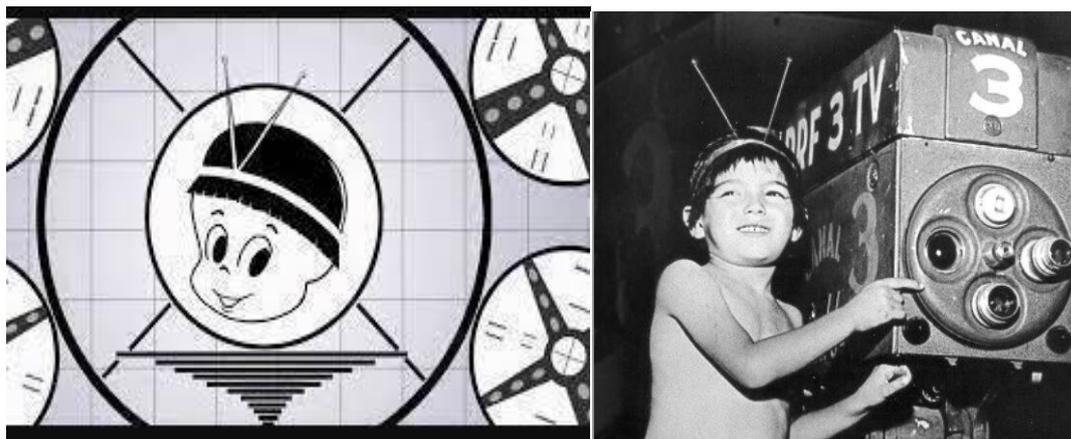
com a mesma importância, quais as histórias que não são contadas? Quais as narrativas, mitos e cosmologias que não estão presentes nas novelas?

1.2 A estética sueca da teledramaturgia

“Boa noite. Está no ar a televisão do Brasil”. A primeira fala da televisão brasileira, em 18 de setembro de 1950, foi protagonizada por uma garotinha vestida de índio, a atriz mirim Sonia Maria Dorce. A referência indígena se deu ao fato de a TV Tupi, emissora pioneira no Brasil e cujo logotipo era de um indiozinho, ter um nome que remete ao povo tupi.

A TV Tupi ficou no ar até 1980, e durante a sua existência foram exibidas 116 telenovelas. Em apenas duas delas houve personagens indígenas em seus enredos (NEVES; CARVALHO, 2019). A rara representação de indígenas na teledramaturgia se perpetua até hoje. O apagamento não se restringe aos indígenas, mas atinge toda a população não branca, resultando em um padrão estético euro-americanizado dos nossos folhetins.

Figura 1 – TV Tupi



Fonte: Foto – TV Tupi/Reprodução.

O branqueamento é confirmado por Campos e Feres (2015), que analisaram 162 novelas da TV Globo entre 1994 e 2014 e verificaram que 91,3% dos personagens centrais foram representados por atores/atrizes brancos.

Os brancos representam cerca de 91,3% dos atores e atrizes das novelas levadas ao ar nos últimos trinta anos, percentual ainda bem próximo daquilo que Joel Zito Araújo chamou de “estética sueca da TV brasileira” (Araújo,

2000). Ademais, mesmo nos casos em que pretos e pardos se fazem minimamente presentes, eles são escalados para novelas sobre temas que costumam reproduzir imagens clichês e estereotipadas deles como escravos, caipiras, favelados, pobres, pessoas do campo etc. Nenhum dos escritores ou diretores principais das novelas computadas foi considerado pardo ou preto. (CAMPOS; FERES JÚNIOR, 2015, p. 22)

Exibida em 2018, a novela “Segundo Sol” é um exemplo dessa ausência. Na época, repercutiu negativamente por se passar na Bahia e ter poucos atores e atrizes negras. A TV Globo chegou a ser notificada pela baixa representatividade de pessoas negras no elenco pelo Ministério Público do Trabalho. Em 2020, o próprio autor da novela, João Emanuel Carneiro, admitiu que errou ao não escalar mais atores negros.

Figura 2 – Segundo Sol



Adriana Esteves, Giovanna Antonelli, Emilio Dantas, Deborah Secco e Vladimir Brichta em “Segundo Sol”. Fonte: Site OTVFOCO – Globo/João Miguel Júnior/João Cotta.

Campos e Feres (2015, p. 17) reconhecem que “a Rede Globo de Televisão vem envidando esforços para aumentar a diversidade em sua programação. Novelas como “Viver a Vida”, “Da Cor do Pecado” e “Lado a Lado” foram patrocinadas pela emissora, ao menos nominalmente, com esse intuito”.

Ainda mais recentemente, também houve esforços no sentido de formar autores e autoras negras. Em 2020, em parceria com a FLUP, Festa Literária das Periferias, a emissora promoveu uma oficina de roteiro para formar e aperfeiçoar autores negros e dar ênfase a narrativas negras: “a nossa ideia é apoiar esses jovens a entrarem com mais

robustez no mercado, seja na Globo, ou em qualquer outra sala de roteiro do audiovisual”, acredita Marcia Lins, gerente de Aquisição e Desenvolvimento Artístico da Globo”.⁴

1.3 Os indígenas nas telenovelas

Se podemos acreditar em algum tipo de movimento em relação às narrativas negras, no que diz respeito às narrativas indígenas, ainda há poucos avanços. Neves e Carvalho (2019) analisaram 665 telenovelas exibidas no período de 1963 a 2016, nas principais emissoras de televisão do Brasil. Em apenas 28 dessas ficções televisivas encontraram personagens indígenas. Especificamente em relação à Rede Globo, que é a maior produtora de telenovelas brasileiras, líder de audiência e com relevância global, de 1965 a 2016, foram exibidas 297 telenovelas, sendo que apenas 21 produções trouxeram personagens indígenas em suas tramas. Neves e Carvalho apontam que as 305 etnias indígenas e suas 274 línguas nativas são tomadas com uma generalização, como se houvesse apenas um único “índio” e uma única língua (2019, p. 168).

Serão apresentados a seguir alguns exemplos de novelas e minisséries que retrataram indígenas em suas produções.

1.3.1 Uga Uga

Nas comemorações dos 500 anos de colonização, em 2000, indígenas ganharam papéis de destaque. Um exemplo é a telenovela “Uga Uga”, do horário das 19h, escrita por Carlos Lombardi e dirigida por Wolf Maya. O protagonista é Tatuapu, interpretado por Cláudio Heinrich, um ator que segue o padrão euro-americanizado. Foi contada a história de um homem branco criado por indígenas na floresta amazônica.

Tatuapu falava uma língua indígena fictícia e, ao chegar ao Rio de Janeiro, esforçava-se para aprender a língua portuguesa. Em várias cenas, os outros personagens tentavam lhe ensinar palavras simples, mas ele as repetia com bastante dificuldade. Ele também aparecia, constantemente, pulando em móveis, semelhante a um animal selvagem. Quando ainda morava na floresta amazônica, este personagem andava sempre com uma lança nas mãos. Estas cenas e o próprio título da telenovela, “Uga Uga”, nos remetem ao Uga Buga,

⁴ Disponível em: <https://telaviva.com.br/22/06/2021/globo-promove-oficina-de-roteiro-para-turma-do-laboratorio-de-narrativas-negras/>. Acesso em: 10 fev 2022.

onomatopeia que evoca em nossas redes de memórias o som emitido pelo homem de Neandertal. (NEVES; CARVALHO, 2019, p. 179-180)

Figura 3 – Uga Uga



Fonte: Reprodução Memória Globo.

Uma matéria publicada na Folha de S. Paulo na época da exibição da novela trouxe à tona críticas de indígenas ao modo como os indígenas eram retratados, como o vice-cacique Werá Kwaray:

Isso está estimulando a violência sexual contra elas. Recentemente, houve o caso dos soldados que estupraram índias ianomâmis. A Globo está incentivando o homem branco a procurar as índias nas aldeias como se elas agissem do mesmo modo que as personagens da novela.⁵

Werá Kwaray foi um dos signatários de uma carta-protesto entregue à Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados contra a trama da TV Globo.

⁵ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u6619.shtml>. Acesso em: 10 maio 2022.

Também foi criticado o modo como o pajé é retratado, pois o personagem, interpretado pelo ator Roberto Bonfim, é um trambiqueiro: “O professor Marcelo Oliveira da Silva (Werá Djekupe), 30, conta que seu trabalho de ensino da cultura indígena nas escolas e no Museu do Índio, no Rio, tem sido prejudicado por “Uga Uga”. Para Carlos Tukano, a principal crítica é em relação ao constrangimento por que passam crianças e adolescentes: “Quando nos vêem na rua começam a rir e a nos chamar de Uga Uga”. Quando questionado sobre a reação de indígenas ao assistirem a novela, responde: “Eles ríem, acham ridículo e perguntam se há outras aldeias pelo Brasil parecidas com a da novela. Não se veem representados”.

A matéria ouviu o posicionamento da Central Globo de Comunicação, que afirmou: “a novela Uga Uga é uma obra de ficção que se caracteriza pela sátira rasgada, não tendo portanto compromisso com a realidade, mas sem a intenção de desrespeitar nenhum segmento da sociedade”.

A afirmação do departamento de comunicação da TV Globo, na ocasião, menosprezava a importância da telenovela na construção de um imaginário sobre o Brasil e os brasileiros, ou, como afirma Vassalo de Lopes, na “narrativa da nação”.

1.3.2 A Invenção do Brasil

No mesmo ano, em 2000, foi exibida a microssérie “A Invenção do Brasil” (escrita por Jorge Furtado e dirigida por Guel Arraes), posteriormente adaptada para o formato de filme com o título “Caramuru - A Invenção do Brasil”. A história narra a trajetória do jovem pintor português Diogo Álvares Corrêa (Selton Mello), que em 1500 viaja com os navegadores europeus em busca do caminho para as Índias. No meio da viagem, a caravela naufraga e só o pintor chega às costas brasileiras, sendo recebido por indígenas Tupinambás interpretadas pelas atrizes Camila Pitanga e Deborah Secco, que carregavam o estereótipo de selvagens libidinosas, adeptas do amor livre.

Mabel Souza (2016) discutiu a relação entre o filme “A Invenção do Brasil” e a “historiografia brasileira na construção e perpetuação das imagens representativas sobre os povos indígenas”:

No filme, não há o menor sinal do choque violento entre as duas culturas. Pelo contrário, a chegada de colonizadores é caracterizada como momento oportuno para que os indígenas sejam beneficiados. A construção da memória coletiva sobre esses povos está sujeita a essa monologia discursiva, que, com sua potência, encobre tragédias e pacifica conflitos. (SOUZA, 2016, p. 105)

Figura 4 – A Invenção do Brasil



Fonte: Reprodução Memória Globo.

Souza também aponta que a forma como indígenas são retratados inferioriza os povos indígenas e registra na memória coletiva o preconceito contra os mesmos:

[...] o indígena, no filme, é uma figura pitoresca, ambígua, cômica, a qual raramente tem uma relação de identidade ligada às comunidades indígenas. Boa parte dos momentos cômicos da obra se baseia nessa imagem dos indígenas como preguiçosos ou promíscuos, o que revela um estereótipo propenso a ridicularizar e a desqualificar tais sujeitos. (2016, p. 104)

1.3.3 A Muralha

Também em 2000, a TV Globo exibiu a minissérie “A Muralha”, escrita por Maria Adelaide Amaral e dirigida por Denise Saraceni. Verônica Almeida (2012) analisou a representação indígena da minissérie que narra a saga dos Bandeirantes pelo interior do Brasil no século XVII. A produção contou com apoio da Fundação Nacional do Índio e

a participação de 51 indígenas Xavante do Alto Xingu, 20 Kamaiurá e 20 Waurá, além dos Guarani, incluindo homens, mulheres e crianças. Os indígenas participaram como figurantes e ajudaram na construção de três aldeias cenográficas, onde foram erguidas quatro ocas:

Apesar de a presença dos índios, o cuidado da produção e a preparação do elenco serem fundamentais para a construção de A Muralha, eles não foram suficientes para que o telespectador pudesse ter contato com uma representação dos índios menos estereotipada ou muito diferente daquela que é frequentemente exibida pela TV. (ALMEIDA, 2012, p. 3)

Figura 5 – A Muralha



Fonte: Reprodução Memória Globo.

Na narrativa, os indígenas não apresentavam resistência frente à dominação dos bandeirantes. Diz a autora: “Eram ingênuos, submissos, passivos, quase dóceis, sofrendo desde o início, sem mostrar resistência e falando de modo incompreensível para os telespectadores.” (2012, p. 6) Também foram retratados de modo uniforme, como se existisse uma só etnia:

Foram representados como agrupamentos de pessoas que falavam outra língua, usavam franjinha e viviam num outro mundo, cujas culturas não foram discriminadas. Nas aldeias ficcionais os índios dançavam e conversavam na sua língua nativa, e, embora suas falas fossem acompanhadas por gestos e expressões (que de resto não informavam muito sobre a imagem), os diálogos eram incompreensíveis, já que não havia tradução para o telespectador (ALMEIDA, 2012, p. 7)

Da mesma forma que em outras produções, indígenas não são interpretados por atores indígenas. O cacique Apingorá é interpretado pelo ator André Gonçalves, a escrava Moatira pela atriz Maria Maya e o curandeiro Caraíba pelo ator Stênio Garcia. Aos indígenas coube o papel de figurantes.

1.3.4 Novo Mundo

Figura 6 – Novo Mundo



Fonte: Reprodução Memória Globo.

Em 2017, a TV Globo exibiu a telenovela “Novo Mundo” (de Thereza Falcão e Alessandro Marson, dirigida por Vinícius Coimbra) no horário das 18h. Na trama, Piatã (Rodrigo Simas) é um jovem nascido índio, no Brasil, mas criado como europeu na

Inglaterra. Descobre-se ao conhecer a tribo dos Tucaré, aprendendo sobre sua própria origem. Casa-se com a índia guerreira Jacira (Giullia Buscacio) e se torna pajé.

Em matéria do site TV e Famosos, indígenas apontam estereótipos na telenovela. Na matéria, a atriz Silvia Nobre Waiãpi afirma que o núcleo não é verossímil:

Acho demasiado fantasioso. Cria um estereótipo pernicioso para a cultura indígena. Mesmo sendo uma obra de ficção, os personagens são muito exagerados. Cada vez que vejo não consigo definir a linha de interpretação dada, se é mais naturalista, modernista, humorística.⁶

Para Kapaí Kalapalo, também atriz, que fez participação na novela, a trama gera críticas e elogios entre os povos indígenas. Diz ela na matéria:

A maioria das tribos está assistindo. A principal crítica é sobre a fala dos personagens. Eles usam muito a terceira pessoa: Jacira vai fazer isso, Jacira vai fazer aquilo. Na tribo não tem isso. Dizemos 'eu vou fazer'. Outra coisa é a mistura de culturas. A pintura corporal, por exemplo, é xavante. Mas eles falam tupi. Existe uma mania de generalizar os índios, de achar que é tudo igual. Mas entre nós percebemos as diferenças.

O ator Aruan Kaiowá afirma que, por mais que seja uma história fictícia, a representação pode reforçar alguns estereótipos: “Em todo lugar que a gente vai a pessoa acha que a gente fala desse jeito. Pode confundir”. Já o xavante Miguelito Acosta critica a escalação de não indígenas para os papéis como origem dos estereótipos da novela.

1.3.5 Nos Tempos do Imperador

A novela “Nos Tempos do Imperador”, de Thereza Falcão e Alessandro Marson, dirigida por Vinícius Coimbra, “faz parte de uma trilogia, sendo ela a segunda edição e Novo Mundo a primeira edição”.⁷ Assim como em “Novo Mundo”, os personagens indígenas Jacira e Piatã são interpretados por atores não indígenas, Valéria Alencar e Clovys Torres.

Em sequência exibida no dia 04/09/2021, a comitiva liderada por D. Pedro II (Selton Mello) é cercada por indígenas. Para acalmar os indígenas que os ameaçam, Pedro

⁶ Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2017/06/10/indigenas-elogiam-atores-de-novo-mundo-mas-apontam-estereotipo.htm>. Acesso em: 10 fev 2022.

⁷ Disponível em: <https://observatoriodatv.uol.com.br/noticias/nos-tempos-do-imperador-e-continuacao-de-novo-mundo-entenda>. Acesso em: 06 abr 2022.

começa a dialogar em tupi com Jacira e Piatã. Um dos membros da comitiva, Tônico (Alexandre Nero), teme ser comido pelos indígenas, quando Jacira afirma em português: “não comemos carne de covarde”. Ao descobrirem que Pedro é filho de Dom Pedro e de Leopoldina, Jacira e Piatã imediatamente se tornam pacíficos. Jacira fala com um sotaque que remete aos estereótipos indígenas: “Piatã, Jacira, amigo de seu pai”. Durante o diálogo, Pedro afirma: “vocês são a origem desse país, os legítimos donos”. Em um clima amistoso, participam de uma cerimônia que envolve uma bebida alucinógena.

Figura 7 – Nos Tempos do Imperador



Fonte: Reprodução Gshow.

Chama atenção que na sequência de um único capítulo são abordadas tantas questões relativas a indígenas: o antropofagismo, a suposta amizade entre D. Pedro I e indígenas, o fato de o colonizador D. Pedro II afirmar que o Brasil pertence aos indígenas e a inclusão de um ritual com bebida alucinógena. Quem assiste ao capítulo pode fazer a leitura de que a antropofagia e o uso de bebidas alucinógenos são regra entre os indígenas brasileiros e de que existem os maus e os bons colonizadores.

1.3.6 Aritana

Neves e Carvalho (2019) destacam que a telenovela “Aritana”, exibida pela TV Tupi entre 1978 e 1979 foi a “única telenovela brasileira produzida até hoje que trouxe como trama principal a discussão de uma temática indígena” (NEVES; CARVALHO, 2019, p. 178). A novela, exibida no mesmo período das discussões sobre a demarcação

do Parque do Xingu, “contribuiu para que o telespectador brasileiro, distante dos problemas enfrentados pelas sociedades indígenas, pudesse interagir, ainda que ficcionalmente, com essa realidade” (Ibidem, p. 178).

Figura 8 – Aritana



Fonte: Reprodução Fotografia UOL.

A trama principal de “Aritana” envolvia a demarcação de terras indígenas. Filho de uma índia e de um homem branco, Aritana disputa as terras com o próprio tio, que quer vendê-las a um grupo norte-americano. Para lutar por seus direitos indígenas, Aritana deixa sua aldeia e vai para a cidade, onde consegue a posse definitiva da terra para o seu povo.

No período de exibição da telenovela “Aritana”, o contato com a narrativa de um líder indígena que vai à cidade para lutar por sua terra muito provavelmente pautou as conversas cotidianas da sociedade brasileira, que se dividiu a respeito dos direitos indígenas. A ingenuidade e determinação do personagem produziram identificação ou mesmo repulsão diante do protagonista da trama. A criação dessa telenovela fez parte das estratégias dos defensores dos direitos indígenas e contou com a participação direta dos irmãos Villas Boas. Eles e Ivani Ribeiro desejavam uma reação positiva da população brasileira em relação à demarcação do Parque do Xingu. (NEVES; CARVALHO, 2019, p. 179)

Neves e Carvalho apontam que o protagonista foi vivido por um ator não indígena com padrão de beleza europeu (Carlos Alberto Ricelli), assim como o protagonista de “Uga Uga”: “Aritana e Tatuapu exibem corpos que estão dentro do padrão legitimamente aceito em nossa sociedade sobre o que é ser belo: ambos têm a pele clara, são magros e

musculosos” (2015, p. 92). Também destacam a fala errada, recorrente nas produções televisivas, e a “maneira boba com que estes personagens se comunicam e a total falta de informação sobre as práticas cotidianas de uma grande cidade” (2015, p. 75).

Por outro lado, o Instituto Socioambiental (ISA) produziu em 1979 um dossiê com uma série de documentos da TV Tupi, cartas de indígenas, transcrições de entrevistas e matérias de jornais e revistas sobre a polêmica que envolveu a TV Tupi e indígenas do Parque do Xingu. O dossiê reproduz uma entrevista à revista Playboy de Carlos Alberto Ricelli, que interpretou Aritana. Nela, o ator conta que, depois de conhecer os indígenas, se engajou na luta para “defendê-los da exploração e das ameaças de extermínio”:

Devo dizer que, através dessa experiência, pude ampliar um conhecimento que eu só possuía superficialmente. Pude perceber com mais profundidade quais são os grandes problemas dos índios brasileiros e o que fazer para tentar solucioná-los. Foi possível verificar que os seus maiores inimigos não são, como se quer fazer crer, os pequenos posseiros, que também lutam pela sobrevivência, vítimas também da falta de espaço para plantar e comer. São, ao contrário, os grandes grupos econômicos que invadem suas terras com estradas; pastagens. São os que querem tratá-los de forma paternalista, desrespeitando seus costumes e sua cultura. São os que desejam emancipá-los e aproximá-los da civilização branca, onde só encontrarão doenças e prostituição, onde perderão a identidade nacional em troca da sobrevivência. Nós, que temos consciência disso, precisamos nos mobilizar e agir para salvá-los, antes que seja muito tarde. Para isso, devemos lutar em todas as frentes, exigindo que suas terras sejam demarcadas, cobrando sempre isso das autoridades responsáveis. (ISA, 1979, p. 67)

Enquanto Ricelli demonstrava um aprendizado na sua vivência no Xingu, a relação da direção da TV Tupi com indígenas se dava de forma conturbada, envolvendo disputas relativas a direitos de imagem, desrespeitos a costumes, filmagem de rituais, remunerações, inclusive o uso indevido e não autorizado do nome “Aritana”. Em janeiro de 1979, o diretor do Parque Nacional do Xingu, Olympio Serra, foi afastado do cargo por ter se manifestado contra a realização de cenas da telenovela “Aritana” em aldeias do Parque, além da utilização dos índios como figurantes. Serra parecia anteciper uma série de desrespeitos que foram cometidos durante as gravações. Em nome dos indígenas do Parque do Xingu, os antropólogos Eduardo Viveiros de Castro, Lux Vidal e a advogada Maria Helena de Barros Pimentel enviaram carta à Funai com as reivindicações dos indígenas em relação à TV Tupi e à novela “Aritana”:

O descontentamento dos índios com a questão referente à novela “Aritana” não é sequer fato recente. A edição da revista “ISTO É”, de 20.12.78, traz artigo de Nirlando Beirão, referente ao desembarque de Apoena Meirelles no Parque do

Xingu: os índios manifestam expressamente sua contrariedade face à novela “Aritana”. (ISA, 1979, p. 60)

Na matéria citada, o repórter Nirlando Beirão também escreve:

(os irmãos Villas Boas) Tradicionais pacificadores, conseguiram fazer o chefe Aritana sentar diante de um aparelho de TV e assistir à novela da Tupi. Aritana, autor da frase “índio não vê novela”, já admitiu, publicamente, que “esta defende terra do índio”. É possível até que a Tupi tenha minorado sua habitual mendicância de audiência, graças a um golpe promocional involuntário. (ISA, 1979, p. 61)

Apesar de a trama “defender terra do índio”, conforme afirmou Aritana, os mesmos indígenas acusaram a TV Tupi de não cumprir várias promessas que haviam sido feitas a eles para que fosse facilitado o trabalho da filmagem e afirmaram terem trabalhado sem qualquer remuneração. Representantes da aldeia, inclusive o próprio Aritana, chegaram a se deslocar para São Paulo a fim de tentar um acordo com a TV Tupi. De certa forma, o que acontecia na ficção envolvendo a luta de Aritana pelas terras se repetia fora do ar. O documento transcreve a declaração do indígena Aruiavi Trumai: “E até agora, aqui em São Paulo, a Tupi continua enrolando o Aritana. Eu tô aqui junto com eles, a Tupi continua enganando o Aritana, dizem que vão resolver ainda o pagamento do nome dele... da novela que é Aritana, mas até agora não pagaram ele” (ISA, 1979, p. 30).

O próprio Aritana, em diálogo com representantes da TV Tupi, Claudio Villas Boas e representante da Funai, demonstra a sua insatisfação por ter seu nome (uma questão sagrada para os povos do Xingu) usado como título da novela: “O problema é meu nome... não gostaria que a novela fosse chamada pelo meu nome, isso é que eu não gosto”. O documento enviado à Funai aponta desrespeitos e estereótipos da novela em relação aos indígenas:

Se os povos indígenas do Xingu, num processo de mais de trinta anos, vêm servindo de matéria prima para os meios de comunicação em geral, ora tomados como testemunhos vivos da época do descobrimento, ora como símbolos do Brasil Indígena, que a consciência nacional brasileira sente necessidade de criar, a novela da TV TUPI - ARITANA - enquanto comunicação de massa, leva esse processo à saturação, sobretudo em 2 (dois) aspectos: a. conduz os índios xinguanos à vivência tão intensificada dos seus papéis de símbolos, que permitem o acesso franco da gravação, inclusive a rituais tabuados, com montagem exclusiva para a TV TUPI; b. explora enfaticamente para brasileiros o exotismo e a ideologia de um “bon sauvage”, de extrema conveniência para a pesada consciência nacional, mas na verdade, o estereótipo que acaba expondo um símbolo no mínimo ingênuo e apatetado, com a agravante de rótulos tomados de pessoas de povos reais. (ISA, 1979, p. 5)

A antropóloga Lux Vidal, uma das signatárias do documento, reforça a posição em artigo na revista Isto É, em 20/12/1978, reproduzido pelo dossiê. Ela nega que os antropólogos haviam assessorado os criadores da telenovela:

Tudo é possível, índio vira novela e novela vira piada. Os autores de Aritana acharam de bom gosto (ou ao gosto do que está aí no ar) informar que antropólogos os haviam assessorado. Estes protestaram, pela simples razão de que a informação não tinha fundamento. Nada mais justo do que a verdade. Mas – pergunto – desde quando as novelas precisam de estudiosos para sua promoção? Será que Aritana deveria ser uma novela de verdade enquanto todas as outras são de mentira? Ou será que ela é tanta mentira que precisava de um manto de verdade para apresentar um mínimo de credibilidade? (ISA, 1979, p. 61)

Vidal também coloca que foi uma pena não ter havido diálogo, “já que há tantas histórias de índio neste Brasil para serem contadas”. A reflexão se aproxima do questionamento apresentado no início deste mesmo capítulo: quais são as histórias que são contadas para explicar quem somos, de onde viemos e para onde vamos? Ou, com a mesma importância, quais as histórias que não são contadas? Quais as narrativas, mitos e cosmologias que não estão presentes nas novelas?

1.4 Indígenas: deformação da imagem

Através dos exemplos apresentados, seria possível afirmar que a forma como os indígenas são retratados nas telenovelas tem como origem a imagem que muitos brasileiros fazem deles difundida nos livros escolares, telejornais e teledramaturgia. Como afirmam Neves e Carvalho (2015):

[...] as identidades das personagens indígenas, presentes nas tramas das telenovelas, não são fruto apenas da criatividade de seus autores e, sim, foram possíveis de ser produzidas e exibidas porque pertencem a redes de memórias historicamente construídas sobre os povos indígenas. (p. 89)

Em uma palestra, o professor José Ribamar Bessa Freire (2002) levanta que a falta de conhecimento sobre indígenas reflete na “deformação da imagem do índio na escola, nos jornais, na televisão, enfim na sociedade brasileira” (p. 2). Freire apresentou cinco equívocos a respeito de indígenas que estão incrustados na sociedade brasileira.

O primeiro equívoco apontado por Freire é de que os índios são genéricos, isto é, formam um bloco único que envolve uma mesma cultura, as mesmas crenças e a mesma

língua. Não são levadas em conta as mais de 305 etnias indígenas, com diferenças de suas línguas, religiões e histórias. Freire afirma que aceitamos a diversidade dos europeus. Apesar de serem europeus, o português ou o francês trazem diferenças particulares importantes. Eduardo Viveiros de Castro, em entrevista à *Veja* em 2010, reflete sobre o índio genérico:

[...] (as comunidades indígenas) tinham sido ensinadas a não dizer mais que eram indígenas, ou ensinadas a dizer que não eram mais indígenas; porque tinham sido colocadas em um liquidificador político-religioso, um moedor cultural que mistura etnias, línguas, povos, regiões e religiões, para produzir uma massa homogênea capaz de servir de “população”, isto é, de sujeito (no sentido de súdito) do Estado.⁸

Edson Kayapó e Tamires Brito (2014) afirmam que as escolas e currículos ajudaram a perpetuar “o mito do índio genérico – que fala o Tupy, adora Tupã, vive nas florestas etc, representado nas escolas repleto de estereótipos” (p. 39).

O segundo equívoco, segundo Freire, é julgar que as culturas indígenas são atrasadas, que não “produziram saberes, ciências, arte refinada, literatura, poesia, música, religião” (FREIRE, 2002, p. 6). Trata-se da ideia equivocada de que os conhecimentos indígenas são a negação da ciência. Freire apresenta como exemplo que não justifica essas crenças a exposição do Museu Goeldi realizada em 1992. Ali, foram documentados saberes indígenas a respeito de plantas medicinais, agricultura, uso do solo, fertilizantes naturais, manejo da pesca e astronomia.

O terceiro equívoco é o de que indígenas pertencem a culturas congeladas, que eles deveriam andar nus, no meio da floresta, com um arco e flecha. A imagem descrita por Pero Vaz de Caminha ficou impregnada para muitos brasileiros: “Na cabeça dessas pessoas, o ‘índio autêntico’ é o índio de papel da carta do Caminha, não aquele índio de carne e osso que convive conosco, que está hoje no meio de nós” (FREIRE, 2002, p. 12). Sob esse ponto de vista, o índio com celular e acesso à internet não seria um índio. Foi o caso, em 2021, do então ministro do Meio Ambiente do governo Bolsonaro, Ricardo Salles, que ironizou indígenas que usavam iPhone em uma manifestação: “Recebemos a visita da tribo do Iphone”, publicou no Instagram.⁹

⁸ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/no-brasil-todo-mundo-e-indio-exceto-quem-nao-e/>. Acesso em: 10 jul 2022.

⁹ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/rubens-valente/2021/04/20/salles-ridiculariza-indigenas-que-usam-telefones-celulares.htm>. Acesso em: 10 jul 2022. Acesso em 10 mai 2022.

O quarto equívoco é de que os índios pertencem ao passado: “os índios, é verdade, estão encravados no nosso passado, mas integram o Brasil moderno, de hoje, e não é possível a gente imaginar o Brasil no futuro sem a riqueza das culturas indígenas” (FREIRE, 2002, p. 16).

Por fim, o quinto equívoco seria afirmar que o brasileiro não é índio, que não é parte da formação da identidade do país: “não é uma questão genética, é uma questão cultural, histórica” (Ibidem, p. 21).

Como afirma o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro em sua frase antológica, “No Brasil todo mundo é índio, exceto quem não é” (2010, p. 10). Viveiros de Castro lembra a provocação de Darcy Ribeiro que afirmava que “o povo brasileiro é muito mais indígena do que se suspeita ou supõe”. Castro faz questão de afirmar que não minimiza a influência na nossa formação das populações africanas trazidas da África: “O homem livre da ordem escravocrata, para usar a linguagem da Maria Silvia Carvalho Franco, é um índio. O caipira é um índio, o caiçara é um índio, o caboclo é um índio, o camponês do interior do Nordeste é um índio” (2006, p. 10). Todos são índios também no sentido genético, lembrando que uma pesquisa da UFMG apontou que o aporte genético ameríndio na população brasileira é de 33%:

Digo que os coletivos caiçaras, caboclos, camponeses e índios são índios (e não 33% índios) no sentido de que são o produto de uma história, uma história que é a história de um trabalho sistemático de destruição cultural, de sujeição política, de “exclusão social” (ou pior, de “inclusão social”), trabalho esse que é propriamente interminável. Não é possível fazer todos os brasileiros deixarem de ser índios completamente. Por mais bem sucedido que tenha sido ou esteja sendo o processo de desíndianização levado a cabo pela catequização, pela missionarização, pela modernização, pela cidadanização, não dá para zerar a história e suprimir toda a memória, porque os coletivos humanos existem crucial e eminentemente no momento de sua reprodução, na passagem intergeracional daquele modo relacional que “é” o coletivo, e a menos que essas comunidades sejam fisicamente exterminadas, expatriadas, deportadas, é muito difícil destruí-las totalmente.¹⁰

Nesse sentido, Edson Kayapó e Tamires Brito fizeram uma provocação quando questionados por alunos de escola se os indígenas são brasileiros: “visando dar continuidade ao debate, fica a pergunta: Os brasileiros são indígenas?” (2014, p. 64).

¹⁰ Disponível em:

https://pib.socioambiental.org/files/file/PIB_institucional/No_Brasil_todo_mundo_%C3%A9_%C3%AD_ndio.pdf. Acesso em: 10 mai 2022.

Eliane Potiguara aponta como o modo como indígenas são retratadas na televisão afeta meninas e adolescentes das aldeias:

Atualmente, com o apelo da comunicação de massa, muitas meninas e adolescentes querem projetar-se nos louríssimos símbolos sexuais das grandes redes de televisão, atuais modelos de beleza brasileira que deixam os homens enlouquecidos e supérfluos. É o que acontece com centenas de mulheres indígenas que se dirigem aos grandes centros urbanos como Manaus, Belém, Boa Vista, Recife, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro e demais capitais. (POTIGUARA, 2018, p. 30)

1.5 Monocultura de histórias

Como levantado anteriormente através dos exemplos das telenovelas e minisséries, a presença indígena na teledramaturgia, além de escassa, vem acompanhada de uma série de estereótipos. A falta de representatividade é tanto causa quanto consequência de uma predominância de narrativas dentro do espectro da cultura ocidental branca, a partir do ponto de vista do colonizador.

Ao ignorar as origens e narrativas indígenas, estamos desprezando uma fonte inesgotável de histórias que fazem parte das origens e do presente dos brasileiros. Harari (2018) reflete sobre as histórias contadas a partir de um ponto de vista único:

[...] se tanto o liberalismo quanto o comunismo estão agora desacreditados, não deveriam talvez os humanos abandonar a ideia de uma narrativa global única? Afinal, não foram todas essas histórias globais — até mesmo o comunismo — produto do imperialismo ocidental? Por que deveriam aldeões vietnamitas depositar sua fé em ideias concebidas por um alemão de Trier e um industrial de Manchester? Talvez cada país devesse adotar um caminho idiossincrático, definido por suas próprias tradições ancestrais? Talvez até mesmo os ocidentais devessem dar um descanso a suas tentativas de administrar o mundo e se concentrar em seus próprios assuntos, para variar? (p. 24)

Segundo Antonio Damasio (2018), “a diversidade das etnias e identidades culturais, uma característica fundamental da humanidade, é o resultado natural dessa variedade e tende a enriquecer todos os participantes” (p. 196). Por outro lado, Damasio alerta que a diversidade “aprofunda as linhas de falha intra e extragrupo” (2018, p. 196).

As linhas que dividem a sociedade ocidental entre visíveis e invisíveis são um conceito fundamental da obra de Boaventura de Sousa Santos (2007):

[...] linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o ‘deste lado da linha’ e o ‘do outro lado da linha’. A divisão é tal que ‘o outro lado da linha’ desaparece como realidade, torna-se inexistente e é mesmo produzido como inexistente. Inexistência significa não existir sob qualquer modo de ser relevante ou compreensível. Tudo aquilo que é produzido como inexistente é excluído de forma radical porque permanece exterior ao universo que a própria concepção de inclusão considera como o “outro”. (SANTOS, 2007, p. 71)

Na televisão aberta podemos ver concretizada a inexistência do outro lado da linha no que se refere aos indígenas. Viveiros de Castro (2008) fala sobre esse apagamento dos indígenas na grande mídia:

No que diz respeito aos etnólogos – nome convencional para os antropólogos que estudam sociedades indígenas, sua pequena freqüentação das páginas e telas da mídia se deve, creio, à ignorância e descaso verdadeiramente assombrosos, manifestos pela maioria da intelectualidade (baixa, média e alta) do país, relativamente aos povos indígenas que aqui vivem. A culpa, aqui, certamente não é dos etnólogos: sua menor exposição na mídia é consequência, não causa, dessa ignorância. A impressão que tenho é que o “Brasil” até bem pouco não queria nem saber de índio, e sempre morreu de medo de ser associado, “lá fora”, a esse personagem, que deveria ter sumido do mapa há muito tempo e virado uma pitoresca e inofensiva figura do folclore nacional. Mas os índios continuam aí, e vão continuar. E, como vemos, eles começam devagarinho a ser admitidos no Brasil oficial-midiático, agora que foram legitimados na metrópole. A Amazônia precisou passar pela Europa para se tornar visível do litoral do Brasil. Antes assim. (p. 83).

No conceito de Harari (2018), as respostas para quem somos como país e a nossa vocação estão nas histórias que contamos. E, no caso do Brasil, a teledramaturgia tem grande importância nesse papel. Por isso, é fundamental uma diversidade de narrativas que vá muito além das histórias de origem branca e ocidental, aumentando as narrativas negras e recuperando narrativas da cosmologia indígena que estão perdidas em algum lugar do nosso passado e do nosso inconsciente.

Boaventura de Sousa Santos aponta que uma das dominações do colonialismo acontece em relação às epistemologias. A consequência é o esquecimento dos saberes dos povos colonizados, situados no Sul global. Cabe às epistemologias do Sul valorizar os conhecimentos que resistiram. O conceito de pensamento pós-abissal seria levar a diversidade dos povos para onde continua desprovida de representatividade. Sob esse ponto de vista, caberia o resgate de histórias dos povos originários que têm sido ignoradas.

Boaventura de Sousa Santos (2018) defende a necessidade de se ir além de um pensamento eurocêntrico através das epistemologias do Sul:

As epistemologias do Sul referem-se à produção e à validação de conhecimentos ancorados nas experiências de resistência de todos os grupos sociais que têm sido sistematicamente vítimas da injustiça, da opressão e da destruição causadas pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado. Chamo o vasto e muito diverso âmbito dessas experiências do Sul anti-imperial. Trata-se de um Sul epistemológico, não-geográfico, composto por muitos seus epistemológicos que têm em comum o fato de serem conhecimentos nascidos em lutas contra o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado. (SANTOS, 2018, p. 17)

Em uma matéria da revista Cult (2019), o ativista indígena, escritor e ambientalista Ailton Krenak foi chamado de “o tradutor do pensamento mágico”.¹¹

De fato, Krenak tem sido uma voz importante das epistemologias do Sul. Na matéria, ele chama a atenção sobre a importância de estarmos atentos a outras formas de contar a história do mundo: “Fazer essa mediação entre os que vivem fora e dentro deste mundo cheio de racionalidade é ocupar um lugar de constante conflito”. Krenak pretendeu, através do livro “Ideias para adiar o fim do mundo” (2019), compartilhar com a sociedade branca ocidental a possibilidade de enxergar outros mundos: “Se conseguirmos fazer essa comunicação, já distendemos um pouco o lugar que habitamos. Esse mundo pragmático em que a gente coexiste é um lugar de passagem de outros povos, outras mentalidades e culturas. E não existe só este mundo de concreto, ruas e cidades”.¹²

Em Revista da Bienal, Krenak questiona quais os conteúdos de histórias estamos contando para as crianças. Se as histórias presentes nos contos infantis não são meras reproduções de um mundo que não funciona mais. E se a sociedade ocidental não está refém de uma só cosmologia:

Se os adultos estão sendo julgados pelas novas gerações como ladrões de futuro, que moral que eles têm para ensinar alguma coisa para as novas gerações? Se a gente for fiel a uma das cosmologias, uma pelo menos, e a gente tem dezenas, que bom, né? Da mesma maneira que o Davi Kopenawa teve publicado A queda do céu, uma cosmologia yanomami, a gente pode fazer oitenta cosmologias. Pode fazer dos Wajãpi, pode fazer dos Krenak, dos Xavante, dos Guarani, dos Kaingang, dos Pataxó, dos Waimiri, dos Macuxi, dos Wapichana. Isso significa dezenas de mundos, e de possibilidades de leituras de mundo. Como eu vou eleger uma leitura dessas e vou oferecê-la para as crianças, de uma escola ou de uma comunidade?¹³

¹¹ Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/ailton-krenak-entrevista/>. Acesso em: 10 jul 2022.

¹² Idem.

¹³ Disponível em: <http://bienal.org.br/post/7898>. Acesso em: 10 jul 2022.

Um dos sinais mais evidentes do “mundo que não funciona mais”, na concepção de Ailton Krenak, é a catástrofe ambiental. As mudanças climáticas na Terra causadas pelo homem em uma busca incessante pelo lucro e pelo desenvolvimento trazem consequências para todos habitantes do planeta:

A mudança do clima no planeta não deixa ninguém de fora, então, mesmo que tardiamente, está sendo despertada uma consciência de que os povos originários, em diferentes lugares do mundo, ainda guardam vivências preciosas que podem ser compartilhadas. (KRENAK, 2020, p. 115)

No entanto, como veremos a seguir, na televisão aberta os pensadores indígenas ainda estão ausentes dos debates que envolvem o meio ambiente, mesmo em questões diretamente relacionadas a eles.

2 AUSÊNCIA DE VOZES INDÍGENAS COMO FONTES NO TELEJORNALISMO E A CAMPANHA “AGRO É POP”

Na grade de programação da TV Globo, o Jornal Nacional é “ensanduichado” entre as novelas das 19 horas e das 21 horas desde os anos 70.

Entre a novela das 19h e a principal, há o mais assistido telejornal do país, com 40 minutos de duração. A lógica que preside a esse palimpsesto tornou-se clássica por combinar noticiário e melodrama, ficção e realidade, cuja contigüidade tem sido objeto de análises e estudos recorrentes. (LOPES, 2003, p. 22)

Por fazer parte do conjunto da narrativa, é importante analisar a presença e representação do indígena no telejornal. O objeto do estudo é a cobertura do Jornal Nacional de um evento específico: o discurso de Jair Bolsonaro na ONU, no dia 22 de setembro de 2020. Na ocasião, o presidente acusou os indígenas de serem responsáveis pelas queimadas na Amazônia. Durante a cobertura, apesar da presença de pautas ambientais, indígenas não foram ouvidos como fontes de conhecimento.

2.1 Histórico de ataques de Bolsonaro a indígenas

Os ataques sistemáticos de Jair Bolsonaro às causas indígenas acontecem desde sua atuação como deputado, depois enquanto candidato a presidente e continuam no exercício da presidência da República. Em 23 de janeiro de 2020, no seu segundo ano de mandato, nas lives que faz às quintas-feiras em seu perfil do Facebook, Bolsonaro disse ao ministro da Infraestrutura, Tarcísio Gomes de Freitas, que estava ao seu lado: “Com toda a certeza, o índio mudou, está evoluindo... cada vez mais o índio é um ser humano igual a nós”.¹⁴

¹⁴ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/01/23/indio-ta-evoluindo-cada-vez-mais-e-ser-humano-igual-a-nos-diz-bolsonaro.htm>. Acesso em: 10 mai 2022.

Em 05 de abril de 2017, o candidato Jair Bolsonaro afirmou em palestra no Clube Hebraica do Rio “se eu chegar lá (presidência da República), não vai ter um centímetro demarcado para reserva indígena ou para quilombola”.¹⁵

Em 1998, ainda como deputado, Jair Bolsonaro afirmou em pronunciamento na Câmara Federal:

[...] a cavalaria brasileira foi muito incompetente. Competente, sim, foi a cavalaria norte-americana, que dizimou seus índios no passado e, hoje em dia, não tem esse problema em seu país – se bem que não prego que façam a mesma coisa com o índio brasileiro; recomendo apenas o que foi idealizado há alguns anos, que seja demarcar reservas indígenas em tamanho compatível com a população.¹⁶

Se retrocedermos ainda mais, é possível dar uma perspectiva histórica dos ataques de Bolsonaro a indígenas. O presidente nasceu em Glicério (região noroeste de São Paulo), município cuja fundação está diretamente ligada ao genocídio da etnia indígena Kaingang ocorrido entre os anos de 1856 e 1912, durante a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (MENDES, 2020):

Na memória das populações que passaram a habitar o antigo sertão do Bauru, a história do conflito com os índios emerge em um tempo heroico de enfrentamento da hostilidade indígena. Essa “lembrança” discursiva, real ou construída, continua a ser veiculada. Mesmo cidades fundadas bem depois da “pacificação” elaboram sua história sobre a saga de pioneiros que venceram índios “ferozes”. (MENDES, 2019, p. 239)

O texto no website do município de Glicério chama a atenção pelo fato de índios serem qualificados como “invasores”, sendo o sentido de posse da terra dado aos desbravadores e não aos povos originários:

Em meados do século XIX a família Castilho estabeleceu-se nas terras que hoje formam o Município de Glicério. Habitavam as redondezas na época os índios Coroados que, após certo tempo, invadiram as propriedades dos desbravadores, expulsando-os dali. Em 1906, decorridos trinta anos, aproximadamente, da expulsão dos primeiros povoadores, o General Francisco Glicério aproximou-se da região, trazendo os trilhos da Estrada de Ferro

¹⁵ Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/bolsonaro-quilombola-nao-serve-nem-para-procriar/>. Acesso em: 07 abr 2022.

¹⁶ Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2018/12/06/verificamos-bolsonaro-cavalaria/>. Acesso em: 10 mai 2022.

Noroeste do Brasil, hoje Rede Ferroviária Federal, e dando condições para a família Castilho voltar a habitar definitivamente suas terras.¹⁷

De acordo com Mendes (2019), os conflitos entre colonizadores e indígenas repercutiram na imprensa da época. O jornal O Comércio de S. Paulo tratou da morte do Padre Claro Marcondes Monteiro, que tentava catequizar os Kaingang na região, em editorial que exaltava o extermínio: “a única justiça que os índios poderão desde já obter é aquela que brilhou recentemente em várias localidades do Estado (de São Paulo): a ponta das baionetas e o tiro das carabinas” (MENDES, 2019, p. 231).

De Glicério, a família de Jair Bolsonaro se mudou para Eldorado, no Vale do Ribeira, onde os indígenas também eram vistos como empecilhos ao progresso econômico. Pires (2020) cita o livro “Mito ou Verdade”, escrito por Flávio Bolsonaro, filho do presidente para ilustrar o pensamento do pai a respeito de direitos indígenas: “reservas indígenas no Vale do Ribeira atravancam o desenvolvimento da região, que poderia ter sido uma outra Serra Pelada onde o pai de Jair Bolsonaro foi garimpeiro”.¹⁸

O histórico de Jair Bolsonaro é, portanto, bastante coerente com o desmonte da política ambiental e de proteção a indígenas de quando se tornou presidente. E o discurso foi reverberado para uma audiência mundial, como aconteceu em suas participações na Assembleia Geral das Nações Unidas em 2019 e 2020.

2.2 Cobertura do discurso de Bolsonaro na ONU pelo JN

Árvores centenárias sendo derrubadas, queimadas, animais silvestres feridos, enchentes, furacões, rompimento de barragens. A pauta ambiental no maior telejornal do Brasil rendia mais pelas imagens espetaculares, na concepção de Guy Debord em “O Planeta Doente” (1971) do que pelo contexto das mudanças climáticas. Mas isso mudou, principalmente, a partir da eleição de Jair Bolsonaro.

Girardi, Loose e Steigleder (2020) analisaram qualitativamente a cobertura ambiental do Jornal Nacional a partir do início do Governo Bolsonaro. As autoras identificaram que as reportagens relativas ao meio ambiente do JN passaram a ir além dos desastres e tragédias pontuais, “a partir da ‘revelação’ de que atos oficiais do Poder

¹⁷ Disponível em: <https://www.glicerio.sp.gov.br/portal/servicos/1001/historico-do-municipio-de-glicerio>. Acesso em: 04 fev 2022.

¹⁸ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/radio-piaui/retrato-narrado/>. Acesso em: 04 jun 2022.

Executivo têm implicações reais quase que instantâneas. Demarcação de terras indígenas a cargo do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento; sucateamento de órgãos ambientais” (p. 59). As autoras identificam que o telejornal ampliou a cobertura em relação a outros estudos de 2014 e 2018:

[...] o *JN* repercute e dá continuidade à pauta ambiental, destacando as consequências de desastres e passando a adotar, de pouco em pouco, um olhar que valoriza a necessidade de precaução. Trata-se de um quadro já distinto daquele apontado por Teixeira (2014), que isolava a cobertura ambiental a desastres naturais pontuais e a eventos oficiais, de duração determinada. (GIRARDI; LOOSE; STEIGLEDER, 2020, p. 59)

O discurso de Jair Bolsonaro na ONU (Organização das Nações Unidas) no dia 22 de setembro de 2020 é coerente com os ataques que vem fazendo a indígenas em toda sua trajetória política, apresentados no artigo. E a repercussão do discurso pelo Jornal Nacional no mesmo dia reforça a mudança de paradigma da cobertura ambiental do telejornal apontada por Girardi et al. (2020).

Como é tradição, o presidente do Brasil foi o primeiro a discursar na Assembleia Geral da ONU, em Nova York. Por causa da pandemia, Jair Bolsonaro se pronunciou através de uma fala gravada de 15 minutos. Defendeu ações do governo contra a Covid-19, enalteceu o auxílio emergencial e acusou mídia e opositores de fazerem uma campanha de desinformação sobre as queimadas na Amazônia e no Pantanal. Especificamente sobre o fogo que atingiu os biomas, Bolsonaro disse:

Nossa floresta é úmida e não permite a propagação do fogo em seu interior. Os incêndios acontecem praticamente nos mesmos lugares, no entorno leste da floresta, onde o caboclo e o índio queimam seus roçados em busca de sua sobrevivência, em áreas já desmatadas. (JORNAL NACIONAL, 2020, 5 min 27 s).

O Jornal Nacional repercutiu o discurso de Jair Bolsonaro na ONU no próprio dia 22 de setembro de 2020. O discurso foi dividido em trechos temáticos com as devidas repercussões. A presente análise vai se ater ao trecho específico da fala do presidente referente à questão ambiental e indígena.

Foram dedicados 3’17”, a partir do momento em que o âncora Willian Bonner anunciou “*Ambientalistas também se manifestaram sobre o discurso*”. A primeira declaração foi a reprodução de uma postagem no Twitter do deputado governista Vitor Hugo, do PSL, narrada pelo repórter Vladimir Netto: “*Discurso excepcional, reforçou*

nossa preocupação com o meio ambiente, sem desconsiderar fator econômico”. Na sequência, também na voz do repórter, o líder do PT no Senado, Rogério Carvalho: *“O Brasil perdeu oportunidade de assumir compromissos que tranquilizassem a comunidade internacional e os grandes investidores. E discurso desrespeita indígenas e quilombolas ao tentar imputar sobre eles a responsabilidade sobre as queimadas no Pantanal e na Amazônia*”. O vice-presidente Hamilton Mourão foi ouvido em uma sonora: *“o presidente abordou todos os pontos, que são pontos mais polêmicos, do momento que estamos vivendo nas relações internacionais e na situação interna de nosso país, de forma bem clara e até didática.”*

O repórter faz a passagem: *“As organizações ambientais reagiram. Afirmaram que as declarações de Bolsonaro sobre incêndios na Amazônia estão muito distantes da realidade.”* Durante a matéria, Ane Alencar, diretora do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia, afirma que *“a distribuição das terras indígenas na Amazônia representa ¼ da região. Mas o número de ‘focos de calor’ que ocorreram dentro desses territórios foi somente 7%. Então, os indígenas estão longe de representar o foco de queimadas da região”*. Em nota coberta, o WWF-Brasil critica o discurso *“negacionista da realidade do País”*. O Greenpeace segue na mesma linha: *“discurso negacionista do presidente envergonha o povo brasileiro e isola o Brasil do mundo”*. Em uma sonora, o cientista Carlos Nobre, pesquisador do Instituto de Estudos Avançados da USP, diz que *“Não é uma boa ideia transmitir um discurso em que se pareçam que incêndios são naturais ou que só populações indígenas ou pequenos agricultores são responsáveis. Estudos mostram que uma grande quantidade de incêndios são provocados pela expansão das áreas de pecuária e de agricultura”*.

A matéria termina com o repórter alertando que o *“discurso de Bolsonaro pode prejudicar a economia”*, seguido de sonora de Marcio Astrino, do Observatório do Clima: *“... o impacto disso é terrível para a imagem do país, ainda mais nesse momento em que se discute internacionalmente o acordo Mercosul – União Europeia, em que investidores ameaçam retirar dinheiro do Brasil”*.

Apesar de todos os especialistas em meio ambiente ouvidos serem críticos ao discurso de Bolsonaro, a repercussão não deu voz aos indígenas, principais alvos do presidente.

No ano anterior, o Jornal Nacional do dia 24 de setembro de 2019 já havia feito ampla cobertura do discurso presencial de Jair Bolsonaro na ONU, em Nova York. Foi

reproduzido o trecho em que o presidente responsabilizava indígenas pelas queimadas na Amazônia:

Nesta época do ano, o clima seco e os ventos favorecem queimadas espontâneas, e também as criminosas. Vale ressaltar que existem queimadas praticadas por índios e populações locais, como parte de sua respectiva cultura e forma de sobrevivência.¹⁹

Interessante observar que o discurso do presidente Jair Bolsonaro em 2019, assim como o discurso de 2020, responsabiliza os indígenas pelas queimadas na Amazônia. Já em relação às causas naturais das queimadas, há uma forte divergência. Em 2019, Bolsonaro afirmou: *“o clima seco e os ventos favorecem queimadas espontâneas”*. Em 2020, o discurso chama atenção, ao invés do clima seco, para a umidade da floresta: *“nossa floresta é úmida e não permite a propagação do fogo em seu interior”*. A comparação entre os discursos de 2019 e 2020 não foi levantada pelo Jornal Nacional. Bolsonaro também fez acusações diretas ao cacique Raoni:

[...] a visão de um líder indígena não representa a de todos os índios brasileiros. Muitas vezes alguns desses líderes, como o cacique Raoni, são usados como peça de manobra por governos estrangeiros na sua guerra informacional para avançar seus interesses na Amazônia²⁰.

Em 2019, diferentemente de 2020, o JN deu voz às lideranças indígenas na edição que repercutiu o discurso. Na reportagem, a repórter Sandra Coutinho, narra em off que líderes da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), que estavam em Nova York, criticaram o fato de o presidente ter levado a indígena Ysani Kalapalo. Cris Pankaru afirma: *“nós estamos aqui legitimados pelo nosso coletivo indígena, existem pelo menos 305 povos, pelas mulheres, por homens, por anciões, lideranças indígenas do Brasil. Nós estamos lutando há muito tempo em favor da vida, em favor da Amazônia, em favor de todos os biomas. Porque o nosso entendimento, defender a vida, não é local, é pra todo mundo”*.

Na sequência à sonora, Dinaman Tuxá completa: *“Estamos muito assustados com o pronunciamento do Bolsonaro. Não apresentou nada em concreto para combater os incêndios na Amazônia. O seu discurso na ONU foi para agradar setores econômicos”*.

¹⁹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7948847/>. Acesso em: 10 jun 2022.

²⁰ Idem.

Comparativamente a 2019, pode-se afirmar que a cobertura do JN em 2020 retrocedeu no que se refere às fontes indígenas. Uma suposição para a participação de representantes indígenas em 2019 é a de que eles estavam em Nova York e, como afirma a matéria, partiu deles a iniciativa de se pronunciarem, convocando uma entrevista coletiva. Segundo a narração em off: *“depois do discurso, líderes da Articulação Povos Indígenas do Brasil, que estão em Nova York, convocaram uma coletiva para reagir à fala do presidente”*. Os representantes indígenas dão seus depoimentos no formato de coletiva, em uma mesa com telão exibindo logo da entidade (APIB) ao fundo. Não são entrevistados diretamente pela correspondente. Na volta ao âncora do Jornal Nacional, a repercussão do discurso segue o mesmo padrão de 2020. São ouvidos ex-embaixadores, Observatório do Clima e Greenpeace.

Em relação aos ataques de Bolsonaro na ONU em 2020, da mesma forma que o Jornal Nacional, observou-se que os principais telejornais de outras redes de televisão, o Jornal da Record e Jornal da Band, também não ouviram indígenas nas matérias que repercutiram o discurso.

Na mídia impressa do dia seguinte ao discurso, 23 de setembro de 2020, a Folha de S. Paulo também não ouviu indígenas. Assim como no JN, as fontes ouvidas foram ONGs (Oxfam, Conectas, Greenpeace, Observatório do Clima, Justiça Global), políticos governistas e de oposição.

Coube a uma publicação estrangeira, a edição americana online da Reuters, dar voz a uma liderança indígena sobre o discurso. A fonte ouvida na reportagem foi a líder indígena Sonia Guajajara: *“Devemos denunciar esta catástrofe política que destrói o meio ambiente e nosso futuro”*²¹.

As mídias digitais têm se tornado uma alternativa de comunicação das vozes indígenas. No mesmo dia do discurso, a APIB publicou no Instagram o posicionamento da deputada Joenia Wapichana, na sessão virtual no plenário da Câmara dos Deputados realizada no dia do discurso: *“Joenia destacou que os povos indígenas que vivem nas florestas ocupam as áreas mais protegidas do país e contribuem para a conservação, por meio de conhecimentos tradicionais e suas formas de gestão, que têm historicamente garantido a permanência de muitas áreas com suas florestas bem preservadas. Na contramão da preservação, o governo brasileiro tem atuado no desmonte da política*

²¹ Disponível em: <https://www.reuters.com/article/uk-un-assembly-brazil-idUKKCN26D1ZF>. Acesso em: 10 mar 2022.

socioambiental, e atua claramente para fortalecer o agronegócio, o garimpo ilegal, a grilagem de terras, negando os direitos dos povos indígenas e demais povos e comunidades tradicionais.”

A APIB reproduziu na íntegra o vídeo do discurso da deputada: *“os próprios dados do INPE confirmam que as terras indígenas são as áreas mais protegidas do nosso país”*.

No próprio dia 22 de setembro, o website da APIB também deu grande destaque ao discurso. A entidade denuncia que o presidente Jair Bolsonaro *“mentiu quando relativizou as causas das queimadas na Amazônia e no Pantanal usando o argumento de que nossas florestas são úmidas e culpou povos indígenas pelos focos de incêndio, desviando a responsabilidade pelo desmatamento criminoso provocado por fazendeiros.”*

2.3 A pauta ambiental no JN na semana do discurso

Nos dias que se seguiram ao discurso, confirmando os estudos acima citados, o JN dedicou amplo espaço à pauta ambiental em matérias com causas e consequências. Na terça-feira, 22 de setembro, além da repercussão do discurso, foram exibidas matérias sobre queimadas no Pantanal e temporal no Sudeste. Na quarta-feira, não houve pautas ambientais. Uma suposição para a ausência é que nesse dia o telejornal é mais curto por causa da exibição do futebol, como afirma o âncora Willian Bonner: *“O ‘Jornal Nacional’ vai ao ar ao menos meia hora mais cedo, por causa do horário da transmissão do futebol. E aí acaba que a edição fica também mais espremida. Temos tempo a menos do que nos demais dias* (O GLOBO, 2019). Na quinta-feira, 24 de setembro, o telejornal abriu com uma grande reportagem de 8 minutos sobre a crise ambiental. Segundo o repórter André Trigueiro, *“pelas contas do IBGE, o Brasil perdeu em quase duas décadas uma área equivalente a duas vezes o estado de SP em vegetação nativa. (...) A Amazônia aparece em lugar de destaque no estudo. (...) A principal causa foi a expansão das áreas de pastagens. Logo depois veio o cerrado. O avanço da agropecuária responde por uma área equivalente ao Ceará. Percentualmente o pampa gaúcho foi o bioma que mais perdeu vegetação nativa por causa, principalmente, do crescimento das lavouras”*.

A reportagem indica os fatores responsáveis pelo desmatamento e finaliza com uma perspectiva econômica, ouvindo um diretor do Mapbiomas: *“para esse especialista em biomas brasileiros, é possível aumentar a produtividade sem destruir a vegetação*

nativa”. No mesmo dia seguiram uma matéria sobre incêndios no Pantanal e na Bahia e também uma matéria sobre operação da PF contra exploração ilegal de diamantes em reserva indígena em Rondônia. Foi ouvido um delegado da PF. Indígenas ficaram ausentes.

Na Sexta-feira, 25 de setembro, o JN abriu com matérias sobre queimadas, totalizando 6 minutos. Foram ouvidos Defesa Civil, corpo de bombeiros, brigadistas, ONGs.

No sábado, 26 de setembro, novamente o telejornal abriu com queimadas no Pantanal. Uma das fontes é um pecuarista, que dá o depoimento chorando: *“Mais uma vez o fogo nos venceu. Esta fazenda eu arrendo. E a minha também queimou. Agora tenho que buscar força em Deus, acreditar... E tocar para frente.”*

Na sequência, em matéria de um minuto, finalmente o telejornal abriu espaço para a primeira liderança indígena sobre o discurso de Bolsonaro na ONU, pronunciado quatro dias antes. A âncora do telejornal anunciou: *“o cacique Raoni se manifestou sobre o discurso que o presidente Bolsonaro fez na abertura da Assembleia Geral da ONU na terça-feira passada. Raoni criticou a política ambiental do governo Bolsonaro, dizendo que ela destrói a vida e a natureza. E afirmou que os índios estão preocupados porque eles sempre lutaram pela preservação.”*

Foi então exibido um vídeo em que o cacique aparece em pé ao lado de outro homem não identificado, com um microfone em um pedestal à sua frente. O formato difere das outras fontes ouvidas sobre o discurso. A fala de 35 segundos de Raoni, em sua língua, é traduzida por uma “voice over”, sem identificação do interlocutor, em português: *“ele diz no jornal que o índio está botando fogo no mato, na floresta. Isso é pura mentira porque quem está botando fogo são os próprios fazendeiros. Alguns fazendeiros que estão prejudicando o mato. Garimpeiro tá prejudicando o mato, a natureza. Madeireiro está prejudicando o mato, a natureza. Então eles que estão botando fogo na floresta”.*

2.4 Presença de Raoni no JN – 2019 / 2020

O cacique Raoni é uma das lideranças indígenas mais conhecidas no Brasil e no exterior. Desde os anos 80 tem sido uma voz ativa e relevante contra os desmatamentos.

No Jornal Nacional, a última reportagem sobre Raoni havia sido no dia 25 de julho de 2020, em uma matéria sobre quando recebeu alta do hospital onde estava internado. A reportagem de 1 minuto e 9 segundos conta que *“o líder da etnia caiapó estava internado*

há uma semana. Apresentava quadro depressivo depois da morte da mulher, teve anemia e úlceras no estômago". Imagens de arquivo mostram Raoni ao lado do Papa, do presidente da França, de Sting: *"Raoni ganhou fama internacional ao defender preservação da Amazônia e os direitos dos povos indígenas ao lado do cantor inglês Sting na década de 80"*. A matéria encerra com Raoni agradecendo apoio nos dias em que foi internado, com "voice over" da repórter.

A internação de Raoni havia sido noticiada pelo Jornal Nacional em matéria de 36" no dia 18 de julho de 2020. Excluindo os episódios de internação e alta, Raoni apareceu no Jornal Nacional no dia 27 de maio de 2019. Em matéria de 20 segundos, a âncora anuncia: *"O Papa Francisco recebeu hoje no Vaticano o líder indígena brasileiro Raoni. Raoni está em uma **turnê** de 3 semanas pela Europa em busca de apoio e dinheiro para ações em defesa da Amazônia. Segundo o porta-voz do Papa, o encontro também faz parte da preparação do sínodo dos bispos sobre a Amazônia, marcada para outubro."*

A narração é ilustrada por imagens de Raoni ao lado do Papa no Vaticano. A matéria chama atenção por vários aspectos. Durante a leitura do texto pela âncora na bancada do telejornal, a imagem de fundo no cenário é do Vaticano, com sua construção grandiosa, e o Papa à frente, sorridente. A imagem e o texto deixam claro a quem cabe o protagonismo da matéria: *"O Papa Francisco recebeu..."*.

Outro aspecto que vale destacar é que o texto afirma que *"Raoni está em uma turnê de 3 semanas pela Europa"*. De acordo com o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, turnê é definida como *"viagem, com itinerário e paradas pré-determinadas, de uma pessoa ou grupo de pessoas, esp. de uma companhia teatral, um conjunto musical, um artista (mimo, músico etc.) ao exterior ou pelo interior de um país; excursão artística, tour."* O termo turnê, mais usado em referências a eventos artísticos, enfraquece o sentido político da viagem de Raoni.

Em outra aparição de Raoni no Jornal Nacional, no dia 17 de maio de 2019, o âncora William Bonner também usou a palavra "turnê" para noticiar a viagem do líder indígena à Europa: *"O líder indígena brasileiro Raoni está em turnê pela Europa em busca de dinheiro para ações da defesa da floresta e dos povos da Amazônia"*. A matéria é narrada pela repórter Ilze Scamparini *"Já se passaram 30 anos desde que o cacique Raoni encantou a Europa, mostrando uma cultura até então desconhecida, ao lado do roqueiro inglês Sting. Naquela época os problemas do povo caiapó, e da maior floresta tropical do mundo, talvez não fossem tão diferentes dos de hoje. Agora, com quase 90 anos de idade, Raoni volta ao velho continente para pedir apoio para preservar a*

Amazônia da exploração sem controle e para proteger as reservas indígenas.” A única voz, além da repórter, é um pequeno trecho de Raoni discursando em um evento em português: *“Então eu venho aqui pra pedir pra vocês que tem que ajudar”*.

Raoni também foi citado em matéria do dia 01 de outubro de 2019. A repórter Zileide Silva relata o encontro de Bolsonaro com garimpeiros, em que o presidente afirma: *“o interesse (estrangeiro) na Amazônia não é no índio nem na porra da árvore, é no minério. O Raoni não fala pela aldeia dele, fala como cidadão. Não fala por todos os índios. Que é outro que vive tomando champanhe por aí”*. A repórter explica em off: *“Raoni já havia sido criticado por Bolsonaro na Assembleia geral da ONU, na semana passada. Raoni é um líder indígena reconhecido internacionalmente há décadas”*. Na repercussão, foram ouvidos o Greenpeace e um deputado de oposição, com críticas às declarações do presidente. Na volta para o Willian Bonner, ele diz: *“o Instituto Raoni informou que não conseguiu contato porque ele está em uma aldeia com acesso difícil. E declarou que só pode criticar Raoni quem conhece a história dele de luta pela preservação da vida”*.

2.5 A pouca representatividade indígena no JN

Boaventura de Sousa Santos (2020) sustenta que *“os conhecimentos do Sul global nem sequer figuram como conhecimento à luz das epistemologias dominantes”* (p. 18). Isso significa que conhecimentos que não venham do Norte global (e da ciência de origem europeia) não são valorizados. No caso do Jornal Nacional, isso se torna bastante evidente ao analisarmos as fontes, mesmo quando contrárias ao discurso do presidente Bolsonaro. O telejornal confere mais credibilidade às siglas do *“Norte global”* (como WWF ou Greenpeace) do que vozes representando etnias indígenas, já que os povos ancestrais, no conceito de Santos (2004), pertencem às epistemologias do Sul. Entre uma liderança indígena que detém um conhecimento ancestral da Amazônia e um cientista com doutorado em uma universidade, a escolha será sempre pelo segundo.

Em muitas áreas da vida social, a ciência moderna tem demonstrado uma superioridade indiscutível em relação a outras formas de conhecimento. Existem, no entanto, outras formas de intervenção no real que hoje nos são valiosas e para as quais a ciência moderna nada contribuiu. É o caso, por exemplo, da preservação da biodiversidade tornada possível por formas de conhecimento camponesas e indígenas e que, paradoxalmente, se encontram hoje ameaçadas pela intervenção crescente da ciência moderna. (SANTOS, 2007 apud SANTOS; MENESES; NUNES, 2004, p. 49)

Evidentemente, não se trata de descartar os conhecimentos da ciência ocidental, mas de aliar a ela os conhecimentos tradicionais, especialmente em pautas que envolvem o meio ambiente e os povos originários.

A exclusão de indígenas como fonte de conhecimento é um fenômeno que ultrapassa fronteiras. Asmi (2017) observa que a representação de indígenas por terceiros, além deles mesmos, alimenta estereótipos negativos: “controlar a narrativa é especialmente importante para culturas indígenas que foram previamente prejudicadas pela mídia através de estereótipos negativos e imagens tendenciosas, até mesmo nas notícias” (p. 4).

Para o líder indígena Alvaro Tukano (2006), indígenas são excluídos sistemicamente como agentes políticos. Representantes dos povos indígenas não aparecem como fontes primárias, mas intermediados pelas instituições:

Há sempre alguém, que não é do nosso povo, que fala por nós – a Funai, a igreja, a universidade ou as organizações não-governamentais. Essa intermediação tem de acabar. Nós queremos ser ouvidos pelos nossos representantes e nós temos de procurar esse espaço por meio dessa mídia, pois nós precisamos dele. (TUKANO, 2006, p.121)

No caso do presente estudo, quando o presidente Bolsonaro acusa os indígenas pelas queimadas da Amazônia, não teria fonte mais qualificada para fazer um contraponto às acusações que os próprios indígenas. Como afirma Eduardo Viveiros de Castro (2015):

[...] recusar aos índios uma interlocução estética e filosófica radicalmente ‘horizontal’ com nossa sociedade, relegando-os ao papel de objetos de um assistencialismo terceirizado, de clientes de um ativismo branco esclarecido, ou de vítimas de um denunciamento desesperado, é recusar a eles sua contemporaneidade absoluta. (VIVEIROS DE CASTRO apud KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 34)

De fato, independente de etnias, os povos indígenas têm o entendimento de que estão conectados ao ambiente como um só organismo, não há dissociação entre humanos e outros seres vivos. Nas palavras do xamã yanomami Davi Kopenawa: “Nós nascemos na mata, crescemos nela e nela nos tornamos xamãs. Ao contrário dos brancos, cuidamos dela, como nossos maiores antes de nós, porque sem ela não poderíamos viver.” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 469)

A maior abrangência das pautas ambientais pelo Jornal Nacional, observada em estudos anteriores, foi comprovada na análise da cobertura do discurso de Bolsonaro na

ONU e dos dias que se seguiram ao evento. De fato, reportagens referentes a eventos climáticos ganharam tempo de exibição, status de “hard news”, deixaram de ser tratadas como eventos isolados e foram apontadas suas causas e consequências. (GIRARDI; LOOSE; STEIGLEDER, 2020)

No entanto, o aumento de pautas ambientais no JN não se refletiu em um aumento de vozes indígenas. Como demonstrado em comparação com a cobertura do discurso de Bolsonaro na ONU em 2019, quando fontes indígenas foram ouvidas, houve um retrocesso em relação a 2020. Chama atenção que, mesmo com o crescimento das pautas ambientais, os indígenas continuam invisíveis. Na cobertura de 2020, foi observada a presença de uma única voz indígena como contraponto aos ataques de Bolsonaro e somente quatro dias depois do evento.

A leitura que se faz é que, na visão da grande mídia, especificamente no caso da análise do Jornal Nacional da TV Globo, os povos tradicionais não têm qualificação para se contrapor ao presidente. A grande mídia estabeleceu que fontes relativas ao meio ambiente são políticos, ONGs, ambientalistas e cientistas. Indígenas estão excluídos do discurso ambiental.

2.6 A campanha “Agro é pop”

Assim como a teledramaturgia e o telejornalismo, analisados anteriormente, os intervalos comerciais também compõem o conjunto uniforme de narrativa no horário nobre da TV Globo. Enquanto o Jornal Nacional dedica grande espaço às pautas ambientais, a campanha “Agro é pop”, exibida nos intervalos do telejornal (entre comerciais de bancos, telefonia e carros), faz uma ode ao agronegócio, com demonstração de força de monoculturas da soja, da cana de açúcar e da pecuária. É importante analisar a campanha, sobretudo, porque a questão da terra e da disputa com o agronegócio é fundamental para os povos indígenas. Não por acaso, a campanha “Agro é pop” é alvo de críticas recorrentes não só do próprio Krenak como de outras vozes indígenas.

A terra é o corpo dos índios, os índios são parte do corpo da Terra. A relação entre terra e corpo é crucial. A separação entre a comunidade e a terra tem como sua face paralela, sua sombra, a separação entre as pessoas e seus corpos. (VIVEIROS DE CASTRO, 2017, p. 8)

Figura 9 – Campanha “Agro é pop”



Fonte: Captura de tela – G1.

A campanha “Agro é tech, agro é pop, agro é tudo”, uma mistura de informação e publicidade, foi concebida em outubro de 2016 pelas gerências de Marketing e de Comunicação da Rede Globo com o objetivo de valorizar o agronegócio brasileiro através de uma linguagem acessível ao grande público. As peças enfatizam como os produtos do campo estão presentes no dia a dia dos consumidores e sua importância para a economia.

Segundo Ricardo Nicodemos, coordenador do projeto e diretor da agência RV Mondel, idealizadora da iniciativa, “a campanha nasceu para criar uma narrativa acessível a todas as faixas da população. Precisamos mostrar, de forma simples, o quanto valioso é o agronegócio do nosso país e conectar a extensa cadeia produtiva do agro com o consumidor. Precisamos criar relevância”.²² Ele destaca que um dos objetivos é humanizar o agronegócio. E que não se trata de “um movimento político”.

José Petrovski, gerente de Planejamento de Marketing da Rede Globo, afirmou que a emissora tinha três objetivos principais com a campanha: desmistificar o tema, valorizar o setor e aproximar a população do agronegócio: “decidimos extrapolar as barreiras do jornalismo e do entretenimento”²³. Além de uma campanha, “Agro é pop”

²² Disponível em: <https://www.bol.uol.com.br/noticias/2021/02/26/agro-e-pop-entidades-criam-acao-por-valorizacao-do-agronegocio-brasileiro.htm>. Acesso em: 12 jan 2022.

²³ Disponível em: <https://anoreg.org.br/congresso2019/index.php/2018/11/16/case-de-marketing-da-rede-globo-agro-e-pop-encerra-as-palestras-do-xx-congresso-brasileiro-da-anoreg-br/>. Acesso em: 10 mai 2022.

também é um projeto de conteúdo que atrai anunciantes através de pacotes publicitários. Atualmente, a campanha tem como patrocinadores o banco Bradesco e a montadora Ford.

Diferentes artigos e dissertações refletem sobre a campanha “Agro é pop”. Santos, Silva e Maciel (2018) constatam que o Grupo Globo difunde a ideia de que o agronegócio é a saída para o dinamismo no campo” e que o objetivo da campanha é “defender os interesses de um setor político-econômico brasileiro, apontando possíveis características positivas de sua atuação” (p. 47-48). O artigo analisa os impactos da “Revolução Verde, cujo modelo de produção ficou conhecido pela mecanização da produção, pela produção em alta escala e pelo uso intensivo de insumos químicos” (Ibidem, p. 48). Segundo os autores, a Revolução Verde propiciou um aumento da desigualdade econômica e social na zona rural, além de gerar problemas de saúde em agricultores e consumidores, e “redução dos recursos naturais por conta da poluição dos rios e da degradação dos solos” (Ibidem, p. 49). Outra questão levantada pelo artigo é o investimento em monoculturas de plantas transgênicas “que, apesar de ter feito a produtividade do setor agrícola crescer, gerou grandes problemas ambientais e sociais” (Ibidem, p. 49). Para os autores, a campanha “busca criar uma imagem moderna e positiva do sistema capitalista no campo, ao mesmo tempo em que oculta as desigualdades presentes no Brasil rural e, conseqüentemente, valoriza a concentração fundiária” (Ibidem, p. 57). O artigo também questiona a informação jornalística da campanha de que o agronegócio é o principal responsável pelos empregos e segurança alimentar do país: “o que contradiz os dados do último censo agropecuário (realizado em 2006), segundo o qual os pequenos produtores de base familiar são responsáveis por 70% da produção de alimentos e pela ocupação da maior parte da mão de obra no campo (MDA, 2009)” (SANTOS; SILVA; MACIEL, 2018, p. 57).

Seguindo a mesma linha de pensamento, Calaça (2019) estudou a campanha “Agro é pop” e observou que, apesar do caráter educativo e informativo das peças publicitárias, ela “naturaliza os impactos sociais e ambientais do agronegócio brasileiro, uma vez que há um interesse mercadológico por trás das informações que prioriza principalmente o lucro do setor” (CALACA, 2019, p. 1-2). Segundo a autora, o objetivo da campanha é mostrar a riqueza gerada pelo agronegócio, mas “a renda acumulada é para poucas pessoas privilegiadas proprietárias das terras, e não para a economia do Brasil” (Ibidem, p. 57). Calaça também levanta que a produção no campo visa principalmente a exportação e não o consumo interno, o que coloca em risco a segurança alimentar da população. Outro ponto importante trazido pelo artigo é em relação ao uso

dos agrotóxicos, omitido pela campanha: “Ainda que a publicidade tenha informado ao público que o agronegócio usa produtos biológicos para combater pragas na lavoura, pesquisas apontam que grandes ruralistas utilizam, principalmente, agrotóxicos em suas plantações” (p. 76). A conclusão é que a campanha apresenta informações didáticas em relação ao agronegócio, sendo importante para valorizar a contribuição do setor para o país, mas omite informações de efeito negativo, devendo ser vista criticamente (p. 84).

2.6.1 As origens da vocação agrícola brasileira

A campanha “Agro é pop” reforça a “tendência histórica de especialização da economia brasileira em bens primários para exportação” (SILVA, 2018, p. 48). Gerbovic (2017) analisou relatos sobre a vocação agrícola do Brasil feitos por viajantes britânicos e norte-americanos a partir do contexto imperialista do século XIX. Esses viajantes vinham ao Brasil movidos por diferentes interesses, como políticos, comerciais, botânicos e religiosos. Desde aquela época, já era apontado pelos viajantes o destino agrário do Brasil para alimentar os próprios brasileiros e também o mundo: “A dedicação à agricultura é a postura adequada às condições sociais e aos recursos naturais disponíveis em abundância no país. A dimensão da importância da agricultura no Brasil é considerada por Daniel Kidder em âmbito mundial, pois ela é útil à humanidade” (GERBOVIC, 2017, p. 166).

A tese da vocação agrícola brasileira para alimentar o mundo perpetua e é defendida pelo setor produtivo. João Martins da Silva Junior, presidente da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), narra o sucesso do agronegócio brasileiro a partir dos anos 70 em produtos como cana, soja, frango, suínos e suco de laranja: “O agronegócio vem se preparando há anos para esse desafio, para produzir e promover os alimentos que estão garantindo a segurança alimentar de milhões de pessoas em todo mundo”.²⁴

O crescimento do agronegócio no período da pandemia do coronavírus, nos anos de 2020 e 2021, foi comemorado por diferentes órgãos de imprensa. O site G1 estampou

²⁴ Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2019/05/30/internas_economia,758821/a-vocacao-internacional-do-agro-brasileiro-joao-martins.shtml. Acesso em: 10 mai 2022.

“Agronegócio cresce 24,3% em 2020 e responde por mais de um quarto do PIB do Brasil, diz CNA”.²⁵

A matéria informou que todos os setores do agro apresentaram crescimento: produção dentro das fazendas, serviços, indústria e insumos. Segundo o Estadão: “Alavanca do PIB, agronegócio vive ‘boom’ de investimentos e espalha riqueza pelo interior do País”.²⁶

A reportagem explica que a competitividade do agronegócio foi acumulada ao longo dos últimos anos. E que o setor ganhou impulso “por causa dos baixos estoques mundiais frente à demanda crescente por alimentos, especialmente grãos”. Manchete da Folha de S. Paulo diz: “Peso do agronegócio no PIB sobe de 5% para quase 7%”.²⁷ A matéria aponta números superlativos, os R\$ 209 bilhões que a agropecuária adicionou à economia no começo de 2021, acima dos R\$ 125 bilhões do mesmo período de 2020.

2.6.2 As críticas de vozes indígenas à campanha

Pensadores indígenas têm se manifestado criticamente sobre a campanha “Agro é pop”. Sônia Guajajara é uma dessas vozes:

Não é possível iludir a sociedade com o discurso hegemônico do agronegócio, ele não é ‘pop’. Ele tira vidas no campo, concentra terras nas mãos de políticos, ataca a agricultura familiar e não oferece mais que veneno nas nossas mesas e lucros gigantescos para algumas empresas.²⁸

Em 2018, o artista indígena Denilson Baniwa, também formado em publicidade, realizou a exposição “Terra Brasilis: o Agro não é pop!”. Nela, apresenta a luta entre latifúndios e povos indígenas desde a colonização. As pinturas fazem uma crítica contundente ao agronegócio.

²⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2021/03/11/agronegocio-cresce-243percent-em-2020-e-responde-por-mais-de-um-quarto-do-pib-do-brasil-diz-cna-1.ghtml>. Acesso em: 10 mai 2022.

²⁶ Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,alavanca-do-pib-agronegocio-vive-boom-de-investimentos-e-espalha-riqueza-pelo-interior-do-pais,70003736931>. Acesso em: 10 mai 2022.

²⁷ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/vaivem/2021/06/peso-do-agronegocio-no-pib-sobe-de-5-para-quase-7.shtml>. Acesso em: 10 jun 2022.

²⁸ Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/7393-o-agro-nao-e-pop-o-constante-processo-de-dizimacao-indigena>. Acesso em: 10 fev 2022.

Figura 10 – O Minotauro ou Mánhene (O veneno do mundo)



Fonte: Exposição Terra Brasilis: o Agro não é pop. Reprodução Denilson Baniwa.

Na legenda da pintura “O Minotauro ou Mánhene (O veneno do mundo)”, Baniwa afirma que só um golpe publicitário conseguiria fazer o agronegócio passar por pop. Para o artista, “o minotauro, tal como o agronegócio, prende o Brasil em seu labirinto de suposta salvação econômica. Enquanto isso o devora”.²⁹

Apesar de críticas de indígenas serem recorrentes à campanha do agronegócio, alguns fatos em 2021 repercutiram especialmente por terem sido feitos em programas de televisão. No dia 19 de abril, diferentes programas da TV aberta homenagearam a data, trazendo indígenas como convidados. Um dos destaques foi o especial “Falas da Terra”, da TV Globo, que deu voz a diferentes pensadores indígenas.

Para divulgar o “Falas da Terra”, o ativista da etnia xavante Cristian Wariu foi convidado a participar de forma online do programa “Encontro com Fátima Bernardes”. Durante a entrevista, Wariu sentenciou:

Ótima oportunidade para quem quer entender mais sobre povos indígenas, ver essa diversidade, ver a gente em diferentes espaços, cada um com sua luta,

²⁹ Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/decolonize-terra-brasilis-o-agro-nao-e-pop/>. Acesso em: 10 jun 2022.

utilizando diferentes ferramentas para estar dentro da sociedade indígena. Que possamos ter, pelo menos nesse espaço da Globo, cada vez mais “Falas da Terra”, e não “Agro é pop”.³⁰

As redes sociais imediatamente alardearam o fato de o ativista usar o espaço da própria TV Globo para criticar uma ação do canal.

No mesmo dia, Ailton Krenak participou do programa Roda Viva, da TV Cultura. Durante a entrevista, Krenak usou o espaço para criticar de forma direta a campanha “Agro é pop”:

Ciência e tecnologia podem nos proporcionar grandes saltos. No Brasil foram apropriadas de uma maneira abusada por uma classe que decidiu assaltar os territórios de uso comum e transformar em monocultura, em privilégio de controlar um certo mercado, grãos e bois. Esse é o agro, que diz que é pop, ele tá envenenando a terra, as bacias hidrográficas e ninguém fala nada.³¹

A crítica de Ailton Krenak à campanha tem sido frequente. No livro “A vida não é útil”, escreveu:

Tem essa campanha imoral de que o “agro é pop, agro é tech, agro é tudo”, na qual mostram todo o processo de industrialização, não somente de alimentos, mas também de minério. Tudo virou agro. Minério é agro, assalto é agro, roubo do planeta é agro, e tudo é pop. Essa calamidade que nós estamos vivendo no planeta hoje pode apresentar a conta dela para o agro. (KRENAK, 2020, p. 22)

Exemplo recente da calamidade que estamos vivendo no planeta citada por Krenak foram as chuvas sem precedentes, em julho de 2021, que atingiram a Europa, especialmente a Alemanha, causando mortes de pessoas e destruição de cidades. As mudanças climáticas foram apontadas como responsáveis pelos eventos por diferentes órgãos. Carlo Buontempo, diretor do Serviço de Mudanças Climáticas Copernicus, afirmou ao jornal britânico The Guardian: “Com as mudanças climáticas, a expectativa é a de que todos os extremos hidrometeorológicos se tornem mais extremos. O que vimos na Alemanha é amplamente consistente com essa tendência”.³²

O agronegócio brasileiro contribui de forma significativa para o aquecimento global. Segundo estudo realizado pela Embrapa e Unicamp, as mudanças climáticas

³⁰ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9447330/>. Acesso em: 10 mai 2022.

³¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BtpbCuPKTq4>. Acesso em: 10 jul 2022.

³² Disponível em: <https://www.theguardian.com/environment/2021/jul/16/climate-scientists-shocked-by-scale-of-floods-in-germany>. Acesso em: 10 jul 2022.

devem prejudicar o próprio agronegócio, com perdas estimadas em até R\$ 14 bilhões em 2070, comprometendo o PIB nacional.³³

Para o coordenador do estudo, Eduardo Assad, a solução seria, entre outras, investir em sistemas agrícolas mistos, abandonando a monocultura, aumentar a rotatividade de culturas e reduzir o uso de pesticidas, dos quais o Brasil é o maior consumidor mundial.

Segundo Morin, a revolução verde, ao mesmo tempo que alimenta o mundo, seleciona e multiplica imensas áreas em um único genoma vegetal:

Sob o impacto dessas vicissitudes, a monocultura sofre crise atrás de crise; os capitais investidos nos setores em crise se retiram. Com o êxodo rural, os sem-trabalho enchem as periferias urbanas. A monetarização e a mercadorização de todas as coisas destroem a vida comunitária de serviços prestados e a convivialidade. O melhor das culturas nativas desaparece em proveito do pior da civilização ocidental. (MORIN, 2003, p. 79)

Krenak traduz em um exemplo prático, em relação aos indígenas, o pensamento de Morin:

Nós estamos vivendo um tempo em que os moradores do planeta Terra não conseguem dar conta de compartilhar a vida; eles produziram muita pobreza, desigualdade. Tem gente vivendo como “refugiado ambiental”. Um refugiado ambiental é aquele que perdeu seu território, sua ecologia, seu modo de vida e teve de perambular pelo mundo sofrendo discriminação e violência, que é uma marca, também dura, deste século XXI.³⁴

O Centro de Estudos Estratégicos da Fiocruz publicou em 2018 o Atlas do Agronegócio, em que revela a expansão do monocultivo, a concentração de terras em cada vez menos produtores, aumento de uso de agrotóxicos, perda de qualidade do solo e redução de biodiversidade “em um momento de expressiva exaltação do agronegócio em propagandas veiculadas nos intervalos da programação televisiva e em salas de cinema, com slogans como ‘Agro é Tech, Agro é Pop, Agro é Tudo’”.

A publicação associa o Tech à produção de alimentos geneticamente modificados, o Pop ao consumo de alimentos com veneno e refém da indústria alimentícia. “O agronegócio é um setor de pouca transparência, em que público e privado confundem-se,

³³ Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2013/09/agronegocio-brasileiro-contribui-para-o-aquecimento-global/>. Acesso em: 06 jul 2022.

³⁴ Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/planeta-refugiados-ambientais-pandemia-ailton-krenak>. Acesso em: 10 jun 2022.

e política e interesses econômicos misturam-se, revelam ainda os dados da publicação”.³⁵

O resultado do estudo do Atlas do Agronegócio coincide com o alerta de Morin (2003):

[...] a revolução verde promovida para alimentar o terceiro mundo aumentou consideravelmente os recursos alimentares e permitiu evitar particularmente a escassez; todavia, foi preciso rever a ideia inicial, aparentemente racional mas abstratamente maximizante, que consistia em selecionar e multiplicar em áreas muito extensas um único genoma vegetal - o mais produtivo quantitativamente. Percebeu-se que a ausência de variedade genética permitia que o agente ao qual não podia resistir esse genoma dizimasse na mesma estação toda uma colheita. Precisou-se então restabelecer uma certa variedade genética a fim de otimizar e não mais maximizar o rendimento. Por outro lado, as aplicações maciças de adubos empobrecem os solos, as irrigações que não levam em conta o terreno provocam uma erosão igualmente empobrecedora, a acumulação de pesticidas destrói as regulações entre espécies, elimina espécies úteis juntamente com as nocivas, provoca às vezes a multiplicação desenfreada de uma espécie nociva imunizada contra os pesticidas; além disso, as substâncias tóxicas contidas nos pesticidas passam para os alimentos e alteram a saúde dos consumidores. (MORIN, 2003, p. 154-155)

Segundo Edgard Morin (1975), apesar de virmos da natureza, nós seres humanos nos julgamos extranaturais e sobrenaturais, agindo contra a natureza, “certificados de que nossa missão é dominá-la, sujeitá-la, conquistá-la” (p. 19). Mas o autor alerta que a natureza, apesar de um ser matriarcal, também pode ser madrastra no pior sentido, “utilizando a destruição e a morte como meio de regulação” (MORIN, 1975, p. 30).

Por esse ponto de vista, não causa surpresa a contradição de que mudanças climáticas, causadas principalmente pelo agronegócio, prejudiquem o próprio agronegócio. Para Morin (2003), o conceito de desenvolvimento sustentável é bem complexo, já que precisa conciliar o desenvolvimento, que causa aumento das poluições, com meio-ambiente, que pretende limitar as poluições.

2.6.3 Agronegócio e a crise do desenvolvimento

A sociedade ocidental é regida pela sina de que não podemos parar de crescer. A campanha “Agro é pop” é um dos muitos exemplos, com a exibição de números superlativos em suas peças publicitárias, em que o agronegócio brasileiro é associado ao

³⁵ Disponível em: <https://cee.fiocruz.br/?q=Atlas-do-agronegocio-dados-apontam-que-o-%20-Agro-nao-e-pop>. Acesso em: 10 mai 2022.

progresso e ao desenvolvimento, sem citar as agressões ao planeta.

Krenak (2020, p. 66) avalia que o sistema capitalista nos faz viciar no novo, nos lançamentos: “O capitalismo quer nos vender até a ideia de que nós podemos reproduzir a vida. Que você pode inclusive reproduzir a natureza”.

As reflexões de Ailton Krenak no que se refere à busca desenfreada pelo progresso vão no mesmo sentido que Morin quando afirma: “o mito do progresso hoje desmorona, o desenvolvimento está enfermo; todas as ameaças para o conjunto da humanidade têm pelo menos uma de suas causas no desenvolvimento das ciências e técnicas” (MORIN, 2003, p. 91).

Para Morin (2003), o mito do desenvolvimento determinou a crença de que era preciso sacrificar tudo por ele, e é preciso repensar as promessas infinitas do humanismo ocidental que busca conquistar a natureza a qualquer custo, a perseguição infinita à lei do progresso, o crescimento econômico ilimitado. É preciso repensar a finitude. Ou, como diz Krenak, a sociedade ocidental parte em uma busca obstinada pelo progresso, mas no caminho vai desprezando e destruindo tudo o que não interessa, desde a diversidade da flora, da fauna, até outros tipos de sociedade (2003, p. 10).

Estamos viciados em modernidade. A maior parte das invenções é uma tentativa de nós, humanos, nos projetarmos em matéria para além de nossos corpos. Isso nos dá sensação de poder, de permanência, a ilusão de que vamos continuar existindo. (KRENAK, 2020, p. 9)

Morin afirma que o desenvolvimento acarretou destruição de culturas rurais e milenares, que procuram resistir de forma desigual (2003, p. 80). É o que acontece com o avanço do agronegócio com sociedades indígenas, cada vez mais ameaçadas. Para Morin, a tecno-ciência é, ao mesmo tempo, locomotiva da era planetária e motor da agonia planetária. Para ele:

O mito do progresso hoje desmorona, o desenvolvimento está enfermo; todas as ameaças para o conjunto da humanidade têm pelo menos uma de suas causas no desenvolvimento das ciências e técnicas (ameaça das armas de aniquilamento, ameaças ecológicas à biosfera, ameaça de explosão demográfica). (2003, p. 91)

Segundo Morin, a ideia do desenvolvimento surgiu no pós-guerra, como um modelo de países capitalistas e socialistas para o terceiro mundo. A crise do desenvolvimento, de acordo com o autor, envolve questões culturais, civilizacionais e ecológicas (2003, p. 34). O desenvolvimento deve proporcionar progresso, e o progresso

deve proporcionar desenvolvimento. Ao atropelar questões sociais e culturais e se guiar apenas pelos fatores tecno-econômicos, “a noção de desenvolvimento se apresenta gravemente subdesenvolvida” (Ibidem, p. 78).

2.6.4 Os indígenas e a terra

Em julho de 2021 foi exibida a mais nova peça da campanha “Agro: a indústria-riqueza do Brasil”. Sobre imagens de plantações de cana de cana-de-açúcar que tomam toda a tela, o “deserto verde”, a locução anuncia: “O Brasil é o maior produtor de cana-de-açúcar do mundo”. A afirmação nos remete ao ciclo da cana-de-açúcar no Brasil Colônia, entre os séculos XVI e XVII, quando o açúcar era a base da economia colonial. Curiosamente, há 3 anos a cana-de-açúcar já havia sido protagonista da campanha e começava com uma imagem do Brasil colonial e o seguinte texto em off: “Desde o Brasil colonial, a cana ajuda a movimentar a nossa economia” e termina com “um sucesso brasileiro há quase 500 anos”.

Figura 11 – Campanha “Agro: a indústria-riqueza do Brasil”



Fonte: Captura de tela – YouTube.

Na campanha sobre a cana-de-açúcar de 2017, nenhuma menção ao trabalho escravo exibido na imagem, apenas a geração de riqueza. Já a nova versão da campanha, em 2021, complementa: “com técnicas de produção cada vez mais sustentáveis”. Mas

será possível ser sustentável através de uma monocultura que ocupa quase 25 milhões de hectares do Brasil para produzir açúcar ou etanol?

Por um lado, a produção de etanol, a partir de fontes renováveis, ajuda a combater a intensificação do efeito estufa. Mas, por outro lado, as plantações de cana-de-açúcar, mesmo com os avanços tecnológicos, causam impactos ambientais, principalmente em relação ao solo, poluição do ar e consumo de água, além dos impactos sociais (PUGLIESE; LOURENCETTI; RIBEIRO, 2017).

Analistas econômicos também são reticentes quanto às monoculturas de produtos agrícolas como solução para o Brasil. Reportagem do Financial Times (2021) afirmou: “o país se tornou um dos maiores produtores de alimentos, mas a indústria está em forte declínio”.³⁶

E alerta que somente a agricultura mecanizada, que gera pouco emprego, não seria capaz de levantar o país: “A forma como vai lidar com essas duas tendências pode determinar se o Brasil se libertará do padrão de expansão e queda [boom and bust] que remonta às suas origens como colônia de extração de recursos”.³⁷

Ao dominar a natureza através do agronegócio, produzindo alimentos e gerando riquezas, o homem não se tornou o senhor do planeta. Como diz Morin (2003), “o homem transformou a Terra, domesticou suas superfícies vegetais, tornou-se senhor de seus animais. Mas não é o senhor do mundo, nem mesmo da Terra” (p. 176).

Morin aponta que uma saída para os seres humanos é se desprender da onipotência do falso infinito e reaprender a finitude terrestre. Mudar a relação com a natureza é fundamental. Ao invés de dominá-la, arrumá-la, melhorá-la e compreendê-la. Aprender a se relacionar com o planeta Terra de outra forma, tornar-se não o piloto, mas o co-piloto da Terra.

Esse tipo de relação mais harmônica com o ambiente e o planeta vem sendo praticada há milhares de anos pelos povos originários. Em 1855, o cacique Seattle escreveu:

Nós sabemos que o homem branco não entende nosso modo de ser. Para ele, um pedaço de terra não se distingue de outro, pois é um estranho que vem de noite e rouba da terra tudo de que precisa. Trata sua mãe, a terra, e seu irmão, o céu, como coisas a serem compradas ou roubadas, como se fossem peles de

³⁶ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/nelsondesa/2021/07/so-commodity-nao-levanta-o-brasil-de-volta-indica-ft.shtml>. Acesso em: 10 fev 2022.

³⁷ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/nelsondesa/2021/07/so-commodity-nao-levanta-o-brasil-de-volta-indica-ft.shtml>. Acesso em: 20 mai 2022.

carneiro ou brilhantes contas sem valor. Seu apetite vai exaurir a terra, deixando atrás de si só desertos.³⁸

Ainda hoje, 60% dos indígenas vivem em suas aldeias no Brasil. São dependentes e protegem os recursos ambientais. Segundo o antropólogo Benedito Preziosi, a campanha com o slogan “agro é tech, agro é pop, agro é tudo” leva as pessoas a crerem que o melhor para todos é o progresso agrícola e que os índios são preguiçosos.³⁹

Estudo da revista Science mostrou que a flora amazônica é, em parte, herança de antigos habitantes indígenas, pois para viver nas florestas os povos originários desenvolveram técnicas de sustentabilidade e domesticação de espécies vegetais comestíveis.⁴⁰

Não se trata, obviamente, de abrir mão das tecnologias da sociedade ocidental, mas de aliá-las ao conhecimento tradicional, principalmente no que se refere à relação com o planeta Terra. Para Morin (2003), “precisamos doravante aprender a ser, viver, partilhar, comunicar e comungar enquanto humanos do planeta Terra. Não mais apenas a ser de uma cultura, mas a ser terrestres” (p. 177). Krenak (2020) aposta que a mudança climática está fazendo despertar “uma consciência de que os povos originários, em diferentes lugares do mundo, ainda guardam vivências preciosas que podem ser compartilhadas” (p. 115).

“Lentun in umbra”, cita Morin (2003). Ou, traduzindo, “relaxando na sombra”. Valorizar a lentidão e ampliar as possibilidades de convívio, generalizar o ano sabático em todas as profissões. Usar novas técnicas para economizar energia humana e reconsiderar a noção do trabalho. Morin diz que é preciso desacelerarmos: “Nossa civilização está doente da velocidade. A tomada de consciência da corrida louca, do risco de arrebatamento é urgente. É preciso frear, diminuir a marcha, a fim de fazer chegar um outro devir” (2003, p. 148). Para esse fim, o crescimento e a competição econômica devem ser regulados. Não por um só país, mas liderado pelas potências industriais do planeta.

³⁸ Disponível em: <https://cetesb.sp.gov.br/carta-do-chefe-seattle/>. Acesso em: 20 mai 2022.

³⁹ Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/08/26/na-contramao-do-agronegocio-terras-indigenas-lideram-preservacao-e-reflorestamentos>. Acesso em: 20 mai 2022.

⁴⁰ Disponível em: <https://www.uol/noticias/especiais/como-viviam-os-povos-da-amazonia-antes-da-chegada-dos-europeus.htm>. Acesso em: 20 mai 2022.

3 NARRATIVAS INDÍGENAS NA INTERNET E AS LIVES DE AILTON KRENAK

Este capítulo vai analisar a função política da comunicação de indígenas através da internet e como a chegada de computadores, smartphones e internet nas aldeias foi um facilitador fundamental para que os indígenas produzissem seus próprios conteúdos. Para isso, vai dialogar com pensadores indígenas e os conceitos de reprodutibilidade técnica de Walter Benjamin (1935) e virtualização e cibercultura de Pierre Lévy (1996, 1999). O capítulo também vai mostrar o aumento das lives durante a pandemia do Coronavírus e, especificamente, a intensa participação de Ailton Krenak, transmitindo o conhecimento indígena para diferentes interlocutores. Serão estudadas quatro lives em que Krenak participa, escolhidas de acordo com a relevância dos participantes e a diversidade de temas discutidos.

3.1 Davi Kopenawa: livro, programas de televisão, filmes, internet

O antropólogo francês Bruce Albert conheceu o xamã yanomami Davi Kopenawa em 1978 no extremo norte da floresta amazônica brasileira, quase na fronteira com a Venezuela, em um cenário muito distante da civilização ocidental. Aprendeu uma das línguas yanomami e de 1989 a 2000 gravou os relatos de Kopenawa, que contou ao antropólogo sobre sua vida e seu saber xamânico. As gravações foram transformadas em um livro publicado primeiro em francês, “La chute du ciel – paroles d’un chaman yanomami” (2010), e depois em português, “A queda do céu – palavras de um xamã yanomami” (2015), de autoria de Davi Kopenawa e Bruce Albert. E assim as conversas do antropólogo com o xamã yanomami na sua língua nativa, em seu habitat original, com os sons e cheiros da floresta, puderam, através dos livros, seja em francês ou português, ser lidos por leitores de todo o mundo em seus apartamentos nos grandes centros urbanos.

Desde o início de seus relatos ao antropólogo Bruce Albert na floresta, Davi Kopenawa ambicionava que suas palavras fossem ouvidas por um número ilimitado de pessoas. Ele queria que os seus saberes fossem transmitidos para muito além do seu entrevistador: “Davi Kopenawa quis, desde o início de nossa colaboração, que seu testemunho atingisse a maior audiência possível” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 43).

Em 1998, durante a participação no programa Roda Viva, Kopenawa já afirmava, através de um fato inusitado, o motivo de querer aparecer em um programa de televisão. A seguir, reproduzimos trecho da entrevista:

Paulo Markun: Esta é a primeira vez que eu faço um programa com um índio e também é a primeira vez que eu vejo tanto bichinho dentro do estúdio [câmera mostra pequenos insetos voadores ao redor da lâmpada]. Você acha que uma coisa tem a ver com a outra, que eles estão aqui por alguma razão?

Davi Kopenawa: Eu acho que esses bichinhos estão aqui comigo pra você pensar o movimento da floresta, porque dentro da floresta tem muitos desses daí. Eles também estão querendo aparecer na televisão. E também estão aparecendo como representantes da terra.⁴¹

Em 2021, em mais uma frente de comunicação audiovisual, Davi Kopenawa lançou o filme “A última floresta”, com roteiro de sua autoria em parceria com o diretor Luiz Bolognesi. Para o lançamento do filme, Kopenawa participou de uma live no YouTube promovida pelo Instituto Socioambiental (ISA) no dia 19/04/2021. A mediadora da conversa, a antropóloga Lídia Montanha Castro, ressaltou a importância do cinema para ampliar o alcance das palavras do xamã yanomami: “Que bom que depois de tantos anos de luta está aprendendo uma nova linguagem, a do cinema. E está aproveitando do cinema para levar suas palavras outros lugares, para mais pessoas”.

3.2 Ritual nas telas e a função política

Em uma das sequências mais importantes de “A última floresta” é filmado um ritual em que pajés yanomami recebem o sopro do pó yãkōana (pó alucinógeno composto da resina ou fragmentos da casca interna da árvore *Virola* sp. secados e pulverizados, com o qual xamãs aprendem a ver os espíritos xapiripë e a “responder” a seus cantos). O próprio Davi Kopenawa explica sobre o efeito do yãkoana em “A queda do céu” (2015):

A força do pó de yãkoana vem das árvores da floresta. Quando os olhos dos xamãs morrem sob seu efeito, descem para eles os espíritos da mata, que chamamos urihinari, os das águas, que chamamos mãe unari, bem como os dos ancestrais animais yarori. Por isso, apenas quem toma yãkoana pode de fato conhecer a floresta. (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 455)

⁴¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Htv5eW7mQrI>. Acesso em: 10 jul 2022.

É interessante relacionar a filmagem de um ritual indígena com o conceito de Walter Benjamin (1994): “as mais antigas obras de arte, como sabemos, surgiram a serviço de um ritual, inicialmente mágico, e depois religioso” (BENJAMIN, 1994, p. 171). Ainda segundo Benjamin, “o valor único da obra de arte ‘autêntica’ tem sempre um fundamento teológico, por mais remoto que seja: ele pode ser reconhecido, como ritual secularizado, mesmo nas formas mais profanas do culto do Belo” (Ibidem, p. 173).

Em relação ao ritual yanomami, o fundamento religioso não é remoto, mas intrínseco à cena. Benjamin associa a imagem com um sentido de valorização do culto:

A produção artística começa com imagens a serviço da magia. O que importa, nessas imagens, é que elas existem, e não que sejam vistas. O alce, copiado pelo homem paleolítico nas paredes de sua caverna, é um instrumento de magia, só ocasionalmente exposto aos olhos dos outros homens: no máximo, ele deve ser visto pelos espíritos. (BENJAMIN, 1994, p. 173)

No caso do ritual yanomami, também configura um instrumento de magia. Mas seus xamãs, intencionalmente, quiseram que fosse exposto para ser difundido em larga escala. A decisão da exposição faz com que o ritual adquira uma práxis política (BENJAMIN, 1994, p. 171-172). A intenção de Davi Kopenawa de fazer com que sua cultura atinja um grande número de pessoas tem a função política para que ela seja preservada.

O fotógrafo Edgar Nunes Correa, o Edgar Kanaycõ, é o primeiro indígena mestre em Antropologia pela UFMG. Em “Etnovisão – O olhar indígena que atravessa a lente” (2019), reflete sobre a filmagem de rituais:

Por volta de 1998, surge pela TV CNN Futura o programa *Tarú Andé*, idealizado pelo líder indígena Ailton Krenak. O programa tinha como objetivo produzir documentários sobre os povos indígenas de Minas Gerais, ou, pelo menos, sobre os povos que eram reconhecidos na época: Krenak, Maxakali, Pankararu e Xakriabá. Ao tratar-se dos Xakriabá, o impasse era justamente em torno do que deveria ser mostrado sobre o povo que demonstrasse que ele “era realmente indígena”. (KANAICÕ, 2019, p. 49)

Kanaycõ conta que os Xakriabá viveram um impasse: deveria ser mostrado um ritual secreto a que poucos tinham acesso? Houve negociações, até o cacique defender que era importante, pois tal filmagem comprovaria que “aqui tem índio de verdade e nós existimos” (Ibidem, p. 50). Mesmo com a discordância de alguns, foi possível filmar o ritual. Da mesma forma que em “A última floresta”, a filmagem do ritual teve um fim

político.

Ainda segundo Kanaycõ, assim como a filmagem, a reprodução da gravação na aldeia também segue a mesma lógica de restrições sobre quem deve assistir ao filme. Isso significa que a força do ritual permanece todas as vezes que for exibido. De certa forma, foi como a experiência narrada por Ailton Krenak. Durante a live do lançamento de “A última floresta”, ele contou que assistiu à estreia do filme pela plataforma do festival onde foi exibido, via web, “junto com centenas de outras pessoas que estavam no mesmo momento online”.⁴²

Sobre a sequência do ritual, Krenak relata que, mesmo a distância e em outro tempo de quando foi realizado, sentiu a força daquele momento: “Porque toda força do xabori (palavra yanomami para xamã) está passando na atmosfera do planeta”.

Sobre o sentido político de divulgar o ritual através do cinema, Kanaycõ afirma que as gravações em fotos e vídeos pelo movimento indígena de luta e resistência pode ser visto como um grande ritual de guerra. Ele narra sobre o Acampamento Terra Livre (ATL), em 2017, que reuniu milhares de lideranças indígenas de diversas etnias em Brasília para exigir direitos.

Na marcha, então, temos, de um lado, o Estado armado com seus aparatos de guerrilhas e, do outro, os indígenas com suas armas de guerra, quando entoam cantos ritmados no passo das danças, se pintam. Ou seja, como se estivessem realmente num ritual e numa guerra. Todos se organizam em grupos. Aqueles que carregam as bordunas se postam horizontalmente na linha de frente. Em seguida, vêm as pessoas empunhando lanças, arcos e flechas. Logo após, estão aqueles com maracás, que, simultaneamente, dançam, cantam e rezam. À frente e também no meio de cada um desses grupos dispostos, há faixas que descrevem frases das principais reivindicações dos povos indígenas, sendo a principal delas “Demarcação Já”. De um lado, nota-se uma tímida presença da imprensa oficial na cobertura do movimento. Por outro lado, por parte dos próprios indígenas, há um grande número de pessoas fazendo registro audiovisual por meio dos mais variados tipos de câmeras fotográficas, amadoras, profissionais, semiprofissionais, filmadoras e, claro, por meio de muitos celulares. Desta forma, enquanto alguns indígenas estão empunhando seus arcos, flechas, bordunas, faixas e maracás, outros estão empunhando seus equipamentos de audiovisual, suas armas de luta. Mais tarde, esses registros funcionam como memória desses momentos de lutas, quando são exibidos muitas vezes nas aldeias para aqueles que não puderam estar presentes na marcha e no acampamento. Outra parte desses registros é postada na internet e nas redes sociais, e é difundida por um grande número de indígenas. Torna-se uma imagem em movimento. (KANAICÕ, 2019, p. 94)

⁴² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=16YDWDufBpQ&t=5435s>. Acesso em: 10 mai 2022.

Figura 12 – Fotógrafo / Caçador



Fonte: Arquivo Instagram - Edgar Kanayko.

Na concepção de Kanaycõ, “a câmera enquanto objeto/corpo pode ser comparada ao arco, o ato de disparar/clicar ao lançar a flecha, a imagem captada à caça e, por sua vez, o cineasta/fotógrafo ao caçador” (2019, p. 96). Kanaycõ também conta que na língua dos Xakriabá, a palavra *hêmba* significa espírito, alma e também pode significar imagem, fotografia: “Para nós, e isso não é diferente para muitos povos indígenas, a fotografia também revela o que os olhos não podem ver. Por isso a imagem captada através de uma câmera tem grande influência para o povo indígena” (Ibidem, p. 54).

Ailton Krenak (2020) afirma que a imagem sempre foi um enigma para os povos da floresta:

Em algumas das línguas indígenas a palavra para fotografia é a mesma palavra para fantasma. Então assim tem um mistério... Algumas dessas pessoas antigas vivendo na floresta, eles não se permitiram fotografar. Se alguém quiser tirar uma fotografia da pessoa, ele ficava intimidado e eles achavam que fotografia rouba o espírito. (KRENAK, 2020)

3.3 Indígenas e o audiovisual

O audiovisual tem sido fundamental para os indígenas ampliarem suas vozes. O projeto precursor na área de produção audiovisual indígena no Brasil é o Vídeo nas Aldeias (VNA), criado em 1986 pelo antropólogo Vincent Carelli. O VNA se tornou um centro de produção de vídeos e uma escola de formação audiovisual para povos indígenas:

O objetivo do projeto foi, desde o início, apoiar as lutas dos povos indígenas para fortalecer suas identidades e seus patrimônios territoriais e culturais, por

meio de recursos audiovisuais e de uma produção compartilhada com os povos indígenas com os quais o VNA trabalha.⁴³

Segundo Ailton Krenak (2020), o Vídeo nas Aldeias revolucionou a experiência de jovens indígenas com o audiovisual, que só conheciam a câmera fotográfica nas mãos de um fotógrafo visitante das aldeias. Edgar Kanaycõ confirma a importância do VNA: “foi possível a introdução do mundo da linguagem audiovisual junto aos indígenas, abrindo um novo caminho e modos de ver o mundo através da lente” (2019 p. 15).

Apesar da iniciativa bem-sucedida do VNA, a produção de filmes e vídeos não é simples. Requer conhecimento técnico dos equipamentos e processos, como produção, roteiro, gravação, edição, pós-produção. No caso do Vídeo nas Aldeias, foi fundamental a intermediação do idealizador do projeto, o antropólogo e documentarista francês Vincent Carelli. De certa forma, algo semelhante ao que ocorreu com o livro de Davi Kopenawa através de Bruce Albert.

A chegada de computadores, smartphones e internet nas aldeias foi um facilitador fundamental para que os indígenas produzissem seus próprios conteúdos. Ailton Krenak coordenou, a partir de 2003, a iniciativa Rede Povos da Floresta. O Comitê para Democratização da Informática foi criado com o objetivo de interligar, via internet, aldeias indígenas brasileiras. Para isso, foi firmada uma parceria com a StarOne, uma grande empresa de soluções via satélite do Brasil.

Hoje não é mais necessário que um antropólogo adentre a floresta para ouvir indígenas e transformar suas palavras em livros ou filmes. Munidos de smartphones, podem fazer transmissões direto de suas aldeias (ou de um centro urbano), ao vivo, quando bem entenderem.

Se antes você tinha que viajar com uma caixa com uma câmera e um aparato de bateria e outros acessórios para você captar imagens fora do centro urbano, agora você pode fazer isso com um aparelho que recarrega com a bateria solar. Então nós temos muito mais facilidade de alcançar aquele desejo de um menino, ou uma menina, de documentar o mundo. De contar a história do mundo a partir do seu bairro, da sua perspectiva, da sua escola, da sua aldeia.⁴⁴

Em 2020, Ailton Krenak ministrou uma masterclass via internet chamada “Já me transformei em imagem”. Na aula, ele reflete sobre a apropriação do audiovisual pelas

⁴³ Disponível em: <http://videonasaldeias.org.br/2009/vna.php>. Acesso em: 05 jun 2022.

⁴⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CgLYoxPyjvA>. Acesso em: 05 jun 2022.

comunidades indígenas. O título é referência ao documentário do cineasta huni-kuin Zezinho Yube, produzido pelo Vídeo nas Aldeias. Para Ailton Krenak, o senso comum pensa a fotografia e o vídeo como uma atividade inacessível e de difícil compreensão para quem vive na floresta. Mas o que ocorreu foi o oposto dessa percepção:

As comunidades foram percebendo que o uso dessas novas tecnologias a partir da fotografia, do vídeo, da imagem animada, tem uma relação muito pacífica com povos que não têm a tradição da escrita, da leitura, mas que têm a tradição da oralidade. Gente que gosta de contar histórias por valorizar as suas memórias. Cultivam a prática de ficar horas contando histórias, ou dias contando histórias. Entendem que contar uma história cria sociabilidade, amplia o nosso próprio Horizonte e adia de alguma maneira o fim do mundo.⁴⁵

Krenak reflete sobre as suas incursões no audiovisual, seja como roteirista, ou como apresentador. Lembra da série "Índios no Brasil", uma encomenda do Ministério da Educação, exibida pela TV Escola, dirigida por Vincent Carelli, do Vídeo nas Aldeias, e apresentada pelo próprio Krenak. A série tratava de várias questões indígenas, como identidade, línguas, costumes, a briga pela terra, integração com o meio ambiente, direitos. Foram dez programas de, aproximadamente, 20 minutos cada. A série teve a intenção de expor o descompasso entre a imagem do índio genérico no imaginário da nação e a realidade de vários grupos indígenas, como ashaninkas, kaxinawás, baniwa, krahô, maxacali, pankararu, yanomami, kaiowá e kaingang.

Na masterclass, Krenak também cita o documentário "Ailton Krenak e o sonho da pedra", dirigido por Marco Altberg. O filme é uma biografia que traça o pensamento e a trajetória de Ailton Krenak. Segundo Krenak, o documentário é um exemplo de como jovens indígenas podem transformar a história de pessoas próximas em um filme, que pode ser captado via celular. Krenak estimula que os jovens contem histórias através do audiovisual porque, por esse meio, podem alcançar muita gente, como os mais velhos e as crianças que não conseguem ler: "eu sempre privilegiei o audiovisual quando eu tive que produzir alguma comunicação dirigida a um público amplo. Porque eu acho que ele tem essa maravilhosa capacidade de afetar a diferentes faixas de idade e também a diferentes experiências de formação".

Krenak conta que há alguns anos foi convidado pela Secretaria da Saúde de Minas Gerais para fazer um diagnóstico sobre o risco de contágio de HIV nas aldeias indígenas do Estado:

⁴⁵ Idem.

[...] eu pleiteei a ideia de que a gente trabalhasse todo o processo de informação, consulta e consolidação dos dados sobre o diagnóstico, trabalhando com audiovisual. Foi uma surpresa para o pessoal da Secretaria de Saúde que eu insistisse em usar o audiovisual, porque aqueles profissionais da Saúde estavam acostumados a produzir relatórios. Mas eles não cogitavam compartilhar aquele material com público que não sabia ler. Mas nós queríamos que aquela informação fosse aberta para todas as comunidades e a experiência de ter feito este diagnóstico em audiovisual foi um aprendizado muito importante para mim e para os outros profissionais da saúde que estiveram engajados nesta iniciativa.⁴⁶

Para Krenak, o audiovisual é uma ferramenta muito importante para as pessoas que vivem seus cotidianos em comunidades, pois podem socializar experiências culturais para além da própria comunidade. Segundo ele, baseado em sua própria experiência, o audiovisual como ferramenta discursiva pode fortalecer a ação no campo em que cada um atua: “viva o audiovisual!”.

Figura 13 – Krenak na Constituinte de 1987



Fonte: Captura de tela – YouTube.

Krenak descreve a sua participação histórica na Constituinte de 1987 como um filme. Conta que tinha apenas 10 minutos para convencer um Congresso conservador a

⁴⁶ Idem.

mudar a opinião a respeito dos direitos indígenas. Em um tempo tão curto, sabia que não iria convencer os congressistas apenas com palavras:

[...] o gesto emblemático que ficou configurado nesse filme, do Ailton pintando o rosto de preto, teve a capacidade de síntese daquela frase que diz que uma imagem vale mais que mil palavras. Então eu acredito que a espontaneidade que me levou a escolher a performance teve a capacidade de determinar a vitória do nosso Capítulo dos direitos indígenas na nossa Constituição.⁴⁷

Krenak conta que essa imagem rodou o mundo. Em 2019, pediram a ele a autorização para que o filme fosse exibido em uma mostra cultural em Seul, na Coreia do Sul. Em um painel de 30 metros, as pessoas podiam acionar através de um botão o discurso com a tradução: “mais de trinta anos depois do gesto, ele demonstrou a duração de uma imagem”.⁴⁸

3.4 Indígenas nas redes

Levar as palavras para um grande número de pessoas através das tecnologias existentes é uma posição defendida por diferentes pensadores indígenas. A internet se tornou aliada dos povos originários para furar o domínio audiovisual antes restrito a pequenos grupos que dominam a grande mídia.

Álvaro Tukano (2017) acredita que a tecnologia é fundamental para perpetuar a imagem de líderes de povos indígenas para gerações futuras: “Eu sou defensor do uso de alta tecnologia para que os índios possam se libertar, falando diretamente com as pessoas que se interessam e que se dediquem à questão de preservar as culturas dos povos tradicionais” (p. 72). Sonia Guajajara segue o mesmo pensamento:

[...] logo mais nós vamos dispensar essas redes tradicionais de comunicação, porque as redes sociais estão avançando muito. Estão chegando em todos os cantos. Até nos lugares mais distantes estão conseguindo colocar um sinalzinho de Internet e está se podendo acessar essas redes alternativas. (2017, p. 198)

É o que também defende Ailton Krenak no livro “Encontros” (2015):

Só na década de 1990 o aparelho de televisão fica mais banal, e depois com o advento do vídeo e do celular e tudo, aí foram explodindo todas essas telas na cara de todo mundo. Mas a tela pela qual a gente lutava para ocupar um milímetro dela era muito mais rígida, dura. Hoje a tela está líquida, a tela de

⁴⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CglYoxPyjvA>. Acesso em: 05 jun 2022.

⁴⁸ Idem.

que quebramos um canto para entrar era de pedra. Hoje é líquida, porque eu mesmo posso gerar a minha imagem, o conteúdo e disseminar ele por aí, mandar como um vírus. Antes não havia essa possibilidade, estávamos num bloco tão fechado que, ou éramos aceitos pelo editor, ou não íamos ao ar. Podia ser Tupi, a Record, o Canal Brasil, a Globo, a Bloch, o que for. Na revista Manchete entrava quem o dono deixava entrar. (COHN, 2015, p. 247)

O próprio Ailton Krenak é um exemplo de quem conseguiu “furar a bolha” da grande mídia. O líder indígena, que se tornou nacionalmente conhecido na Constituinte em 1987, permaneceu praticamente ausente dos grandes meios de comunicação. Mesmo com o sucesso do livro “Ideias para adiar o fim do mundo” (2019), que atingiu a lista dos livros mais vendidos, Ailton Krenak não foi convidado para nenhum programa da TV aberta durante o ano de 2019. Mas com a pandemia do Coronavírus começou a participar como convidado de lives via internet, em redes sociais de jornalistas, cientistas, influenciadores e grandes instituições.

3.5 Cibercultura

Pierre Lévy (1996) aponta a possibilidade de se romper fronteiras através do virtual: “Quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam ‘não-presentes’, se desterritorializam” (p. 21). Segundo Lévy, o virtual nos torna nômades. Podemos ir de um universo a outro apenas por um clique. Essa experiência é especialmente revolucionária para os indígenas. Através do virtual, sem sair de suas aldeias, podem denunciar para todo o mundo violações ambientais e difundir sua cultura. Dessa forma, o virtual aproxima indígenas de outras civilizações às quais não tinha acesso, quebrando estereótipos. Um caminho de mão dupla. Para ele, “os espaços se metamorfoseiam e se bifurcam a nossos pés, forçando-nos à heterogênesse” (LÉVY, 1996, p. 23).

Lévy (1999) previu uma expansão vertiginosa do cyberbusiness, mas afirma que a crítica da aceleração da globalização e concentração de poder econômico através das big techs não deve excluir as possibilidades de o ciberespaço ser colocado “a serviço do desenvolvimento individual ou regional, usado para a participação em processos emancipadores e abertos de inteligência coletiva” (p. 221). Um exemplo dessas possibilidades apontadas por Lévy é a comunicação indígena através da internet, usando plataformas das big techs, como YouTube, Instagram e Facebook.

Diferentemente das grandes redes de televisão, das quais eram excluídos ou inseridos de acordo com os interesses dos donos, através da internet os povos originários podem se comunicar a partir de seus locais de origem, sem intermediários. Segundo Lévy, apesar de os telespectadores de televisão compartilharem com outros milhões de pessoas simultaneamente os programas que assistem, “as mídias não permitem a comunicação entre aqueles que percebem a mesma ‘realidade’” (LÉVY, 1999, p. 224). Indo ainda mais além, quando falamos de televisão aberta, os conteúdos são impostos. Não podemos assistir ao que queremos. “Com a TV, participamos em conjunto, mas sem que possamos nos harmonizar com o sonho, ou pesadelo, de outra pessoa” (Ibidem, p. 224).

Já no ciberespaço, segundo Lévy, a difusão não se dá a partir de um emissor central, mas de “um universo de informações, onde cada um contribui explorando de forma própria, modificando ou estabilizando” (p. 224). Apesar de alertar sobre grupos mal intencionados, o autor exalta a diversidade possibilitada pelo ciberespaço: “reencontramos aqui a diversidade, a complexidade e algumas vezes a dureza do real, mil léguas distante do mundo arranjado, convencional ou encenado que as mídias secretam” (Ibidem, p. 225). Dessa forma, é muito mais difícil executar manipulações em um espaço onde todos podem emitir mensagens e onde informações contraditórias podem confrontar-se do que em um sistema onde os centros emissores são controlados por uma minoria. De fato, a participação de indígenas como convidados em lives, ou produzindo seus próprios conteúdos, permite que não fiquem sujeitos à edição. Ao ter a sua participação gravada, os cortes ficam sob o poder do grupo de mídia, que pode usar essa fala da forma como lhe convém.

Lévy afirma que “um dos principais significados da emergência do ciberespaço é o desenvolvimento de uma alternativa às mídias de massa” (1999, p. 239). Por mídia de massa, Levy entende “dispositivos de comunicação que difundem uma informação organizada e programada a partir de um centro, em direção a um grande número de receptores anônimos, passivos e isolados uns dos outros” (Ibidem, p. 232).

Especificamente sobre o YouTube, Jenkins (2008) afirma que a plataforma emergiu como “um site fundamental para a produção e distribuição da mídia alternativa – o marco zero, por assim dizer, da ruptura nas operações das mídias de massa comerciais” (p. 346). O autor ressalta ainda que o YouTube “estimula novas atividades de expressão” (Ibidem, p. 284).

A presença nas mídias digitais de vozes e discursos anteriormente silenciados não se restringe ao ciberespaço. Valente (2018) levanta a possibilidade de as redes sociais

exercerem influência sobre a mídia tradicional: “vozes historicamente silenciadas ganharam palanque; no Brasil, claramente, debates sobre questões de gênero, questões raciais e de orientação sexual eram sufocados, encontraram expressão e público nas redes sociais, e passaram a pautar a mídia e a política tradicionais também” (p. 128).

Apesar das possibilidades do uso das redes por grupos, como os indígenas, Evgeny Morozov afirma que os sonhos utópicos de uma internet democratizante não se sustentam mais: “a aldeia global jamais se materializou – em vez disso, acabamos em um domínio feudal, nitidamente partilhado entre as empresas de tecnologia e os serviços de inteligência” (2018, p. 15). Segundo Morozov, as tecnologias e ideologias promovidas na cibercultura são, em grande parte, norte-americanas: “o Vale do Silício encampa a mesma retórica da emancipação por meio do consumo, mas de maneira bem mais sinistra” (Ibidem, p. 19). Isto quer dizer que as ferramentas para enfrentar o Vale do Silício e suas ideologias são produzidas pelo próprio Vale do Silício. Um mundo em que o consumidor vale mais que o cidadão: “o êxito do Vale do Silício tornou-se a narrativa preponderante do próprio capitalismo contemporâneo” (Ibidem, p. 20).

Morozov aponta como um erro o debate sobre internet se restringir ao campo do “digital”. Para ele, o debate deveria ser “político” e “econômico”. Isso porque as críticas que colocam no mesmo campo Vale do Silício e digital podem parecer críticas à informação, à tecnologia e à própria internet.

O autor é categórico ao afirmar que “não existe ‘ciberespaço’ e o ‘debate digital’ não passa de um monte de sofismas inventados pelo Vale do Silício que permitem aos seus executivos dormirem bem à noite” (MOROZOV, 2018, p. 42). Ainda segundo Morozov, big techs, como o Facebook, estão interessadas em inclusão digital em função do dinheiro que arrecada como os dados dos usuários.

A detenção de dados de usuários implica a “regulação algorítmica” que, segundo Morozov, é celebrada por intelectuais do Vale do Silício como uma alternativa à regulação normal. Em tese, a inteligência artificial saberia mais que os usuários seus gostos e preferências, inclusive políticas. Mas, por sua vez, os algoritmos carecem da “capacidade de narrar a realidade a partir de determinado ponto de vista histórico e ideológico” (2018, p. 142): “A política que coloca a IA no centro de suas operações nos promete perfeição e racionalidade. Ao fazer isso, contudo, ela aplaina a imensa complexidade das relações humanas, simplificando narrativas complexas em regras algorítmicas concisas e explicações monocausais” (MOROZOV, 2018, p. 143).

Morozov faz um paralelo entre o “extrativismo de dados” e o extrativismo de recursos naturais de empresas de energia e commodities: “a premissa-chave do extrativismo de dados é a que os usuários são estoques de informações valiosas” (Ibidem, p. 165). O autor afirma que as big techs escavam nossas psiques assim como as empresas de petróleo escavam o solo.

Uma questão apontada por Morozov é que a tecnologia não é uma arma nas mãos dos fracos e pobres, mas sim uma arma apontada para eles. Sem levar em conta essa oposição, não levaremos em conta o “extrativismo de dados”. O autor faz a ressalva que se refere a como a tecnologia é manipulada hoje. Mas que, usada de outra forma, pode ser uma aliada dos fracos e pobres.

Para romper o monopólio da narrativa das empresas de big tech, difundidas através da mídia, museus, institutos de pesquisa, “cabe aos artistas, por outro lado, se empenharem ao máximo não só para repercutir essa temática distópica, mas também para articular uma visão do futuro que não se restrinja a um consumismo sem nenhum atrito” (MOROZOV, 2018, p. 175). Morozov conclui que é possível um “tecnoutopianismo realista”, isto é, “recuperar o papel da tecnologia como uma força emancipatória, que não se limita ao papel neoliberal que lhe é atribuído pelo Vale do Silício” (Ibidem, p. 181).

Mais do que fazer um contraponto entre a visão otimista de Pierre Lévy em relação à cibercultura e a crítica às big techs de Morozov, interessa a este estudo apontar as possibilidades da mídia digital para que indígenas possam romper o controle de emissão das redes de televisão. Ou seja, o potencial das mídias digitais como alternativa para a produção de conteúdo que descentraliza o rígido controle editorial das TVs. Como afirma Lemos:

[...] a tecnologia digital proporciona, assim, uma dupla ruptura: no modo de conceber a informação (produção por processos microeletrônicos) e no modo de difundir as informações (modelo Todos-Todos). Alguns autores chegam mesmo a falar de um domínio dos meios de produção pelo público. (LE MOS, 2008, p. 79)

Ainda segundo Lemos, “o ciberespaço é uma estrutura comunicativa de livre circulação de mensagens, agora não mais editada por um centro, mas disseminada de forma transversal e vertical, aleatória e associativa” (Ibidem, p. 80).

É justamente nessa possibilidade de ser uma alternativa às mídias de massa que acredita Sônia Guajajara quando afirma que a imprensa tradicional está centrada nos interesses do poder. “E a rede social está sendo mais real e direta. E para nós, esses canais

diretos, com indígenas contando a própria história, têm fortalecido e aumentando a valorização de nossa cultura” (2008, p. 198).

Assim, a comunicação indígena através de mídias sociais e smartphones permite que os povos originários produzam seus próprios conteúdos, sem intermediários, a partir de suas aldeias, ou de qualquer outro lugar onde vivem, para todo planeta. “Somos nós mesmos sendo a fonte e os protagonistas da história. Por muito tempo a gente era a fonte da notícia, mas ela era contada por outra pessoa” (GUAJAJARA, 2019, p. 199).

Segundo Lévy, “qualquer grupo ou indivíduo pode ter, a partir de agora, os meios técnicos para dirigir-se, a baixo custo, a um imenso público internacional” (1999, p. 239). Ou, como afirma Lemos, “as diversas manifestações socioculturais contemporâneas mostram que o que está em jogo com o excesso e a circulação virótica de informação nada mais é do que a emergência de vozes e discursos, anteriormente reprimidos pela edição da informação pelos mass media” (2005, p. 2).

3.6 O fenômeno das lives durante a pandemia

O confinamento durante a pandemia do Coronavírus propiciou um novo fenômeno midiático: as lives transmitidas por diferentes plataformas da internet. Em tradução para o português, “live” significa “ao vivo”. No jargão televisivo, um programa ao vivo é aquele transmitido em tempo real, enquanto acontece. Na internet, “lives” são as transmissões ao vivo feitas pelas redes sociais.

Diversas categorias se apropriaram das lives durante a pandemia: cantoras, jornalistas, acadêmicos, médicos, famosos e anônimos. Segundo dados do YouTube, as buscas por conteúdo ao vivo cresceram 4.900% no Brasil na quarentena. Já a consultoria americana Tubular Labs, especializada no segmento de vídeos na internet, indica que houve um crescimento de 19% nas transmissões ao vivo pelo YouTube no fim de março de 2020 — média de quase 3,5 bilhões de minutos de conteúdo por dia.⁴⁹

Só a live da cantora Marília Mendonça, realizada no dia 08 de abril de 2020, atingiu 3,31 milhões de visualizações, tornando-se a mais vista da história do YouTube.⁵⁰

⁴⁹ Disponível em: <https://exame.com/revista-exame/o-mundo-e-uma-live/>. Acesso em: 20 mai 2022.

⁵⁰ Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/musica/2020/05/marilia-mendonca-e-jorge-mateus-tem-as-lives-mais-assistidas-do-mundo.shtml>. Acesso em: 10 jan 2022.

O fato de acontecerem em tempo real, em um clima de espontaneidade, é o ponto forte das lives. De acordo com um estudo da consultoria Forrester e da IBM, a audiência das lives é de 10 a 20 vezes maior do que a dos vídeos gravados.⁵¹

Faz sentido o crescimento das lives no período da pandemia, com as pessoas confinadas em suas casas, mas querendo compartilhar experiências com outras pessoas em tempo real.

As lives que proliferaram durante a pandemia tiveram diferentes formatos. De um lado, superproduções de grandes artistas e altos investimentos em cenário, iluminação e equipamentos e, no sentido oposto, as caseiras, captadas com poucos recursos, em que o principal elemento é a conversa entre dois ou mais participantes, com a questão visual ficando em segundo plano.

Nas lives caseiras, o padrão é, geralmente, o mesmo: transmitidas a partir de um computador pessoal ou smartphone, com a tela dividida entre dois ou mais participantes a partir de seus ambientes domésticos. Ludmila Lupinacci (2020) denomina as lives caseiras como lives conversacionais: “ainda que os protagonistas possam ser também músicos ou artistas, o foco encontra-se em uma interação dialógica entre dois ou mais participantes. Tais conteúdos por vezes se assemelham a uma entrevista informal” (p. 8). Diferentemente da linguagem televisiva, as conversas não têm apoio de recursos visuais, tais como cobertura de imagens de arquivo, arte ou gráficos. A espontaneidade, a naturalidade e o improviso são os elementos essenciais.

Durante a pandemia, foram frequentes os problemas de conexão, com imagens e sons travados no meio de uma reunião remota via Zoom ou outra plataforma do tipo. Os “travamentos”, que também eram constantes em lives, chegaram a virar piada entre usuários de internet.

Nas lives caseiras, ou conversacionais, além da experiência em tempo real, quem assiste tem a possibilidade de entrar no ambiente doméstico dos participantes, criando uma intimidade e aproximação ainda maiores. As lives também possibilitam que a audiência interaja com os participantes e outros que assistem através do recurso do chat, o que não ocorre em uma entrevista gravada. Amy Singer, diretora do YouTube, afirma: “Há um sentimento de comunidade que as pessoas encontram nos vídeos neste período de distanciamento social. Isso elevou os vídeos ao vivo a um novo patamar”.⁵²

⁵¹ Disponível em: <https://exame.com/revista-exame/o-mundo-e-uma-live/>. Acesso em: 10 jan 2022.

⁵² Idem.

3.7 As lives de Ailton Krenak: um contador de histórias

As lives com Ailton Krenak como convidado são um exemplo do crescimento das transmissões ao vivo durante a pandemia. Em abril de 2020, Krenak participou de 6 lives. Em maio, foram 11. Em junho, 7. Em julho, 10.⁵³

Em entrevista ao portal Conexão Planeta (2020), o próprio Krenak brincou com o grande número de lives de que participa desde o começo da pandemia, ao receber o prêmio Juca Pato de literatura:

Hoje, tenho três lives, mas já cheguei a participar de cinco! Virou uma espécie de situação análoga à escravidão, na qual não existe mais liberdade de escolha e tenho que atender aos chamados... Já falei com estudantes da baixada fluminense, com indígenas no Acre, com universitários da Bahia, com o público em geral, de noite, de dia, até em sábados e domingos!⁵⁴

De um modo geral, as lives em que Ailton Krenak aparece como convidado durante a pandemia seguem o mesmo padrão. Ele está em sua aldeia no Rio Doce, aparece em um cenário neutro, veste uma camisa preta e tem uma faixa sobre a testa. Não é raro enfrentar problemas com a conexão da internet que travam a sua imagem e a sua fala. Nessas ocasiões de instabilidade, Ailton Krenak reage com tranquilidade e bom humor.

Em relação ao conteúdo das lives, Krenak fala de uma maneira articulada, com calma, sem alterar o tom de voz. Mesmo se tratando de uma conversa informal, o português é correto. Revela ser bem-humorado, com colocações divertidas mesmo quando trata de temas duros, o que dá uma leveza às entrevistas. Os pensamentos vão se desencadeando naturalmente, sem método, ocasionalmente citando outros indígenas, cientistas, poetas e músicos. O próprio Ailton Krenak revela essa forma espontânea do seu pensamento: “nunca preparo o que vou falar, em lugar nenhum”.⁵⁵

Apesar das reflexões de Krenak se darem de forma aleatória, todo pensamento parece estar conectado aos mesmos fundamentos, intrinsecamente ligados. Um tema leva a outro, independente da ordem em que seja apresentado, seja ele consumo, meio ambiente ou tecnologia, demonstrando uma exímia capacidade de contar histórias.

⁵³ Disponível em: https://www.youtube.com/results?search_query=ailton+krenak. Acesso em: 20 jun 2022.

⁵⁴ Disponível em: <https://conexaoplaneta.com.br/blog/uma-brisa-no-meio-da-tempestade-diz-ailton-krenak-sobre-premio-literario-juca-pato-que-recebeu-de-escritores/>. Acesso em: 20 jun 2022.

⁵⁵ Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/ailton-krenak-entrevista/>. Acesso em: 20 jun 2022.

Nas conversas ao vivo na internet, pode-se afirmar que Ailton Krenak se beneficia da tradição da transmissão oral indígena. Krenak confirma a hipótese, ao mostrar-se surpreso ao receber o prêmio Juca Pato de literatura: “A surpresa, pra mim, é darem prêmio a um sujeito que habita o campo da oralidade. Eu conto histórias, eu não faço parágrafos”.⁵⁶

Na entrevista, a repórter afirma que ele vem encantando as pessoas, contando histórias e falando do simples. Krenak responde: “Ferreira Gullar disse que ‘a crase não foi feita pra humilhar ninguém’. Os poetas têm essa capacidade de dar sentido às coisas. E, como a crase não foi feita pra humilhar ninguém, eu, com minha oralidade, vou seguindo e contando histórias”.

Krenak diz que divide o prêmio com todo mundo que atravessou a resistência contando histórias, com a celebração do campo da oralidade.

Segundo Wilmar da Rocha D’Angelis (2008), a oralidade, ao contrário do que muitos imaginam, não é frágil. Diferentemente da brincadeira do “telefone sem fio” conhecida pelos ocidentais, as transmissões orais indígenas têm “sofisticados meios de preservação”:

Há sociedades em que os nomes de antepassados são contados, um a um, de geração em geração, recuando mais de três séculos no tempo. Em outras, fatos históricos são narrados com detalhes de hora, clima e frases enunciadas, com uma distância temporal de mais de um século. Em muitas sociedades, as narrativas sagradas (suas histórias “bíblicas”, poderíamos dizer, por comparação) precisam ser declamadas de uma maneira ritual, muitas vezes por dois declamadores (ou cantadores, se for o caso) atuando juntos. Da mesma forma, as histórias que não são sagradas, mas que se transmitem de geração em geração, devem ser contadas pelas pessoas certas, aquelas em que se reconhece o dom e o direito de narrar. (D’ANGELIS, 2008, p. 2)

Através da oralidade, os povos indígenas do Brasil, que não empregavam um sistema de escrita, conservaram conhecimentos, histórias e narrativas. Assim foram transmitidas tecnologias elaboradas, como a domesticação de plantas silvestres e o desenvolvimento de variedades agrícolas. Daniel Munduruku reflete se contar histórias pela internet através de vídeos e celulares seria uma nova forma de oralidade:

Penso que todo instrumental moderno – quando utilizado pelos indígenas – é uma forma nova de oralidade. Dessa maneira, as crianças e jovens indígenas estão tendo a oportunidade de dar continuidade às histórias que seus avós

⁵⁶ Disponível em: <https://conexaoplaneta.com.br/blog/uma-brisa-no-meio-da-tempestade-diz-ailton-krenak-sobre-premio-literario-juca-pato-que-recebeu-de-escritores/>. Acesso em: 10 jun 2022.

contam ou contavam. Captar estas histórias por meio da Internet ou dos celulares é uma nova forma de oralidade, sim.⁵⁷

Como afirma Randra Barros (2021), as reflexões de Krenak através de palestras ou da internet vêm da sabedoria ancestral indígena transmitida através da oralidade:

É a partir da potência de sua própria voz que a liderança tece reflexões, de maneira falada, em entrevistas e palestras. As intervenções orais mostram a influência da sabedoria ancestral indígena, a qual também se transmite com a indispensável presença do corpo de quem emite os enunciados. (BARROS, 2021, p. 218)

É através da oralidade que Ailton Krenak vem fazendo a intermediação entre o mundo indígena e o não indígena. O próprio livro “Ideias para adiar o fim do mundo” é uma adaptação literária de palestras proferidas por Ailton Krenak. Interessante observar que Krenak passou a ter uma projeção maior depois do lançamento do livro na Flip de 2019, que figurou entre os três livros mais vendidos.⁵⁸

Convidado para as lives, retorna à oralidade que originou o livro. E é através da oralidade que Krenak vem fazendo essa intermediação: “o filósofo, escritor, jornalista, ativista e líder de seu povo circula pelo mundo orientado pela intuição e por seus sonhos, com a urgência de traduzir para os brancos fragmentos da cosmovisão dos povos indígenas”.⁵⁹

Segundo Krenak, “fazer essa mediação entre os que vivem fora e dentro deste mundo cheio de racionalidade é ocupar um lugar de constante conflito. Não é confortável”.⁶⁰

Ainda na Revista Cult, ele afirma que o livro “Ideias para adiar o fim do mundo” foi uma experiência de compartilhar com as pessoas que vivem a realidade do mundo prático, isto é, os ocidentais, que existem outros mundos: “se conseguirmos fazer essa comunicação, já distendemos um pouco o lugar que habitamos”.

Em entrevista à revista Teoria e Debate no dia 06 de julho de 1989, Alípio Freire e Eugenio Bucci ressaltam a capacidade de Ailton Krenak de fazer a intermediação entre

⁵⁷ Disponível em: <https://www.cursolab.org.br/rea/captar-historias-atraves-da-internet-ou-dos-celulares-e-uma-nova-forma-de-oralidade-2/>. Acesso em: 15 jun 2022.

⁵⁸ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/07/dos-5-autores-mais-vendidos-na-flip-4-sao-negros-e-1-e-indigena.shtml>. Acesso em: 15 jun 2022.

⁵⁹ Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/ailton-krenak-entrevista/>. Acesso em: 10 jun 2022.

⁶⁰ Idem.

o mundo indígena e o mundo ocidental: “Sendo o sábio que é, você dialoga com outras categorias além daquelas com que o nosso conhecimento consciente consegue dialogar”.⁶¹

Os entrevistadores afirmam que ele é um indígena que consegue “manipular todo o código dos brancos”. Krenak lembra de Raoni, que também sabe fazer esse papel, com repercussão internacional, apesar de não saber ler nem escrever e só dominar algumas palavras em português:

Eu sou membro de uma geração nova das populações indígenas, que está dando continuidade ao que pessoas como Raoni fizeram. Há uma centena de índios da minha geração que são tão atualizados com relação ao mundo em que vivemos quanto eu. Então, essa minha maneira de intervir na realidade do nosso povo é uma experiência em parte pessoal, mas ela não está se dando, de maneira nenhuma, de forma individual. Eu não assumiria nenhuma dessas atividades que assumo, não estaria realizando esse avanço na minha compreensão do mundo, se não tivesse junto comigo desde os xamãs, os pajés mais tradicionais que nunca saíram da aldeia, até pessoas como Marcos Terena, que é piloto de avião. Entre nós existe muito mais coisas em comum, porque somos da mesma geração e somos índios. Nós sentimos que temos uma responsabilidade muito grande com relação aos novos moradores daqui da América. Eles vieram para cá – em alguns casos – fugidos, escoraçados das suas regiões de origem, desprezando essa terra, e agiram aqui – na maioria das vezes – como estrangeiros. Nós queremos conversar com os novos brasileiros para ver se eles conseguem entender os sinais dessa terra, amar esse lugar, protegê-lo, viver aqui não como quem vive num acampamento.⁶²

Em artigo sobre o pensamento de Krenak, Randra Barros (2021) reforça a capacidade de intermediação de Ailton Krenak:

[...] a necessidade de compartilhar esses saberes com os não indígenas fez com que Ailton Krenak se tornasse um intelectual que não vive apenas na comunidade, mas circula também por outros espaços legitimados na sociedade brasileira. Nesse sentido, o pensador transita entre a aldeia, escutando a ancestralidade de seu povo; e ambientes urbanos, concedendo entrevistas, palestras e mostrando o seu rosto publicamente à sociedade nacional. (BARROS, 2021, p. 217)

O pensamento de Ailton Krenak se dá a partir da cosmologia indígena, e não baseado em teorias, como acontece com um pensador acadêmico. Em uma reflexão na live com Leandro Demori, do Intercept Brasil, Krenak afirma que os povos originários

⁶¹ Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/1989/07/06/ailton-krenak-receber-sonhos/>. Acesso em: 10 fev 2022.

⁶² Idem.

não precisam de teorias (no caso, se referia a questões ambientais), já que sempre souberam ouvir as vozes das montanhas, dos rios e das florestas.

Na live, Ailton Krenak afirma que “toda teoria é um esforço de explicar pra gente cabeça dura a realidade, a estranha realidade, que eles não enxergam”. Sob esse ponto de vista, como pesquisador, vou me colocar como o “cabeça dura” que tentará ordenar o pensamento de Ailton Krenak, que flui organicamente por diferentes tópicos, e dialogar com pensadores não indígenas. Em suma, como diz Krenak, farei um esforço de procurar teorias para compreender a realidade que não consigo enxergar e que está presente no dia a dia dos povos originários.

Em 2018, Ailton Krenak deu mais uma prova do diálogo que tem promovido entre representantes dos saberes ancestrais e da ciência moderna. O Ciclo Selvagem, uma série de encontros promovidos no Jardim Botânico do Rio de Janeiro concebido pela editora Anna Dantes, orientados por Ailton Krenak e produzidos por Madeleine Deschamps. De acordo com a divulgação da série, “Selvagem – ciclo de estudos sobre a vida é uma experiência de articular conhecimentos a partir de perspectivas indígenas, acadêmicas, científicas, tradicionais e de outras espécies”.

Mediados por Ailton Krenak, pesquisadores e pensadores de culturas aparentemente distantes entre si, e que se valem de mecanismos próprios de estudo, reúnem-se em rodas de conversa francas e abertas ao público onde serão apresentadas suas visões sobre a vida, criando correspondências entre saberes indígenas, científicos, acadêmicos e ancestrais.⁶³

Com a pandemia do Coronavírus, os diálogos de Ailton Krenak com pensadores da cultura ocidental passaram a acontecer via internet onde se intensificaram ainda mais, principalmente através das lives do YouTube que serão tratadas a seguir.

⁶³ Disponível em: <http://selvagemciclo.com.br/>. Acesso em: 20 mai 2022.

3.7.1 Live de Leandro Demori, The Intercept Brasil, com Ailton Krenak

Figura 14 – Live de Leandro Demori – The Intercept Brasil



Fonte: Captura de tela – YouTube.

Título: AO VIVO: Ailton Krenak e Leandro Demori conversam sobre a crise do coronavírus

Data: 08/04/2020

Canal: The Intercept Brasil

Participantes: Leandro Demori e Ailton Krenak

Visualizações: 48.666

Curtidas: 4,4 mil

A primeira live na qual Ailton Krenak apareceu como convidado no período da pandemia foi com Leandro Demori, do Intercept Brasil, transmitida ao vivo no dia 8 de abril de 2020. Através de um formato padrão das lives, a tela é dividida entre o entrevistador e Ailton Krenak, que está na sua aldeia, em Minas Gerais. Krenak aparece à frente de uma parede cinza, com parte de um vaso no canto. Usa uma camiseta preta e uma faixa na testa. Logo no início, Krenak revela uma curiosidade sobre o alcance da live, algo ainda novo para a maioria das pessoas.

DEMORI: O pessoal está vendo a gente em todo lugar do mundo.

KRENAK: Então vai ter gente em outros países vendo a gente?

DEMORI: Você é uma personalidade mundial.

KRENAK: Sei lá, desde que começou essa história da globalização, qualquer coisa é mundial.

(Live de Leandro Demori – The Intercept Brasil)

A primeira pergunta de Demori é sobre uma questão tratada no livro “Ideias para adiar o fim do mundo” (2019), o conceito de sub-humanidade. Krenak explica que o conceito se refere ao grupo de excluídos pelo “clube exclusivo da humanidade”, segundo ele um grupo restrito que destrói tudo o que está no seu caminho rumo ao progresso.

A “sub-humanidade” levantada por Krenak se aproxima do conceito de Sul Global de Boaventura de Sousa Santos: “O conceito de Sul não aponta exclusivamente a uma geografia. É uma metáfora do sofrimento humano causado pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado, e da resistência a essas formas de opressão” (SANTOS, 1995). O autor também usa o termo “seres sub-humanos” para se referir a quem está do outro lado da linha, ou fora do clube exclusivo, como diz Krenak:

Existe, portanto, uma cartografia moderna dual: a cartografia jurídica e a cartografia epistemológica. O outro lado da linha abissal é um universo que se estende para além da legalidade e ilegalidade, para além da verdade e da falsidade. Juntas, estas formas de negação radical produzem uma ausência radical, a ausência de humanidade, a sub-humanidade moderna. Assim, a exclusão torna-se simultaneamente radical e inexistente, uma vez que seres sub-humanos não são considerados sequer candidatos à inclusão social. A humanidade moderna não se concebe sem uma sub-humanidade moderna. (SANTOS, 2009, p. 30)

Santos cita como exemplos históricos da dominação do Norte Global “o tráfico de escravos, a pilhagem de recursos naturais, a deslocação maciça de populações, guerras e tratados desiguais, diferentes formas de apartheid e assimilação forçada, etc.” (Ibidem, p. 30).

Uma diferença importante em relação a Santos é que Ailton Krenak inclui na “sub-humanidade” não apenas a exclusão de humanos, mas de todos os seres: “quando eu falo da humanidade, eu não estou falando só do homo sapiens, estou falando dos outros todos que nós excluimos desde sempre. Caçar baleias, tirar barbatana de tubarão, caçar um leão e pendurar na parede para mostrar com você é mais bravo do que é o leão”.

Durante a conversa, Krenak não se coloca como vítima do processo, um indígena apontando o dedo para os não-indígenas. Começa a falar de forma cordial com a saudação “então, meus amigos”. E, através da fala, não se exclui da humanidade, usando sujeitos como “a gente” e “nós”: “a matança que a gente fez ao longo da história de todos que a gente achou que estavam aí só para nos suprir... A gente mata tudo que tem ao nosso redor”. Ao mesmo tempo, Ailton Krenak também se inclui na sub-humanidade: “alguns de nós fazemos parte dela”.

Segundo Krenak, em nome do progresso podemos destruir tudo que está ao nosso redor. A fala vai ao encontro da colocação de Edgar Morin em “O enigma do homem” (1975):

Nosso destino é evidentemente excepcional em relação ao dos animais, incluindo os primatas, que domesticamos, reduzimos, recalamos, enjaulamos ou colocamos em reservas; nós, por nosso lado, edificamos cidades de pedra e de aço, inventamos máquinas, criamos poemas e sinfonias, navegamos no espaço; como não acreditar que, embora saídos da natureza, já somos extranaturais e sobrenaturais? Desde Descartes, pensamos contra a natureza, certificados de que nossa missão é dominá-la, sujeitá-la, conquistá-la. (MORIN, 1975, p. 19)

Durante a live, Krenak compara a humanidade a uma “espécie de ameba gigante que come tudo ao nosso redor, somos a peste do planeta”.

Na pergunta seguinte, Demori levanta a questão de o Coronavírus atingir só os seres humanos, ou, como afirmou Krenak, a “peste” do planeta. Krenak responde que a pandemia foi uma manobra fantástica do organismo vivo da Terra, que tirou a teta da boca de todo mundo e falou: “respira agora que eu quero ver”.

Quando Krenak trata a Terra como um organismo vivo, Demori lembra os conceitos de James Lovelock, especialmente a teoria de Gaia. Lovelock era um cientista inglês que, em parceria com Dian Hitchcock, fez estudos para a Nasa sobre a vida em outros planetas. Lovelock e Hitchcock chegaram à conclusão de que a atmosfera terrestre tem uma composição química diferente de outros planetas por possuir vida. Existe uma dinâmica entre organismos vivos e atmosfera terrestre. Segundo Bruno Latour (2020), é assim que Lovelock apresenta a teoria de Gaia:

Gaia é o sistema da vida planetária que inclui tudo o que influencia a biota e é influenciado por ela. 157– a regulação do ambiente físico-químico dentro de limites favoráveis à vida. (LOVELOCK apud LATOUR, 2020, p. 157)

Krenak afirma que os defensores da teoria de Gaia foram rejeitados pela comunidade científica, mas passaram a ser aceitos com o agravamento da crise climática. Acrescenta que os povos originários, que sabem ouvir as vozes das montanhas, dos rios, das florestas, nem precisavam de uma teoria para saber que a Terra está viva.

Krenak cita o cientista Antonio Nobre como um entusiasta da teoria de Gaia. Nobre, em entrevista a Paulina Chamorro para a Revista National Geographic Brasil, fala justamente do diálogo entre cientistas e indígenas sobre a teoria de Gaia. Conta que

durante um evento um jovem indígena falou: “Cientista acha que sabe muito, cientista não sabe nada. Cientista acha que vê a Terra com satélite lá de fora, mas ele não entende nada do que vê. Cientista sabe muito menos do que o sábio indígena”.⁶⁴ Ao que Nobre rebateu que nas suas veias também corria sangue indígena, apesar da predominância europeia, que tinha estudado ciência do branco, não ciência indígena e que precisavam trocar ideias: “a partir daí começamos a conversar, houve um diálogo”. Nobre conta sobre a experiência de fazer uma tradução científica dos conhecimentos de Davi Kopenawa no livro “A queda do céu”:

E o que eu vi? Que tudo o que o livro falava era extremamente fundamentado na melhor ciência, sem ele conhecer nada da ciência do branco. Ele conhecia a ciência que ele chama do saber dos espíritos da floresta. E isso daí foi um exercício que me abriu um campo de progressão. Inclusive, algo que mudou minha carreira de cientista, que era puramente cientista duro, das ciências da natureza, mas que está acostumado a fazer de acordo com a liturgia da ciência.⁶⁵

Na entrevista, Nobre confessa ainda que fez uma autocrítica e começou a prestar mais atenção na sabedoria indígena:

[...] uma sabedoria sintética, que é transmitida por fábula, que encanta através da sua poesia porque não é só um saber frio, um saber calculista, é um saber eivado das energias da natureza, eivado da espiritualidade que existe na natureza que eles veem e reverenciam. É uma relação também de filho para mãe, a mãe terra, a mãe natureza. E uma relação de reverência inerente.⁶⁶

É exatamente a essa relação de filho e mãe em relação à Terra que Krenak se refere durante a live. Ele afirma que, durante a pandemia, a Terra agiu como uma mãe amorosa que pede silêncio ao filho:

KRENAK: Mas essa mesma mãe amorosa que fala silêncio quando o filho é muito estúpido ela não tem dificuldade de dar um tapa bem no meio da cara dele. Porque ela sabe que aquele tapa só vai melhorar ele. O tapa é para consertar o filho, não o estragar. Agora todo mundo de máscara na cara, no lugar onde ninguém quer levar um tapa, protegido pela máscara.

(Live de Leandro Demori – The Intercept Brasil)

⁶⁴ Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/meio-ambiente/2021/01/antonio-nobre-o-planeta-esta-enfermo-e-preciso-rejardina-lo>. Acesso em: 10 jul 2022.

⁶⁵ Idem.

⁶⁶ Idem.

A cada resposta nas lives, de forma simples e direta, Krenak apresenta o conhecimento indígena através de uma sabedoria que vem da observação da natureza, ou do universo. Ou, como diz Nobre, na mesma entrevista a Paulina Chamorro:

A partir desse momento de reconhecimento da beleza e do poder da simplicidade do conhecimento indígena, eu comecei a reavaliar o meu conhecimento científico pelo viés reducionista, aquele viés cartesiano, racionalista, e perceber também que a sabedoria não é restrita ao intelecto. A sabedoria é uma propriedade do universo.⁶⁷

Provocado por Demori, Krenak reflete que, na pandemia, os humanos passaram a necessitar de aparatos tecnológicos para respirar, se referindo aos respiradores artificiais, essenciais em casos graves da Covid-19. Mas que esses aparatos também podem sofrer um apagão, nos lembrando o quanto somos vulneráveis e que sem o ar para respirar morreremos. Com naturalidade, sem alterar o tom de voz, Krenak fala uma frase de grande impacto: “nós deveríamos ter um contato com a experiência de estar vivo para além da ideia dos aparatos tecnológicos que a gente possa inventar”.

A frase serve de gancho para que Krenak amplie a conversa para a economia, ou, como ele a conceitua: “a economia, essa coisa invisível, a não ser pela representação daquele cifrão. Economia pode ser uma ficção”. Segundo Krenak, passamos a acreditar que, se a economia não estiver funcionando bem, nós morreremos. Então, de modo divertido, sugere que sejam presos os presidentes dos bancos centrais dentro de um cofre com dinheiro, mas sem ar, para ver se sobrevivem: “ninguém come dinheiro”. Krenak lembra que ouviu no mesmo dia uma declaração do líder indígena Vernon Foster, do povo Lakota, que afirmou em tom cerimonioso: “O homem vai descobrir um dia que ele não pode comer dinheiro. Mas isso pode ser muito tarde”. Durante o raciocínio, Krenak comenta que o nome “Vernon” é tipicamente americano. Lembra que os colonos quando chegaram na América fizeram uma “transfiguração” da existência dos povos que existiam aqui, proibindo não só as línguas, como também os nomes das pessoas. Também comenta que achou curioso que nos Estados Unidos, assim como no Brasil, os indígenas também estavam sendo provocados a refletir sobre o momento que estamos vivendo com a pandemia do coronavírus.

Retomando o tema da teoria de Gaia, Krenak reflete de forma poética para que as pessoas entendam o seu conceito:

⁶⁷ Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/meio-ambiente/2021/01/antonio-nobre-o-planeta-esta-enfermo-e-preciso-rejardina-lo>. Acesso em: 10 jul 2022.

KRENAK: A vida atravessa tudo. A vida atravessa uma pedra, a vida atravessa a camada de ozônio, a vida atravessa geleiras, a vida atravessa dos oceanos para a parte sólida do planeta. Ela atravessa o planeta como uma brisa. De norte a sul, de todas as direções, a vida. A vida é este atravessamento do organismo vivo da Terra numa dimensão imaterial. Ao invés da gente ficar pensando no organismo da Terra respirando, que é muito difícil, pense a vida atravessando montanhas, galerias, rios, florestas, a vida. A vida que a gente banalizou, que as pessoas nem sabem o que é, que pensam que é só uma palavra. Assim como tem a palavra vida, as pessoas acham que podem ter a palavra vento, fogo, água. Mas não. Vida é uma transcendência. É para além do dicionário, não tem uma definição.

(Live de Leandro Demori – The Intercept Brasil)

Demori lembra que Krenak sempre fala que estamos “viciados em modernidade”, que estamos dopados com produtos de entretenimento, com o consumismo exagerado. E pergunta como a modernidade vicia a tal ponto de fazer com que a gente se desconecte desse organismo vivo. Krenak afirma que os produtos de entretenimento dão às pessoas uma sensação de imortalidade, de permanência, de que vamos poder continuar existindo. A modernidade tem esses artifícios. Cita como exemplo a fotografia, que projeta a imagem para além daquele instante que você está vivo:

KRENAK: As invenções são uma tentativa de nós humanos nos projetar imateriais, para além da gente mesmo. Talvez esse seja um dos artifícios que a modernidade nos aplica, para a gente ficar nessa espécie de looping, que é uma bobeira. Na verdade, isso é uma droga. É uma droga incrível, uma droga muito mais perigosa do que as que o sistema proíbe por aí. Essa realidade vasta de entretenimento que o mundo mergulha é uma droga.

(Live de Leandro Demori – The Intercept Brasil)

Demori, acertadamente, previu que a pandemia faria acelerar ainda mais a concentração de riqueza. Conforme matéria da Folha de S. Paulo, de 7 de novembro de 2021, “o banco Credit Suisse divulgou que a desigualdade havia crescido em 2020, em plena crise sanitária, e o 1% mais rico passou a concentrar metade da riqueza do país”.⁶⁸

Krenak afirma que se a humanidade “se dissolver” na pandemia acabará afetando os que concentram as riquezas, pois eles precisam da humanidade para aterrorizar toda manhã – “a bolsa vai cair, o dólar vai subir”. Quando tudo isso não tiver mais sentido, não vai mais ter lugar para a concentração. Krenak lembra a lei de física, que mostra que nada pode se concentrar tanto assim.

⁶⁸ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/11/entenda-como-os-ricos-ficaram-mais-ricos-na-pandemia.shtml>. Acesso em: 14 jun 2022.

Para Krenak, as notícias de bilionários que querem construir plataformas fora da Terra são um sinal de que a concentração de renda pode estar impactada, pois eles já estão querendo sair daqui. Krenak sorri, sugerindo que eles ajudem os bilionários nessa saída da Terra, os donos da Microsoft e da Tesla devem ir no mesmo foguete: “essa nata de gente que se acostumou a ver gente morrer de seus castelos tem que experimentar agora a mesma igualdade de risco de todo mundo”. A gradual mudança na condição de vida no planeta vai nos colocar no mesmo patamar: “um cara que tem 300 trilhões, eu, você, vamos ficar todos iguais.” Krenak muda o tom com uma brincadeira que descontra a conversa: “a gente pode fazer um concurso de quem tem a bunda mais bonita”. Risadas dele e do entrevistador.

Krenak diz que a concentração de riqueza chegou em tal clímax que já não existe mais separação entre gestão política do mundo e gestão financeira do mundo. Lembra que nos séculos XIX e XX existiam as revoluções na América Latina que se voltavam contra os governos para criar mudanças na relação com o poder. Mas hoje perderam o sentido: os governos deixaram de existir. A gente é governado por grandes corporações: “a abstração que é o poder hoje está concentrada nas marcas, que a gente chama de corporações, e que é representado por alguns humanoides”.

Demori pergunta quais lições podemos aprender com os povos originários, que já passaram por tantas epidemias e pelo seu fim de mundo. Krenak afirma que não foi apenas um mundo, esse mundo histórico de 1500, são vários os mundos dos povos originários, citando Lévi-Strauss e Eduardo Viveiros de Castro:

KRENAK: Quando nós falamos que os povos originários já tiveram um fim de mundo, a gente está de certa maneira valorando ou potencializando algum evento que devorou esse mundo originário. E não é verdade. O que acontece são guerras de mundo. O mundo da Europa que veio colidir com esse mundo daqui das Américas, ele estava fugindo de outras perdas de mundo. Eles tinham morrido da peste negra, estavam fugindo da fome e vieram caçar batata nos Andes. Eles vieram caçar ouro, caçar coisas aqui, vieram devorar coisas aqui pra poder continuar existindo. Então essa guerra de mundos talvez ajude a gente entender melhor o tempo que nós estamos vivendo agora.

(Live de Leandro Demori – The Intercept Brasil)

Krenak lembra da notícia que leu sobre povos indígenas de determinados lugares na Amazônia peruana na fronteira com Brasil que reclamam da falta de assistência dos governos, inclusive da falta de suprimentos para comer. Krenak questiona por que povos originários teriam que esperar que governos levassem comida para o meio da floresta:

“Será que não somos capazes de dar conta da gente mesmo?”. Acrescenta que, ao fazerem isso, os povos indígenas se portam da mesma maneira de quem mora em um apartamento. Krenak aproveita para fazer uma crítica à indústria alimentícia:

KRENAK: [...] fábricas de bagulhos que eles empacotam e mandam as pessoas comerem. A maioria das pessoas não só comem coisas aparentemente envenenadas, tipo morango e tomates, como comem também muita coisa que eles não sabem o que é, que vai empacotado para eles.

(Live de Leandro Demori – The Intercept Brasil)

Krenak argumenta que o ideal seria cuidar da semente, vê-la brotar, acompanhar seu crescimento e comer sem medo de saber de onde veio. Que isso não significa voltar para a humanidade agrícola, já que o que estamos fazendo não é agricultura. E, como exposto anteriormente, faz uma dura crítica ao agronegócio:

KRENAK: Essa campanha imoral que se faz aí dizendo “Agro é pop” o agro é tudo, que eles mostram todo o processo de industrialização que inclui não somente alimentos, mas também minério. Tudo virou agro: minério é agro, assaltar é agro, roubo do planeta é agro, tudo é pop. Então, assim, é uma tremenda sacanagem, então, ele é um discurso tão louco que ele acaba virando a arma contra a própria cabeça. Se agro é tudo, então essa merda que estamos vivendo no planeta hoje então pode apresentar a conta dela pro agro. Agro é Covid-19?

(Live de Leandro Demori – The Intercept Brasil)

Como se ilustrasse o raciocínio de Krenak, ouve-se em seu ambiente sonoro uma buzina que invade a live.

KRENAK: Você ouviu uma buzina, parecendo um apito de navio? Não, é a Vale do Rio Doce comendo a montanha aqui ao lado.

DEMORI: (surpreso) É mesmo, isso é o trem da Vale?

KRENAK: É que a Vale do Rio Doce está aparecendo na bolsa de valores, está nervosa. Desde que todo mundo parou, ela acelerou. As composições dela passam do outro lado do rio aqui, 300, 500 metros daqui de casa, do outro lado do rio. Só tem um rio em coma que nos separa da estrada de ferro. Aí a composição dela é gigante, treme a terra quando passa aqui. Então ela passa a noite inteira, ela passa o dia inteiro. Se a gente conversar aqui mais uns 15 a 20 minutos, você vai escutar essa buzina algumas vezes. Eu até fiquei pensando o seguinte: será que eles estão tipo assim fazendo o último assalto?

(Live de Leandro Demori – The Intercept Brasil)

Krenak lembra da relação do poeta Carlos Drummond de Andrade com a Vale do Rio Doce:

KRENAK: Drummond é o meu escudo. Para mim é como um desses paraquedas coloridos. Quando tudo estiver entrando em parafuso, você tem que ter alguém que você chama. Eu chamo o Drummond. A última vez que eu citei ele foi aquela coisa do “stop: o mundo parou ou foi o automóvel”?

(Live de Leandro Demori – The Intercept Brasil)

Demori cita então o poema “Homem e as Viagens”, que tem a ver com o momento em que estamos vivendo. Nele, Drummond fala da tentativa de colonizar outros planetas, mas que a viagem interior pode proporcionar muito mais descobertas.

Restam outros sistemas fora do solar a colonizar. / Ao acabarem todos / só resta ao homem / (estará equipado?) / a difícilíssima e perigosíssima viagem / de si a si mesmo: pôr o pé no chão / do seu coração experimentar / colonizar / civilizar / humanizar / o homem / descobrindo em suas próprias inexploradas entranhas / a perene, insuspeitada alegria

Krenak se surpreende de o poema ter sido escrito por Drummond há mais de 50 anos: “ainda vamos descobrir segredos fantásticos dele no futuro”. Lembra que as canções de Milton Nascimento também falam das montanhas de Minas, que os dois têm muito em comum: “tem um momento que os poemas de Drummond e as canções do Milton falam a mesma coisa”.

Krenak relembra que na década de 90 voltou para Minas depois de andar por outros lugares: “olha, foi como eu tivesse que me recolonizar para estabelecer uma relação com esse lugar onde as montanhas são feitas de vento, existem para serem comidas”. Para ele, Minas Gerais tem um nome trágico, que representa “a obsessão pelo furo na Terra”, que esquartera a terra e que “cauteriza” de lama a bacia do Rio Doce.

Krenak conta que do outro lado do rio, onde ele está, tem uma montanha que guarda a aldeia que se chama Takukrak:

KRENAK: Ela amanheceu hoje toda coberta de nuvem, você não enxergava nada. Antes do amanhecer ela estava coberta de nuvens. Deu um chuveiro aqui hoje antes da nossa conversa. Agora as nuvens estão sobrevoando a montanha e ela tá parecendo assim um quadro, assim de alívio imediato para todas as dores. Se você for lá no quintal e olhar pra Takukrak, esquece todos os problemas.

(Live de Leandro Demori – The Intercept Brasil)

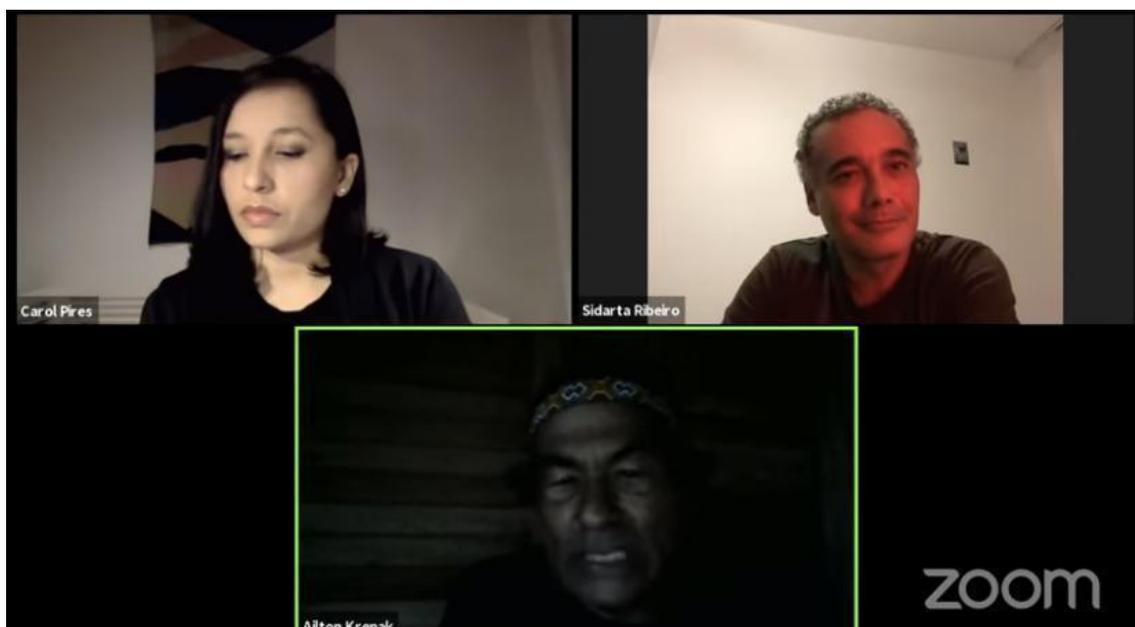
Demori se despede, dizendo que nesse momento precisam falar da tragédia, mas também de poesia e futuro: “você é um cara muito bom para pensar sobre isso”.

Krenak fica curioso para saber quantas pessoas assistiram à live. Demori diz que foram 3.800 pessoas no YouTube e quase mil no Facebook. “Nossa, muita gente. Eu não sabia que a gente tinha tanta gente”, diz Krenak.

Até o momento (06/03/2022), foram 48.613 visualizações no YouTube com 128 comentários, todos elogiosos: “Maravilha ouvir e ver o Ailton, esta inteligência profunda das coisas, ironia sem amargura, este sorriso que faz um bem danado”; “Uma aula de teoria do Estado fora de caixas. Parabéns, Excelente!”; “A voz da terra...quando a simplicidade ecoa através do coração. A resiliência do Rio Doce forjou este povo. Respeito e admiração!”.

3.7.2 Live da Companhia das Letras com Ailton Krenak e Sidarta Ribeiro

Figura 15 – Live da Companhia das Letras



Fonte: Captura de tela – YouTube.

Título: Mesa 6: Sonhos para adiar o fim do mundo, com Ailton Krenak e Sidarta Ribeiro

Data: 24/05/2020

Canal: Companhia das Letras

Participantes: Carol Pires, Sidarta Ribeiro e Ailton Krenak

Visualizações: 136.339

Curtidas: 10 mil

A live, exibida no dia 24 de maio de 2020, teve 135.909 visualizações até o momento (06/03/2022). Sidarta Ribeiro está em local não identificado e Ailton Krenak em sua aldeia às margens do Rio Doce, Minas Gerais.

Diferentemente da live com Leandro Demori, que se caracterizou como uma entrevista de perguntas e respostas, a de Ailton Krenak com Sidarta Ribeiro, mediada pela jornalista Carol Pires, foi uma troca de conhecimentos. O neurocientista Sidarta Ribeiro é fundador do Instituto do Cérebro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e autor do livro “O oráculo da noite”, sobre a ciência e a história do sonho.

Na live, Ribeiro inicia a conversa com uma fala de nove minutos. Diz que o seu livro “O oráculo da noite” é uma aproximação entre o mundo de Ailton Krenak e seu mundo (dos não indígenas), mundos que agora com a pandemia “estão no mesmo barco”. No livro, Sidarta Ribeiro analisa os sonhos em diversas culturas e sua importância na ciência e na política. Segundo Ribeiro, os sonhos são resultados de saberes acumulados na nossa cultura nos últimos 300 mil anos, o que inclui tanto saberes ocidentais quanto saberes de povos ancestrais, como os krenak ou os yanomami. Para Ribeiro, nos últimos 150 anos a noite foi invadida pelos estímulos do dia através da luz elétrica, do rádio, da televisão e da internet. A luz impede que as pessoas durmam no momento adequado de maneira adequada pelo tempo adequado e com um resguardo adequado para chegarem a ter experiências oníricas profundas como tiveram nossos ancestrais.

Ribeiro diz que o livro traz muitas histórias ameríndias como exemplo de sonhos que tenham a função de oráculo. Uma função probabilística anterior aos humanos, presente nos mamíferos, diz ele: “o cérebro reverbera memórias do passado para gerar possíveis simulações de futuros”. Segundo Ribeiro, muitas vezes aquilo que é sonhado jamais acontece, mas aquilo que é sonhado sempre modifica o curso do futuro, porque modifica as emoções das pessoas que sonham. E o ato de narrar os sonhos foi fundamental para que nós emergíssemos do paleolítico e construíssemos essa catraca cultural que vai acumulando e propagando conhecimento aceleradamente, gerando uma explosão de conhecimento nos últimos 5 mil anos, intensificada nos últimos 500 anos e mais ainda recentemente.

Segundo Ribeiro, no processo de desenvolvimento da sociedade capitalista industrial, abdicamos dos sonhos como espaço de aprofundamento das ideias.

RIBEIRO: Devemos retomar a arte de sonhar, aprender com quem sabe, aprender com Ailton Krenak, Cacique Raoni, Sônia Guajajara, Joênia Wapichana. Voltar a sonhar um futuro... O mal-estar da civilização tem a ver

com o abandono da arte de sonhar. Está todo mundo atrás do deus dinheiro, da aquisição, do aumento da produtividade, da entrega do tempo para o mundo do trabalho, do capital. E cada vez mais infelizes.

(Live da Companhia das Letras)

Ribeiro encerra a sua fala, apostando que a pandemia do coronavírus poderia representar a ruptura para uma sociedade melhor.

A mediadora Carol Pires passa a voz para Ailton Krenak, que fala por pouco mais de 10 minutos. Por causa de um efeito de contraluz, a iluminação de Krenak está baixa, fazendo com que, por diversos momentos, ele fale sob uma penumbra, o que confere certa atmosfera mística à sua participação.

Krenak afirma que achou interessante uma colocação de Ribeiro sobre os desenhos rupestres feitos pelo homem há 30 mil anos. Diz que os desenhos, além de registrar as atividades cotidianas, podem estar falando de sonhos. Se somos capazes de distinguir entre sonho e vigília, também conseguimos trazer para o dia as histórias do mundo dos sonhos: “Eu gostei dessa perspectiva porque eu com as minhas as minhas observações, eu tenho dito que o sonho é uma instituição”.

Krenak fala sobre a importância de um sonho na sua trajetória como ativista, contando uma história, no melhor sentido da tradição oral. Diz que há 40 anos foi chamado, junto com outros jovens indígenas, por um pajé do povo xavante com o seguinte pedido:

KRENAK: [...] eu tive um sonho que o espírito da caça (o espírito dos bichos, eles são caçadores) veio muito *brabo* e me convocou, dizendo que eu era um irresponsável e que eu não estava cuidando do espírito da caça e que os caçadores estavam predando tudo, os brancos estavam devastando o mundo e que logo depois ia acabar a caça e as pessoas não iam ter mais do se que comer. É uma comunidade de caçadores e é lógico que os caçadores se mobilizaram. Chamaram os jovens para dizer “olha, nós não estamos dando conta de cuidar dos animais, eles estão desaparecendo”. E, na visão do pajé, a mortandade é muito grande e a terra vai ficar *solada*.

(Live da Companhia das Letras)

Krenak conta que depois da revelação do sonho do pajé, se mobilizou para criar um centro chamado “Centro de Pesquisas Indígenas”, o que deu início à sua atuação como ativista. Em entrevista a Leonardo Neiva na Revista Gama, Krenak descreve a criação do centro, um desenvolvimento dos princípios que ele tinha defendido na Constituição de 1988.

Acabou por se chamar Centro de Pesquisa e Formação dos Povos Indígenas e reuniu professores da universidade, que formaram o quadro de docentes daquela experiência. Eles transformaram um espaço, que não era exclusivamente campus da UFG, em lugar de intervenção nos biomas do Cerrado e da Amazônia — com territórios indígenas, que eram os lugares de origem de todos os bolsistas desse programa de formação — que nós conseguimos fazer num convênio com a universidade e com algumas outras instituições. Naquela época, a gente conseguiu envolver também a Embrapa, o Fundo Nacional do Meio Ambiente, a Secretaria de Meio Ambiente e a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, a ESALQ, lá de Piracicaba.⁶⁹

Através do sonho de um pajé Xavante, para proteger o meio ambiente e a própria humanidade, Ailton Krenak vislumbrou a importância do diálogo entre os povos indígenas e o mundo científico e criou uma instituição para promover esse entendimento.

KRENAK: A ciência daquele pajé, alertando a geração de jovens que hoje estão com 50-60 anos de que nós íamos ficar com o cerrado devastado, se cumpriu de uma maneira absolutamente correta. O agronegócio invadiu o cerrado, o Xingu virou uma pequena empadinha cercada de soja por todos os lados com os tratores cortando tudo.

(Live da Companhia das Letras)

Krenak reforça o sentido do sonho como instituição que prepara as pessoas para se relacionarem com o cotidiano. Segundo ele, o acesso ao mundo dos sonhos consegue trazer para o dia as conexões subjetivas e transformá-las “numa matéria inteligível”.

Para Krenak, são muitos os tipos de sonho. E cada povo tem um tipo diferente de sonho. O povo dele, os krenak, são parentes dos xavantes e dos krahô, dos kayapós, do grupo Gê, que são caçadores, não agricultores. Portanto, têm cosmovisões e mentalidades diferentes dos coletores que interferem em seus sonhos: “os caçadores sonham de um jeito, acho que os agricultores sonham de outro jeito”.

Assim como o pajé xavante que alertou para a matança de animais, o xamã Davi Kopenawa (2015) narra uma experiência semelhante. Diz que os xamãs antigos se comunicavam com os espíritos dos animais para que se aproximassem de suas florestas e assim pudessem caçá-los. Sem o trabalho dos xamãs, com a perspectiva dos brancos, a caça desaparece:

[...] os animais de caça ficam irritados e muito ariscos. Se é assim, as presas não param de se queixar dos caçadores: “Ma! São outras gentes. Tratam-nos sem nenhum respeito. Despejam de uma maneira suja o caldo de nosso cozimento para fora de suas casas! Atiram sem consideração nossas ossadas e peles na floresta! É de dar dó! Vamos ficar longe deles!”. Os animais também são

⁶⁹ Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/cultura/trecho-de-livro/lugares-de-origem/>. Acesso em: 14 mai 2022.

humanos. Por isso se afastam de nós quando são maltratados. No tempo do sonho, às vezes ouço suas palavras de desgosto quando querem se negar aos caçadores. Quando se tem mesmo fome de carne, é preciso flechar a presa com cuidado, para que morra na hora. Assim, ela ficará satisfeita por ter sido morta com retidão. Caso contrário, fugirá para bem longe, ferida e furiosa com os humanos. (KOPENAWA, 2015, p. 205-206)

Kopenawa responsabiliza a falta da capacidade de sonhar da sociedade ocidental à devastação do meio ambiente. Segundo ele, o alerta foi feito pelos “espíritos abelha” através de um sonho:

Você, que sabe virar espírito, fale duro com os forasteiros, eles vão escutá-lo! Os brancos não têm mesmo sabedoria nenhuma! Devem parar de maltratar as árvores da floresta! Logo já não haverá nenhuma flor perfumada para nos alimentar e fazer mel. Se continuar assim, será a nossa vez de morrermos todos! (KOPENAWA, 2015, p. 402)

O relato é bastante semelhante ao sonho do pajé xavante que transmitiu ao jovem Ailton Krenak que se despertou para iniciar seu ativismo. Kopenawa, por sua vez, conta que já conhecia o mundo dos brancos através de seus sonhos. E quando conheceu “o mundo dos brancos” pôde ver que a realidade era exatamente como tinha sonhado. Kopenawa saiu da floresta, assim como Krenak ao ouvir o pajé xavante, para se tornar um ativista em defesa do meio ambiente. Ao viajar para Paris, pôde ver através de um sonho que os espíritos também habitam as grandes cidades, “refugiaram nas alturas depois de os brancos terem passado muito tempo sem chamá-los” (KOPENAWA, 2015, p. 424). E foram os espíritos que o incentivaram a alertar os brancos sobre as consequências da destruição ambiental.

Fique atento! Dê a eles suas palavras numa voz firme, e não se deixe enganar por vagas mentiras! Eles têm de defender a floresta de fato! Se todas as suas árvores grandes forem derrubadas e queimadas, não voltarão a crescer. Por mais que os brancos tentem plantar outras, nunca terão a força das que o ser da fertilidade Nê roperi fez crescer no primeiro tempo. Só elas sabem fazer o vento e a chuva circular em suas copas, para que os espíritos das plantas e dos animais possam matar a sede e se banhar. Sem elas, a terra morrerá! (KOPENAWA, 2015, p. 424)

Kopenawa diz que aprendeu a língua dos brancos e possui algumas de suas mercadorias. Mas não quer se tornar um deles principalmente porque nas cidades “não é possível conhecer as coisas do sonho” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 431). Segundo o xamã, o olhar dos brancos “está preso no que os cerca: as mercadorias, a televisão e o

dinheiro. Por isso eles nos ignoram e ficam tão pouco preocupados se morremos de suas fumaças de epidemia” (Ibidem, p. 437-438).

Como afirma Sidarta Ribeiro durante a live, os hábitos da sociedade ocidental, como dormir tarde, o uso de aparelhos eletrônicos, o álcool e os ansiolíticos reduzem a capacidade de se lembrar dos sonhos e torná-los um assunto importante. Kopenawa descreve assim o sonho dos homens brancos:

Quando dormem, só veem no sonho o que os cerca durante o dia. Eles não sabem sonhar de verdade, pois os espíritos não levam sua imagem durante o sono... dormem deitados perto do chão, em camas, nas quais se agitam com desconforto. Seu sono é ruim e seu sonho tarda a vir. E quando afinal chega, nunca vai longe e acaba muito depressa. Não há dúvida de que eles têm muitas antenas e rádios em suas cidades, mas estes servem apenas para escutar a si mesmos. Seu saber não vai além das palavras que dirigem uns aos outros em todos os lugares onde vivem. (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 460-461)

Kopenawa afirma que os habitantes da floresta nunca esquecem dos sonhos. E é dos sonhos que vem o conhecimento com que tentam explicar para os brancos sobre a defesa da floresta:

Os brancos não sonham tão longe quanto nós. Dormem muito, mas só sonham com eles mesmos. Seu pensamento permanece obstruído e eles dormem como antas ou jabutis. Por isso não conseguem entender nossas palavras. (Ibidem, p. 390).

Eduardo Viveiros de Castro (2008) afirma que a subjetividade do xamanismo como epistemologia indígena está restrita somente ao campo da arte na sociedade ocidental. A fantasia, as emoções, o inconsciente e o sonho cabem somente na arte.

Ao ser questionado durante a live de como os krenak entendem a pandemia, Ailton Krenak responde que o coronavírus atinge só os humanos. Os outros seres vivos continuaram com suas vidas normais: “as borboletas continuam voando, os pássaros cantam, a abóbora brota no quintal. O vírus só tem um endereço: os humanos”. Vai mais além, dizendo que atinge os humanos não apenas individualmente, mas como espécie. Krenak conta uma história de seu povo:

KRENAK: [...] diz que o criador no nosso mito de origem deixou uma humanidade, que somos nós aqui na terra, e foi para algum outro lugar no cosmos. Um dia ele se lembrou da terra e disse: “ah, eu deixei minhas criaturas lá na terra, eu preciso ver no que eles se tornaram”. Mas enquanto ele fazia esse movimento totalmente incrível de vir aqui nos ver, ele pensou: “e se eles tiverem virado uma coisa pior do que eu posso conceber? Então eu não vou ter um encontro pessoal com eles. Eu vou fazer um truque, eu vou me transformar numa outra criatura para eu ver as minhas criaturas”. Então ele se transformou

num tamanduá e saiu na campina. Na hora que ele se postou numa paisagem, um monte de caçadores deu pra cima dele de borduna, de laço, de tudo. E os caçadores jogaram laços, prenderam ele e levaram ele para o acampamento com a intenção óbvia de fazer um churrasco com ele depois. Duas crianças gêmeas que observavam a cena evitaram que ele fosse levado para o churrasco e ficaram em reserva conversando com ele. Esse sujeito deu instruções para os meninos e, antes que os adultos descobrissem ele, os meninos protegeram a fuga dele. Na fuga, do alto de uma colina, os meninos gritam para ele: “avô, o que você achou da gente, das suas criaturas? Aí ele teria feito assim ó (faz um sinal com o polegar de mais ou menos).

(Live da Companhia das Letras)

Krenak diz que, de fato, os seres humanos podem dar errado, não tem um certificado: “a ideia de que a humanidade tem como se fosse um destino, isso é bobagem, nenhum outro animal pensa nisso”. Segundo ele, os krenak desconfiam desse destino humano. E, por isso, têm afinidade, em uma perspectiva existencial, com outros seres, como os rios, as pedras, as plantas. Krenak considera um equívoco o pensamento de que são os seres humanos que regem o planeta Terra.

A live aconteceu poucos dias depois da divulgação de uma reunião do presidente Bolsonaro com seus ministros (22/04/2020), ocasião em que foram reveladas falas de autoridades pelo enfraquecimento das regras de preservação ambiental, contra povos indígenas e contra a democracia. A reunião é citada na live e Krenak observa que o evento é um exemplo prático de que os humanos, como espécie, não estão acima dos outros seres:

KRENAK: [...] se existisse uma qualidade dos humanos, a gente não ia estar discutindo aqui a indiferença de algumas pessoas com a morte, com a destruição da base da vida: destruir a floresta, destruir os rios, destruir as paisagens, assim como ignorar a mortandade. Ela mostra para nós que a nossa ideia de humanidade de que ela confere, que tem algum parâmetro, é uma ilusão.

(Live da Companhia das Letras)

Krenak diz não acreditar que nós constituímos uma humanidade construída historicamente. Que esse ideal seria muito mais um desejo do que a realidade. Cita como exemplo as guerras do século XX, época em que os países se armaram tanto que poderiam destruir o planeta várias vezes: “é uma prova do abuso dos humanos na experiência com outros milhões seres, que devem estar perguntando: ‘o que esses humanos estão fazendo?’”.

Harari (2018) alerta que a pulsão destruidora da humanidade no século XXI, com a tecnologia da informação e biotecnologia, é muito maior que o enfrentado no século XX, com motores a vapor, ferrovias e eletricidade:

[...] considerando o imenso poder destrutivo de nossa civilização, não podemos mais nos dar ao luxo de ter mais modelos fracassados, guerras mundiais e revoluções sangrentas. Desta vez, os modelos fracassados podem resultar em guerras nucleares, monstruosidades geradas pela engenharia genética e um colapso completo da biosfera. Portanto, temos de fazer melhor do que fizemos ao enfrentar a Revolução Industrial. (2018, p. 58)

Para Krenak, o que a ciência econômica e política chama de capitalismo deu metástase e se infiltrou na vida de maneira incontrolável. E não seria possível “reconfigurar mundos com essa matriz”. Uma transformação só seria viável com um outro tipo de inserção do humano na biosfera da Terra. Diz ele, na live: “nós podemos estar aqui no planeta, mas nós vamos ter que estar de outro jeito. Nós vamos ter que nos reconfigurar para estar aqui. Aí deixa de ser uma crise para ser uma esperança maravilhosa”.

A mediadora Carol Pires pede que Ailton Krenak explique o conceito de “suspender o céu”, narrado por ele no livro “Ideias para adiar o fim do mundo”. Krenak explica que “suspender o céu” é referência a uma tradição da comunhão das pessoas com o céu e com a terra, de um tempo em que nossos ancestrais estavam harmonizados com os ritmos da natureza, os corpos humanos relacionados com tudo que é vida na Terra.

KRENAK: Os ciclos da terra são os círculos também dos nossos corpos. Nós não estamos dissociados de todos os outros seres. Essa conexão, essa teia da vida é que nos dá essa potência de suspender o céu quando a terra se sente pressionada pela proximidade do céu... Tem um tipo de humanidade que pelas suas heranças culturais sente essa pressão do céu sobre a terra. Ele é sazonal, ele acontece no ciclo nosso aqui dessa linha que nós vivemos aqui nos trópicos, ele acontece na primavera. Na entrada da primavera, quando vem chegar a primavera, é quando nós observamos essa proximidade do céu com a Terra. Nós precisamos cantar e dançar para suspender o céu... É uma herança cultural do tempo em que os nossos ancestrais estavam tão harmonizados com esse ritmo da natureza que eles não precisavam trabalhar mais do que algumas horas durante o dia para poder prover tudo que era preciso para viver. Então todo o resto do tempo você podia cantar dançar, sonhar... Suspender o céu é ampliar os horizontes de todos os seres, não só dos humanos.

(Live da Companhia das Letras)

A partir de 1998, Ailton Krenak começou a organizar o evento Taru Andé, na Serra do Cipó, em Minas Gerais. Na língua krenak Taru Andé significa “o encontro do céu com a terra”. Sempre no início da primavera, o festival reunia diferentes povos indígenas. Anos depois, em 2006, em mais uma incursão no audiovisual de Ailton Krenak, o conceito do festival foi transformado em uma série documental exibida pelo

Canal Futura. Dirigida por Marco Altberg, a cada episódio Ailton Krenak visitava aldeias indígenas de diferentes etnias para abordar temas como religiosidade, tradição e ritos.

Por sugestão da mediadora, a live termina com Sidarta Ribeiro fazendo uma pergunta para Ailton Krenak. Ele quer saber qual o papel das lideranças indígenas para que os povos não indígenas possam receber dos indígenas “a orientação necessária, a ética do cuidado necessária, para navegarmos nesse momento tão perigoso?”.

Krenak cita como um sinal de esperança a experiência de Evo Morales como presidente da Bolívia. Afirma que países da América Latina onde os indígenas são maioria podem influenciar mudanças de forma ampla na sociedade. Já no Brasil a representação física de indígenas é mínima, “uma gota no oceano”. Mas mesmo nos países com maioria indígena, ao longo dos séculos, os povos originários sempre assistiram à convulsão do continente do lado de fora, “observando uma cena como se fosse uma realidade paralela”. Citando o conceito de Boaventura de Sousa Santos, Krenak diz que essa separação entre o fazer dos colonizadores e o modo de estar no mundo dos povos originários criou uma linha abissal. Na definição de Boaventura de Sousa Santos, o pensamento abissal

[...] opera pela definição unilateral de linhas que dividem as experiências, os saberes e os atores sociais entre os que são úteis, inteligíveis e visíveis (os que ficam do lado de cá da linha) e os que são inúteis ou perigosos, ininteligíveis, objetos de supressão ou esquecimento (os que ficam do lado de lá da linha). (SANTOS; MENESES, 2020, p. 13)

Segundo Krenak, a matriz cultural do continente americano está marcada pela presença não indígena e não vai acontecer uma mudança profunda em curto prazo:

KRENAK: Acreditar que os povos indígenas, que o jeito de fazer dos vários povos indígenas, vão poder influenciar decisões tão imediatas seria uma esperança muito pouco fundada na nossa experiência histórica. Nós estamos resistindo para que haja possibilidade de alguma semente. Menos com a perspectiva de que nós vamos mudar a matriz cultural que tá impressa aqui, do que de alguma maneira tornar menos danosa essa presença.

(Live da Companhia das Letras)

Krenak encerra a live com uma visão menos otimista do que a apresentada por Sidarta Ribeiro no começo da conversa. Ribeiro havia citado a frase do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva quando afirmou que a Covid-19 seria uma oportunidade para que a humanidade acordasse do “pesadelo do deus dinheiro”. Para Ribeiro, apesar de a frase ser

infeliz, faz sentido: “já existe saber e já existe capital acumulados no planeta para que todo mundo, inclusive as outras espécies, vivam bem. E é isso que nos cabe enquanto estamos vivos agora”. Ailton Krenak não acredita em uma mudança drástica do modo de estar no planeta a partir de um evento como o Coronavírus, principalmente por causa da experiência histórica do capitalismo e do colonialismo. Krenak parece ter acertado na previsão. Como já mencionado na live com Leandro Demori, a pandemia fez aumentar ainda mais a desigualdade, com o 1% mais rico passando a concentrar metade da riqueza do país. Segundo Krenak, o que se pode fazer é plantar sementes para tornar menos danosa a presença humana na Terra. Ou, como anunciado no título do seu livro, plantar “ideias para adiar o fim do mundo”.

A live teve 262 comentários, a maioria elogiosos: “Essa live tem que ser exibida no horário nobre na Rede Globo, aproveitando que ela agora, não sei bem porque razão, está claramente contra esse governo genocida!”; “Impossível não nos sentirmos atravessados por falas e percepções tão lúcidas e inteligentes. Mastiguei, engoli e agora vou digerir. Nutrição super saudável para a alma e o coração. Parabéns!!”.

3.7.3 Live de Lilia Schwarcz com Ailton Krenak

Figura 16 – Live de Lilia Schwarcz com Ailton Krenak



Fonte: Captura de tela – YouTube.

Título: Lili entrevista | Ailton Krenak

Data: 02/07/2020

Canal: Lili Schwarcz

Participantes: Lili Schwarcz e Ailton Krenak

Visualizações: 68.515

Curtidas: 7,9 mil

Em plena pandemia, quando o Brasil apresentava 1.277 mortes em 24 horas e 61.900 óbitos no total⁷⁰, Lili Schwarcz pede que falem sobre a vida e não sobre a morte. Ailton Krenak reflete sobre a vida de forma poética:

KRENAK: [...] no mês de final de março, abril eu estava aqui no quintal de casa e eu vi as plantas, as borboletas amarelas voando aqui, o hibisco crescendo na cerca e as pessoas falando de uma grande tragédia sanitária afetando o mundo, a observação que eu fiz foi de que só o corpo dos humanos é que estava sendo afetado por isso, porque a vida toda seguia na sua graça beleza e o mundo se recriando toda hora. Não tem um evento de criação do mundo, ou um dia em que o mundo apareceu. Na verdade, o mundo aparece a toda hora.

(Live de Lilia Schwarcz)

Schwarcz afirma que a cultura ocidental não tem um lugar para a vida, mas também não tem um lugar para a morte. Krenak explica que o “lugar para a morte” é uma questão fundamental para os indígenas. Mas, por causa da pandemia, adultos e crianças estão sendo deslocados da floresta para buscar atendimento em hospitais. E a maioria das aldeias reclamavam para onde estavam indo seus corpos.

O exemplo a que Krenak se refere é o caso de duas mães e filhos yanomami enfermos que foram transferidos de suas aldeias para hospitais em Boa Vista, Roraima. No local, as crianças morreram, contaminadas por covid-19, e as mães não tiveram notícias dos corpos de seus bebês, que provavelmente foram enterrados em cemitérios da cidade. A ação vai de encontro às complexas tradições dos yanomami:

[...] os Yanomami não são enterrados. Nunca, sob nenhuma hipótese se enterra um corpo. Os corpos são cremados e há um longo ritual para que o morto possa morrer para si e para a comunidade... Os rituais de morte devem ser seguidos em todos os detalhes e levam meses e até anos para se concluírem. Várias aldeias vão até a comunidade do morto para participar da cremação, num primeiro momento. As cinzas então são guardadas. Meses depois haverá a segunda parte, quando os visitantes mais uma vez retornam para as celebrações. O morto então será lembrado em seus feitos, em suas desavenças, em todas as marcas importantes de sua trajetória. Será lembrado para então poder ser esquecido, suas marcas serem apagadas e a comunidade seguir adiante. No último ato, as cinzas dos mortos são diluídas em mingau de banana para que aquele que morreu se dissipe no corpo de todos. O ritual faz o morto morrer também como memória, para que os vivos possam viver. Se o ritual não for realizado, o morto não poderá ser esquecido nem se deixará esquecer, o que provoca muito mal a seus parentes e a toda a comunidade. (BRUM, 2020)

⁷⁰ Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/07/02/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-2-de-julho-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml>. Acesso em: 10 jul 2022.

O antropólogo francês Bruce Albert compara o enterro das crianças yanomami ao desaparecimento de corpos de vítimas de torturadores durante a ditadura militar (BRUM, 2020). Albert é co-autor do livro “A queda do céu” com Davi Kopenawa, o xamã yanomami.

[...] os de Hwaxima, apesar de expostos aos mais graves perigos e apavorados diante da violência desenfreada dos garimpeiros, sempre puseram a realização dos ritos funerários acima de sua própria segurança. Se falhassem nesse dever básico, os fantasmas de seus próximos ficariam condenados a vagar entre dois mundos, e os vivos, a sofrer o tormento de uma saudade infinita, bem pior do que a própria morte. (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 581)

Ou, como afirma Kopenawa, “a dor e o choro do luto duram várias luas, enquanto as cinzas funerárias não forem postas em esquecimento” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 445). Krenak, na conversa com Lilia Schwarcz, explica que os povos indígenas têm um jeito de morrer: “cultivam um jeito de morrer, eu até me aventuraria a aborrecer alguém dizendo que são pessoas que aprenderam a morrer”. Para ele, a sociedade tenta “esticar” a vida até onde não tem limite, não querem saber de lidar com a morte. Já os povos indígenas têm uma relação intensa com a vida, mas também com a morte.

KRENAK: Morrer é uma experiência profundamente influenciada pela própria experiência de estar vivo e relaciona com outras existências que nós chamamos de nossos ancestrais. Os ancestrais não estão em outra galáxia, eles estão aqui e, às vezes, eles estão dentro de mim. Como os ancestrais podem estar aqui dentro de mim, eu não tenho nenhum problema com morrer porque eu vou estar dentro de outros parentes meus, outros ancestrais meus. Eu vou ser ancestral de alguém quando eu não estiver aqui.

(Live de Lilia Schwarcz)

Em tom conciliador, Krenak expressa os sentimentos em relação a todos que perderam parentes ou pessoas queridas durante a pandemia.

Schwarcz pergunta a Krenak sobre “acidentes” ambientais, que ele chama de “incidentes”, como o do rompimento da barragem de Mariana. Krenak diz que eles estão velando o corpo do rio Doce, onde é localizada sua aldeia. Assim, é o próprio Krenak quem faz a ligação com a pergunta anterior sobre vida e morte. No caso, a morte do rio Doce.

Krenak diz que o rompimento da barragem foi um incidente e não um acidente porque é fruto de “escolhas muito antigas, quando os humanos decidiram que a natureza, essa ideia da natureza, é alguma coisa que nós podemos incidir sobre ela”. Segundo Krenak, a ideia de que o mundo foi criado para nos servir faz parte da narrativa ocidental

sobre a própria criação do mundo: “o mundo na verdade é uma plataforma extrativista para o vírus homo sapiens roer ele até o fim”. O escritor e ambientalista compara a violência contra o rio com a violência de tirarem os bebês das mães yanomami. Essa violência não é punida, pois está engajada com os conceitos de progresso, evolução, desenvolvimento.

A entrevistadora pergunta sobre a participação de Krenak na Constituinte de 1987, na qual o líder indígena foi fundamental para a demarcação de terras indígenas, como descrito em 3.3. Ele afirma que aquele foi um “momento alto astral da ideia do acampamento Brasil, que quase conseguiu constituir uma imagem de si”. Mas completa que cinco anos depois o então ministro da Justiça Nelson Jobim criou uma resolução que relativizava a demarcação das terras indígenas. Krenak se refere ao Decreto n.1775/1996, assinado pelo presidente Fernando Henrique Cardoso e pelo ministro da Justiça Nelson Jobim. O decreto abre uma brecha aos processos de demarcação de terras indígenas, entre eles o marco temporal, permitindo a contestação das terras por não índios. Para Krenak, “Nelson Jobim, que ainda tá vivo, uma hora terá que explicar por que decidiu rasgar constituinte quando ela não tinha nem 7 anos de idade”.

Schwarcz lembra que quando Ailton Krenak escreveu o livro “Ideias para adiar o fim do mundo” o fim do mundo não estava tão próximo quanto com a chegada da pandemia do coronavírus. E pede ideias para adiar o fim do mundo. Krenak relembra o episódio contado na live com Sidarta Ribeiro, de quando foi convocado por um grupo de pajés para que a sua geração fizesse alguma coisa porque o mundo estava acabando. Nas décadas de 80 e 90, ele ainda acreditava que desse para adiar o fim do mundo: “Eu já falei com a menina que fala ‘que legal seu livro “Ideias para tirar o fim do mundo”’, por favor, gente, isso aqui não é um manual de sobrevivência. Isso é um alerta dizendo fique esperto porque muito provavelmente os seus netos não vão ver o mundo”.

Schwarcz termina a live perguntando a Krenak sobre o que ele anda sonhando. Ele diz que anda sonhando com as galáxias, a partir de onde vê a terra de uma perspectiva não muito boa. O ambientalista afirma que a Terra é um organismo muito potente e o desaparecimento do ser humano não fará diferença para a vida de bilhões de outros seres do planeta. Por isso, diz ele, a grande questão é “o que nós vamos fazer com nós mesmos?”. Krenak faz uma crítica ao antropocentrismo, que considera uma peste por defender que a humanidade pode controlar a vida:

KRENAK: A gente acha que nós somos donos da vida. Nós não somos donos da vida, nós apenas compartilhamos a experiência da vida com bilhões de outros seres. E é maravilhoso que são bilhões, mesmo. E se o humano, o homo sapiens, der errado, os outros vão continuar existindo solenemente, como as borboletas amarelas, como o hibisco, como o melão-de-são-caetano, os pardais e os outros passarinhos. Alguns deles não vão nem perceber que a gente saiu daqui.

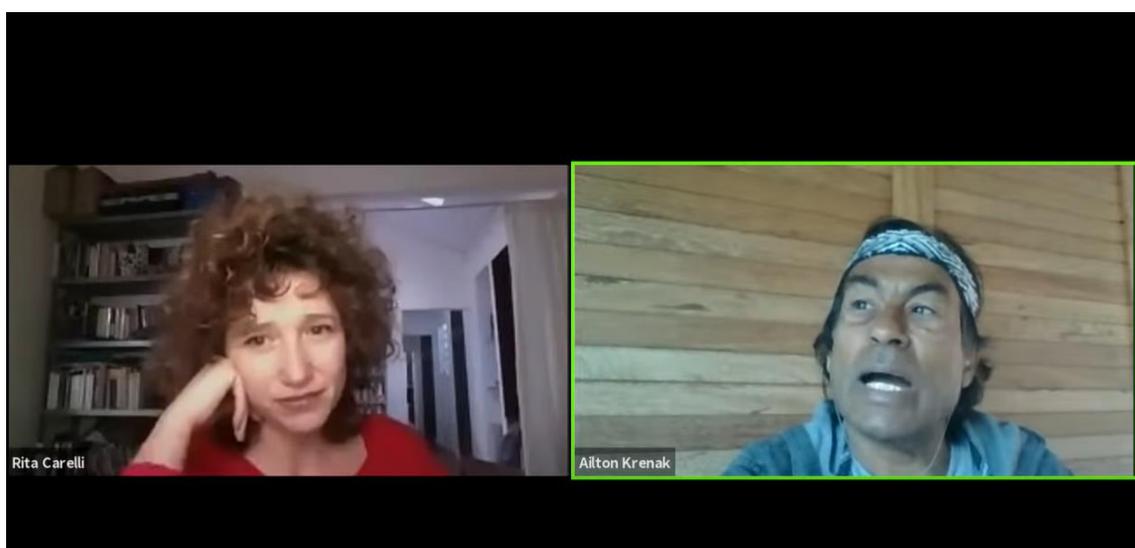
(Live de Lilia Schwarcz)

Schwarcz termina dizendo a Krenak que, apesar de ele dizer que não gosta da definição, é um grande pensador para o Brasil. E que nós precisamos muito dos seus alertas e dos seus “pitos”.

A live teve até o momento (04/03/2022) o total de 67.652 visualizações. Os comentários são unanimemente elogiosos. Um internauta afirma: “Como é maravilhoso ouvir todo esse conhecimento que nos foi sonogado pela educação, e formação, colonial que tivemos...espero que não seja tarde para abraçarmos esses conceitos e tentar mudar o rumo da história da humanidade”. Outra brinca com o tipo de voz a que não costuma ter acesso: “O vídeo q nem sabia q eu precisava..kk.. Obrigada por dividir essa conversa de vcs conosco... perfeitos!”

3.7.4. Live de Rita Carelli com Ailton Krenak

Figura 17 – Live de Rita Carelli com Ailton Krenak



Fonte: Captura de tela – YouTube.

Título: Bate-papo de lançamento do livro “A vida não é útil”, com Ailton Krenak e Rita Carelli

Data: 07/08/2020

Canal: Companhia das Letras

Participantes: Ricardo Teperman, Rita Carelli e Ailton Krenak

Visualizações: 13.262

Curtidas: 1,4 mil

Quem abre a live é o editor da Companhia das Letras Ricardo Teperman. Ele conta que foi de Rita Carelli a sugestão para que as palestras de Ailton Krenak fossem transformadas no livro “Ideias para adiar o fim do mundo”. Carelli também organizou os textos no segundo livro de Krenak, “A vida não é útil”. A escritora, atriz e diretora é filha do cineasta Vincent Carelli e da antropóloga Virgínia Valadão, criadores da Vídeo nas Aldeias, projeto precursor na área de produção audiovisual indígena do qual ela também faz parte. Segundo o editor, “Ideias para adiar o fim do mundo” vendeu até aquela data 60 mil cópias, com traduções para o francês, o inglês e o espanhol.

Carelli abre a live dizendo que ela e Krenak não tinham ideia do tamanho do sucesso que o livro “Ideias para adiar o fim do mundo” iria alcançar. E que hoje o próprio Krenak diz que está “atolado em lives”. Carelli brinca que o ambientalista se transformou no “guru da quarentena”. E acrescenta que o que ele vem dizendo há muitos anos, apesar de serem ideias próprias, “carregam o pensamento e a bagagem cultural e epistemológica de todo um povo, de uma forma de pensar”.

Krenak narra o primeiro encontro que tiveram para falar do livro em uma “tarde corrida” de São Paulo. Ali decidiram o que seria o livro e o título, o mesmo da palestra que fez em Lisboa. A partir desse momento o áudio de Ailton Krenak começa a falhar, com ruídos e falas entrecortadas. Sua imagem congela por alguns segundos. Quando volta, Krenak resume a intenção sobre os seus três livros publicados a partir de 2019 (“Ideias para adiar o fim do mundo”, “O amanhã não está à venda” e “A vida não é útil”):

KRENAK: Você não vai encontrar um mantra, repetindo uma narrativa sobre o Brasil ou sobre nós, povos indígenas. Mas você vai encontrar um pensamento nativo sobre a convulsão que o planeta Terra está passando. Essa confusão, que também é uma convulsão. Nós estamos sendo avassalados por uma crise sanitária, política e de paradigma... Aquela galera que dizia que outro mundo é possível agora está sendo convocado agora para vir dizer qual é o mundo.

(Live de Rita Carelli)

Carelli interrompe a conversa para dizer a Krenak que o microfone dele está raspando na sua própria roupa, produzindo ruídos no áudio. A escritora diz que o livro

“Ideias para adiar o fim do mundo” está sendo adotado, além de em universidades, por escolas de crianças pequenas. “Imagina a alegria para mim poder ter sido lido por gente que está fazendo a revisão do pensamento ocidental, nas academias, e por meninos com meus netos na escolinha. Me sinto meio Ziraldo”, se diverte Krenak.

Carelli afirma que o nome da palestra transformada em livro leva todo mundo a querer saber, como demonstrado em lives anteriores, quais são as ideias para adiar o fim do mundo, e Krenak diz também querer saber quais são elas. Carelli lembra uma fala de Sandra Benites, professora e pesquisadora descendente do povo Guarani Nhandeva: “pô, mas agora que os brancos descobriram o pensamento indígena estão agindo como se a gente fosse salvar vocês, que nós somos aqui a tábua de salvação. Vocês destruíram tudo e agora ainda querem que a gente o salve vocês”. Segundo a escritora, especialmente durante a pandemia do coronavírus em que Krenak se transformou no “guru da quarentena” as pessoas também depositam a ideia de tábua de salvação nos indígenas.

Krenak lembra que na mesma data em que conversam é comemorado o aniversário de Caetano Veloso e que perguntaram a ele qual música do compositor não poderia ficar de fora em uma homenagem: “eu disse ‘Terra’, óbvio. Porque o Caetano cantou a Terra como se fosse o olhar de um astronauta vendo ela de cima, ele disse que ele estava vendo a primeira vez que ele a viu estava nua, porém vestida de nuvem”. Krenak diz que considera um absurdo construir foguetes milionários para fugirem de um “planeta tão maravilhoso”.

Carelli conta que o livro “Ideias para adiar o fim do mundo” foi um choque para muita gente. Já em “A vida não é útil”, escrito durante a pandemia, diz ela, Krenak “coloca o dedo em outras feridas, como, por exemplo, a ideia de desenvolvimento sustentável ou de, digamos assim, capitalismo fofo”. Krenak lembra a visita “vergonhosa” de uma comitiva de mulheres de militares que fizeram maquiagem em indígenas yanomami. Krenak se refere a um episódio ocorrido no final de junho de 2020 quando mulheres de militares maquiaram o rosto de mulheres indígenas, além de pintar unhas e distribuir roupas e doces para as crianças. O antropólogo Bruce Albert criticou o evento:

Fiquei muito chocado com as fotos. Além de uma irresponsável falta de observância das regras de distanciamento físico no trato com uma população indígena particularmente vulnerável na pandemia, vejo também nas fotos um tremendo desrespeito à cultura e à dignidade das mulheres ianomami... atrás dessa pseudo 'ação social' esconde-se um racismo crasso cujas raízes históricas

remetem ao Brasil colonial. Destas cenas ressurgem, de fato, as imagens das 'escravas de estimação' do tempo da colônia.⁷¹

“Ficou chocada?”, questiona Krenak. Carelli responde que está acostumada. Krenak retoma um tema que tem repetido em outras lives, a teoria de Gaia. Segundo ele a teoria de um planeta vivo deixou de ser uma hipótese, como foi tratada durante os anos 80 e 90.

Carelli pede que Krenak diga alguma “palavra de poder ou verso” que atinja as pessoas além do nível cerebral. Krenak recorre aos “irmãos guarani”, para quem a palavra é criadora, tem o poder daquilo “que atinamos que é magia”. Krenak usa um tema recorrente em todas as suas falas, a vida: “quando eu disse que a vida é um dom e que nós podemos experimentar a vida como uma dança cósmica, estou convocando cada pessoa a fazer a sua coreografia ao invés da gente ficar esperando que alguém traga para gente esse gesto da dança”. Como uma metáfora para que cada um faça sua própria coreografia. Nesse momento, a conexão de Krenak falha, travando áudio e imagem, tornando suas palavras incompreensíveis. Quando a conexão volta, Krenak avisa que o sol está se pondo na aldeia, “você devem estar vendo que eu estou ficando na escuridão”. De fato, a imagem de Krenak quase desaparece pela falta de luz. A informação parece completar o raciocínio do ambientalista, já que na cidade parecemos estar mais distantes dos ciclos da natureza, mesmo em relação ao nascer e pôr do sol.

Figura 18 – Krenak na escuridão em live com Rita Carelli



Fonte: Captura de tela – YouTube.

⁷¹ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/rubens-valente/2020/07/17/militares-coronavirus-indigenas.htm>. Acesso em: 10 jul 2022.

Alguém acende a luz para Krenak e ele agradece. Lembra do filme “O sonho da pedra”, curta-metragem dirigido por Marco Altberg em que canta para o pôr do sol. De olhos fechados, balançando a cabeça, Ailton Krenak canta na língua krenak o trecho de uma canção.

Carelli conta para Krenak que o livro “Ideias para adiar o fim do mundo” terá um prefácio do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro. No texto, Castro elege Krenak como “uma das vozes políticas mais importantes do Brasil contemporâneo”. Segundo ele:

Krenak está escrevendo um capítulo essencial da história do Brasil, aquele que conta o que ele definiu como “a história da descoberta do Brasil pelos índios”: uma contra-história e uma contraantropologia indígenas, que tomam como seu objeto a cultura dominante do Estado-nação que se abateu sobre os povos originários desta parte do mundo. O tema de Krenak neste livro e em outros textos — quase sempre transcrições de palestras e entrevistas, pois seu modo preferido de expressão é a fala —, entretanto, passa pelo Brasil mas vai muito além dele: reflete sobre os pressupostos antropológicos daquela civilização que se toma por carro-chefe da “humanidade” e sobre os efeitos que ela está produzindo sobre as condições materiais e espirituais de existência de todos os povos e espécies existentes na Terra.

(Live de Rita Carelli)

Essa definição de Castro cabe não apenas nos livros de Krenak, mas também nas lives nas quais ele aparece como convidado, em que usa livremente seu modo de expressão preferido, a fala. O interesse se deve exatamente a uma versão da história da descoberta do Brasil pelos índios, colocando em xeque os rumos da humanidade nos últimos 500 anos, especialmente no momento em que a humanidade ficou acuada pela pandemia do coronavírus.

A live teve até o momento (06/03/2022) 13.113 visualizações e 52 comentários, todos elogiosos: “Ailton nos leva sempre para lugares que devemos sempre contemplar. Ele tem me ensinado bastante com sua simplicidade, humildade e sabedoria”; “Que maravilha, as ideias de Ailton Krenak, o pensamento indígena é de uma sabedoria de inteligência brilhante”; “Tão importante ouvir as ideias de Ailton Krenak num momento tão sombrio deste País. É uma voz que nos leva pra longe dessa realidade nefasta e ao mesmo tempo pede pra que a gente olhe pra uma humanidade, que vai muito além da nossa”.

3.7.5 Análise fonoaudiológica das lives de Ailton Krenak

A fonoaudióloga Marta Assumpção Andrada e Silva analisou as lives selecionadas em relação à expressividade, dividida em três aspectos: Comunicação Não Verbal (CNV): postura, gestos, expressão facial, roupas, enquadramento, iluminação, cenário de fundo; Comunicação Verbal (CV): vocabulário, velocidade de fala, uso de ênfase, pausa e inflexão (melodia); Aspectos Vocais: intensidade, frequência, respiração, projeção.

Em relação à CNV, Andrada e Silva observa que os enquadramentos fechados não permitem que se observe o gestual de Ailton Krenak. A fonoaudióloga afirma que ele é expressivo, mas sente incômodo em desvios de olhar do ambientalista, olhando para cima, parecendo que está procurando o que vai falar. Ressalta a expressividade de Krenak e que o uso da faixa na cabeça dá a ele uma identificação de quem se trata e de onde está falando. Andrada e Silva considera que iluminação e enquadramentos melhores ajudariam na didática de seu pensamento. Por fim, chama a atenção para o olho de Krenak, puxado e com bolsas embaixo, o que difere do padrão que estamos acostumados a ver na TV.

No aspecto da Comunicação Verbal, Andrada e Silva analisa que Krenak “fala com muita vírgula” e, por vezes, exagera nesse aspecto. Isso quer dizer que abre explicações no meio do raciocínio para expor conceitos, o que pode prejudicar a clareza das ideias. Ao mesmo tempo, usufrui pouco das pausas e das ênfases. O resultado é que dificulta para o ouvinte guardar a informação, já que pausas e ênfases ajudam a fixar a informação. A fonoaudióloga afirma que Krenak tem uma fala levemente descendente ao terminar as frases, sem inflexões entre grave e agudo, resultando em um ritmo mais lento.

Em relação à voz, Marta Andrada e Silva afirma que Krenak tem um padrão de médio para agudo e que varia pouco a frequência. É bem visível nas lives que o ambientalista projeta pouco a voz, parecendo não ter uma amplificação natural da voz.

3.7.6 Achados nas lives de Ailton Krenak

Através do estudo das lives de Ailton Krenak foi possível observar alguns pontos comuns relativos à temática, à estética e ao roteiro.

Krenak participou de todas as lives a partir de sua aldeia às margens do Rio Doce, em Minas Gerais. A localização é tema das conversas, já que Krenak menciona a proximidade com a mineradora Vale, que não parou as atividades durante a pandemia.

Em algumas transmissões podemos ouvir o som do apito dos trens da Vale, evento para o qual o escritor costuma chamar a atenção.

Um elemento de figurino de Ailton Krenak comum em todas as lives é o uso de uma faixa na testa com grafismos indígenas em preto e branco e uma camiseta. Em uma autodescrição de live para deficientes visuais, o próprio escritor descreve sua aparência e vestuário: “Eu sou um homem moreno com cabelo preto já passando da orelha, quer dizer, tá cheinho. Tenho uma faixa com um *kene*, um desenho *huni kuin* muito bonito. E estou com uma camisa azul”. Os *kene kuin*, grafismos da etnia *huni kuin*, da faixa usada por Krenak, são parte constante do seu visual em aparições em vídeo, “são os desenhos verdadeiros e representam uma parte intrínseca de sua identidade, um elemento fundamental na beleza de seus objetos e das pessoas. Os *kene kuin* estão presentes em todas as manifestações artísticas e também nos artefatos tradicionais dos *Huni Kuin*”⁷².

Em todas as lives observadas, Krenak aparece como convidado, portanto não são produzidas pelo próprio escritor. Apesar disso, ao assistir a elas por inteiro, a impressão que se tem a partir da primeira resposta à pergunta do interlocutor é que o próprio Krenak, e não o entrevistador, é quem conduz o diálogo. Não são respostas diretas, objetivas, mas uma reflexão sobre temas variados, em que pode lembrar de um mito indígena ou fazer referências a poetas contemporâneos. Krenak aproveita a tradição oral para tratar de temas profundos de maneira simples, como se estivesse contando uma história. Assim, envolve na sua narrativa não só o interlocutor como todos que o assistem virtualmente.

O tempo é outro fator importante. Diferentemente de um programa de TV aberta, em que o tempo tem que ser controlado com rigidez devido à programação, ou compromissos familiares, durante as lives Krenak pode falar livremente. Na live da Companhia da Letras, com Sidarta Ribeiro, por exemplo, a primeira resposta do ambientalista dura 10 minutos e 30 segundos. O tempo, no padrão da TV aberta comercial, seria considerado extenso demais. É comum em programas de televisão os produtores, ou entrevistadores, solicitarem ao entrevistado que se manifeste através de pensamentos objetivos e breves. Nas lives observadas não houve pressão sobre o tempo das respostas de nenhum interlocutor.

Em relação ao ritmo, Krenak fala de maneira calma e pausada. Mesmo quando o discurso tem mais veemência, o ritmo se mantém, nunca acelera ou sobe de tom. Quem o ouve é levado por essa tranquilidade e fluidez. Esse ritmo mais lento faz parecer que

⁷² Disponível em: <https://site.tucumbrasil.com/tecelagem-huni-kuin/>. Acesso em: 10 mar 2022.

Krenak fala com cada um que o assiste individualmente, de forma íntima. As pausas dão o tempo necessário para a reflexão de seus pensamentos expressos de forma simples, mas profunda sobre temas como o planeta, a vida e a morte.

Nas lives, Krenak aparece sentado, em plano fechado, portanto a análise da postura fica limitada. Mas é possível afirmar que o ambientalista gesticula pouco, raramente vemos as suas mãos. Ele procura olhar diretamente para a câmera, o que leva a encarar diretamente nos olhos de quem o assiste.

Um elemento comum a todas as lives, como a própria denominação indica, é que são transmitidas ao vivo. A possibilidade de manifestar a opinião sem edição é um ativo precioso de uma transmissão ao vivo. As respostas nunca estão sujeitas aos cortes dos produtores, seja para ajustes de tempo, seja para orientação editorial.

Em relação ao conteúdo, uma questão fundamental que difere as lives aqui analisadas em relação a um programa da TV comercial é a liberdade que têm para abordar todos os tipos de temas, como a crítica ao neoliberalismo, ao consumismo, a grandes marcas e ao agronegócio. Na TV aberta, os produtores são orientados a pesquisarem sobre convidados que possam fazer esse tipo de crítica em seus programas e evitarem o convite.

Ao final das lives, fica a sensação de que acabamos de ouvir uma longa história. Uma história do planeta e da humanidade com elementos de drama, humor, em que o mundo ancestral e presente, real e invisível, se misturam. O próprio Krenak se define como um contador de histórias: “Eu nunca me vi como escritor... Eu conto histórias, eu não faço parágrafos... Essas publicações que saíram nos últimos 20 anos, com assinatura minha, são todas faladas e transcritas. Então, meus livros são falados”⁷³.

Através das lives, Krenak pode expressar toda a potência da oralidade, sem intermédio da escrita, sem as limitações de tempo, espaço e conteúdo da TV aberta. Interessante observar que os livros de Ailton Krenak, especialmente o best seller “Ideias para adiar o fim do mundo” (2019), são transcrições escritas de suas palestras orais. Com a repercussão do livro e a pandemia do coronavírus, o conteúdo do livro resultou em grande número de lives, voltando assim à oralidade original.

As lives do Ailton Krenak contador de histórias se encaixam na definição de Harari, que afirma: “O Homo sapiens é um animal contador de histórias, que pensa em narrativas e não em números ou gráficos, e acredita que o próprio universo funciona como

⁷³ Disponível em: <https://conexaoplaneta.com.br/blog/uma-brisa-no-meio-da-tempestade-diz-ailton-krenak-sobre-premio-literario-juca-pato-que-recebeu-de-escritores/>. Acesso em: 10 mai 2022.

uma narrativa, repleta de heróis e vilões, conflitos e soluções, clímaxes e finais felizes”
(2018, p. 238).

4 NOVOS CAMINHOS

Depois de apresentar um panorama da participação indígena nas grandes redes de televisão e nos canais digitais, este capítulo discute caminhos e obstáculos para uma melhor representação indígena na TV aberta.

A participação de indígenas na programação da TV aberta ainda acontece de maneira apenas esporádica, diferentemente da representatividade de negros que, depois de muitas lutas, têm aberto espaços consistentes.

Regina Augusto da Silva Lucas (2022) analisou a bancada da GloboNews composta por jornalistas negros na cobertura dos protestos de George Floyd em 3 de junho de 2020. A iniciativa foi uma resposta para críticas feitas pelos telespectadores no Twitter “ao fato do programa, na noite anterior, ter apenas participantes brancos comentando sobre racismo” (p. 5):

É inegável que a onda global de protestos antirracistas desencadeada pelo assassinato de George Floyd significou um marco em muitos setores da sociedade ao representar uma virada na forma como questões raciais são discutidas na esfera pública. No jornalismo, trouxe à tona a falta de representatividade das redações, o despreparo da imensa maioria dos jornalistas com relação ao debate sobre questões raciais e como esses fatores podem fragilizar as coberturas e o enquadramento das matérias a respeito do tema. Esses aspectos endógenos da atividade jornalística no Brasil, no entanto, encontram uma grande parcela da população consciente e mobilizada sobre essa pauta, exigindo mudança de narrativas e abordagens. Foi a pressão oriunda das redes que levou o programa Em Pauta a realizar uma edição protagonizada apenas por jornalistas negros. (p. 110)

Ampliando a reflexão de Lucas, os protestos nas ruas e nas mídias sociais do “Vidas negras importam”, desencadeados depois do assassinato de George Floyd, multiplicaram a força do Black Money, que tem como principal mote “se não me vejo, não compro”. De acordo com artigo na revista *Época*, a ideia do Black Money é incentivar o consumo e serviços ofertados por pessoas negras: “no Brasil, o potencial de um movimento como esse é ainda maior, levando-se em consideração que os negros são 56% da população. São quase 120 milhões de pessoas que movimentam R\$ 1,9 trilhão por ano”⁷⁴. No artigo, o professor de marketing Rafael Nascimento afirma que hoje muitos

⁷⁴ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/economia/o-dinheiro-negro-importa-24512500>. Acesso em: 10 mai 2022.

consomem ou deixam de consumir por uma causa. Segundo o especialista, “a estratégia funciona melhor se a empresa reverberar ações pragmáticas e genuínas, como ter executivos negros em postos de liderança”⁷⁵.

Um exemplo prático desse movimento de empresas contratarem executivos negros para postos de liderança ocorreu em outubro de 2021, quando a executiva Samantha Almeida foi contratada pela TV Globo para o posto de diretora de criação. A função de Almeida, segundo divulgação da Globo, é comandar autores, pesquisadores e produtores de conteúdo do Entretenimento da emissora. Com longa experiência em publicidade, Almeida, que é negra, foi apresentada como uma profissional ligada à inovação e à diversidade do mercado de comunicação.

Além da presença em um cargo de direção de destaque, a representatividade negra também pode ser vista na tela da TV Globo de maneira mais consistente. Nos últimos anos, observou-se um aumento significativo de autores, diretores e elenco em telenovelas e séries, e também de apresentadores e apresentadoras negros em seus programas, fruto de luta perseverante e contínua. São diversos exemplos. Em 2017, Manoel Soares foi contratado como repórter do programa “Encontro com Fátima Bernardes”, no qual também atuava como co-apresentador; em 2019, Maju Coutinho assumiu a bancada do Jornal Hoje; em 2021, a própria Maju Coutinho migrou para o Fantástico e Aline Midlej assumiu o Jornal das 10, da GloboNews, além de integrar o time de plantonistas do Jornal Nacional. No mesmo ano, o “BBB 21” foi a edição com maior número de participantes pretos ou pardos.

Através das descobertas da dissertação, é possível depreender que a questão da representatividade indígena tem outra complexidade. Diferentemente da população preta e parda, que representa mais de 50% dos brasileiros, os indígenas não passam de 0,4%. Sendo assim, o dinheiro indígena não faz diferença significativa no lucro das empresas. Ou, como afirma Daniel Munduruku na entrevista realizada para esta dissertação (ver Anexo), “os indígenas não são bons produtos para serem vendidos, como, por exemplo, o movimento negro que tem mais consumidores, digamos assim”.

Uma outra dificuldade que parece intransponível em relação à inclusão indígena na televisão aberta, como demonstrado neste trabalho, é o discurso crítico dos indígenas em relação a temas como consumo e agronegócio. A pesquisa revelou que as falas de Ailton Krenak no YouTube contêm pontos em comum com o discurso de outras

⁷⁵ Idem.

lideranças indígenas, como a crítica ao desenvolvimento a qualquer custo. Em entrevista, Daniel Munduruku afirma que esse discurso comum foi sendo construído ao longo dos últimos anos, citando lideranças como Ailton Krenak, Raoni e Marcos Terena como precursores desse movimento. Segundo Munduruku, as novas gerações foram adaptando o discurso de acordo com as necessidades do momento.

Então, nesse sentido, existe um discurso mais ou menos estabelecido, mais ou menos acordado entre nós. Embora a gente converse muito pouco, embora a gente tenha muito pouco contato pessoal. Eu diria que a gente acabou se tornando uma espécie de intelectuais orgânicos, para usar um termo que é do Antônio Gramsci. Então, eu vejo Ailton como esse grande intelectual orgânico. Vejo o Raoni como intelectual orgânico. Eu vejo o Davi Yanomami como um intelectual orgânico. Eu me vejo, às vezes, como intelectual orgânico. Não basta ter o movimento indígena, nós temos que ter também os indígenas em movimento. (MUNDURUKU – entrevista disponível em Anexo)

Se nas novas funções à frente dos programas de televisão os apresentadores e apresentadoras negros rotineiramente leem notícias enaltecendo números do agronegócio no PIB brasileiro, ou fazem merchandising de todos os tipos de produtos, seria contraditório vislumbrar um apresentador indígena vender produtos, por exemplo, da Seara, marca da JBS, uma gigante do agronegócio com denúncias de compra de gado oriundo de área com desmatamento ilegal⁷⁶. Até mesmo empresas que têm a imagem associada à sustentabilidade, como a Natura, fortemente presente em merchandisings de programas de TV, sofrem restrições de vozes indígenas. Conforme Edson Kayapó:

A biopirataria é um exemplo claro de roubo da ciência indígena. Outro dia uma colega minha aqui em São Paulo veio me fazer propaganda da nova "descoberta" da Natura - que é uma das financiadoras da WWF: o óleo de andiroba trifásica. Eu disse a ela: "Mas como assim? Eu nasci e cresci me tratando com andiroba. Inclusive não fico nunca sem". Portanto, nesse momento, é preciso fortalecer essa ideia de um Instituto de Defesa da Propriedade Intelectual Indígena.⁷⁷

A questão da terra para os indígenas vai muito além da demarcação física. Grandes territórios tomados por monoculturas entram em choque com a forma como o pensamento indígena, de acordo com o discurso comum, defende que a terra seja tratada.

⁷⁶ Disponível em: <https://oeco.org.br/reportagens/32-da-carne-vendida-pela-jbs-provem-de-area-com-desmatamento-ilegal-diz-mpf/>. Acesso em: 10 mai 2022.

⁷⁷ Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/noticia/65866>. Acesso em: 10 jul 2022.

Um território não é apenas um pedaço ou uma vastidão de terras. Um território traz marcas de séculos, de culturas, de tradições. É um espaço verdadeiramente ético, não é apenas um espaço físico como muitos políticos querem impor. Território é quase sinônimo de ética e dignidade. Território é vida, é biodiversidade, é um conjunto de elementos que compõem e legitimam a existência indígena. (POTIGUARA, 2018, p. 119)

Dessa forma, a convivência de indígenas com um grande grupo de mídia, no qual o agronegócio figura como um dos maiores anunciantes, não seria pacífico. Dois exemplos dessa tensão foram observados nesta pesquisa. Durante a presença online, em 2021, no programa “Encontro com Fátima Bernardes”, o ativista da etnia xavante Cristian Wariu foi direto ao ponto quando divulgou o especial “Falas da Terra”, da própria TV Globo:

Ótima oportunidade para quem quer entender mais sobre povos indígenas, ver essa diversidade, ver a gente em diferentes espaços, cada um com sua luta, utilizando diferentes ferramentas para estar dentro da sociedade indígena. Que possamos ter, pelo menos nesse espaço da Globo, cada vez mais ‘Falas da Terra’, e não ‘Agro é Pop’.⁷⁸

No mesmo dia, Ailton Krenak criticou o agronegócio no programa Roda Viva, da TV Cultura:

Ciência e tecnologia podem nos proporcionar grandes saltos. No Brasil foram apropriadas de uma maneira abusada por uma classe que decidiu assaltar os territórios de uso comum e transformar em monocultura, em privilégio de controlar um certo mercado, grãos e bois. Esse é o agro, que diz que é pop. Ele tá envenenando a terra.⁷⁹

4.1. Daniel Munduruku e as alternativas para uma melhor representação de indígenas na TV aberta

Nesta pesquisa, observou-se que a visibilidade da população indígena na televisão aberta do Brasil (especialmente em relação às telenovelas e ao jornalismo da TV Globo) é marcada por dinâmicas de ocultamento e estereotipação. Ou seja: a população indígena é invisível, ou, quando visível, é uma caricatura. A primeira fala indígena na televisão

⁷⁸ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9447330/>. Acesso em: 11 jul 2022.

⁷⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BtpbCuPKTq4>. Acesso em: 11 jul 2022.

brasileira, em 18 de setembro de 1950, foi protagonizada por uma garotinha vestida de índio, a atriz mirim Sonia Maria Dorce. A referência indígena se deu ao fato de a TV Tupi, a emissora pioneira no Brasil, ter um nome que remete ao povo tupi e cujo logotipo era o de um indiozinho. Em relação à Rede Globo, que é a maior produtora de telenovelas brasileiras, líder de audiência e com relevância global, de 1965 a 2016, foram exibidas 297 telenovelas, sendo que em apenas 21 produções trouxeram personagens indígenas em suas tramas. O mesmo acontece no Jornalismo. O aumento de pautas ambientais no JN não refletiu em um aumento de vozes indígenas. Na cobertura dos ataques de Bolsonaro a indígenas na ONU, em 2020, foi observada a presença de uma única voz indígena como contraponto aos ataques de Bolsonaro, e isso somente depois de quatro dias.

A partir dessas constatações, questiona-se quais seriam os diálogos possíveis para a representação indígena na TV aberta. Onde se encontram pontos de intersecção e, por outro lado, quais os pontos de confrontos e tensionamentos?

Após a constatação das dinâmicas de invisibilidade e estereotipagem que marcam a presença das populações indígenas na TV aberta, apresentamos as impressões colhidas nesta pesquisa ao escritor Daniel Munduruku. Em entrevista realizada de forma semi-estruturada, Munduruku reagiu a alguns aspectos mapeados por este estudo. Aqui, destacaremos alguns pontos das respostas de Munduruku que consideramos mais relevantes para a pesquisa. A entrevista na íntegra pode ser encontrada como Anexo da dissertação.

Para ele, “as populações indígenas não são ouvidas para nada. Estamos em pleno século XXI e ainda assim fala-se muito sobre o que afeta os indígenas, mas não se escuta os indígenas”⁸⁰. Segundo Munduruku, “a história do Brasil é uma história muito complexa e contada a partir de muitos equívocos”. Para ele, os meios de comunicação são um reflexo de como é contada a história do Brasil, já que os profissionais de televisão, especialmente jornalistas, são formados dentro de uma visão equivocada sobre os indígenas, reproduzindo a visão contada na escola, que reproduz a história oficial do Estado brasileiro: “a presença indígena hoje nos meios de comunicação é um retrato do que vem acontecendo nos últimos 60 anos, no início da televisão, ou nos 100 anos do rádio. A sociedade brasileira não consegue perceber como está sendo manipulada”.

A pesquisa levanta a possibilidade de que um dos obstáculos para a (rara) participação indígena na televisão aberta está no discurso antagônico aos interesses

⁸⁰ Esta citação de Daniel Munduruku, assim como todas as seguintes, se encontra na entrevista semi-estruturada realizada com o escritor no âmbito desta pesquisa.

comerciais, ou editoriais, da grande mídia. Como exemplo, a crítica ao consumismo, alimentos industrializados, agronegócio, ao sistema financeiro e à busca desenfreada pelo progresso. Daniel Munduruku está alinhado à ideia de que o discurso indígena pode entrar em choque com os interesses comerciais das redes de televisão. Segundo ele, ao defender a memória e as lutas de seus ancestrais, os indígenas têm o compromisso de legar também aos seus netos um mundo possível de se viver: “Sendo assim, é compromisso dos indígenas não permitir que o modo de vida ocidental, que é baseado no capitalismo, no sistema econômico devorador, voraz, guloso, se imponha sobre o modo de vida, que é muito mais coletivo, muito mais comunitário”.

Um exemplo dessa disparidade entre o pensamento das lideranças indígenas e da linha editorial das grandes redes de televisão aberta pode ser constatado no documentário “2021: o ano que não começou”, exibido pela Globoplay, produzido e apresentado por Luciano Huck. Mais do que um dos apresentadores mais prestigiados da TV Globo, Huck atua como uma voz política, com um discurso alinhado ao da emissora. No documentário, o apresentador e empresário pensa em um novo mundo a partir da pandemia de Covid-19, onde “a favela nunca esteve tão conectada ao asfalto, o campo nunca esteve tão conectado à cidade”⁸¹. Para fazer o retrato dessa conexão, Huck entrevista moradores de favelas e pensadores notáveis de todo o mundo. Um desses pensadores é Peter Diamandis, fundador da Singularity University, do Vale do Silício, especialista em inovação e tecnologia. Na entrevista a Huck, Diamandis aponta o caminho para o Brasil calcado no agronegócio: “Um país, assim como uma pessoa, assim como uma empresa, tem que ter uma missão e um propósito. Você precisa estar certo do que você é, você precisa ter uma marca do seu país, algo que diga: ‘é isso que nós somos e é por isso que nós trabalhamos no mundo’.”⁸² A partir desse ponto, entram imagens do agronegócio brasileiro, muito semelhantes às das peças publicitárias da campanha “Agro é Pop”. Diz ele: “Para o Brasil, poderia muito bem ser sobre a economia verde. Ou sobre a alimentação para o mundo, ou energia para o mundo. E quando você tem uma visão clara de quem você é como nação, os grandes empreendedores do mundo vêm até você”. A conclusão de Diamandis, exposta no documentário lançado menos de dois anos depois de “Ideias para adiar o fim do mundo”, de Ailton Krenak, é antagônica ao pensamento do líder indígena, que condena as monoculturas e valoriza a agricultura familiar.

⁸¹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/2021-o-ano-que-nao-comecou/t/dLywPMhWjW/>. Acesso em: 01 ago 2022.

⁸² Idem.

Outro aspecto da dissertação aborda o uso da internet como alternativa para que indígenas possam se comunicar sem estarem sujeitos aos limites impostos pela TV aberta.

Daniel Munduruku acredita que, com o advento da internet, os indígenas “conseguem, de uma certa maneira, vender produtos alternativos, outras possibilidades de a gente viver sem necessariamente nos ajoelharmos completamente ao sistema econômico do capitalismo, nos oferece”. O escritor observa que alguns indígenas têm usado a internet “com uma certa competência”, mostrando um outro olhar sobre as sociedades indígenas. E considera um caminho para a transmissão dos saberes indígenas. Sobre esses saberes, na visão de Munduruku, o conceito do tempo é fundamental:

O tempo ocidental é o tempo do relógio, o tempo da correria, o tempo da pressa, é o tempo da produção, o tempo da riqueza, o tempo do acúmulo, o tempo da poupança, o tempo do investimento. É o tempo de correr atrás do tempo. E o tempo é dinheiro. E nós passamos a vida inteira correndo atrás do tempo. E aí quando a gente alcança esse tempo, que é a riqueza, que é o sucesso na vida, a gente descobre que o tempo passou e a gente não viveu absolutamente nada. Por toda a riqueza que a gente pode ter juntado, o tempo não parou, como diria Cazusa.

Para Munduruku, é extremamente importante uma participação mais efetiva de indígenas na TV aberta: “Eu sou muito apaixonado por televisão. Os meios de comunicação são importantes para nos situar, nos posicionar no mundo, nos fazer perceber nosso lugar no mundo”. Mas para o escritor, hoje, existem apenas alguns “flashes” da participação indígena na televisão. Cita o especial “Falas da Terra”, da TV Globo, exibido no dia do indígena, em 2021, como um desses “momentos de lucidez dentro da televisão”. Segundo ele, abrir espaços para escritores e roteiristas indígenas na televisão, criando personagens indígenas em minisséries e telenovelas, seria uma forma de quebrar estereótipos da sociedade brasileira:

Vejo que há alguma abertura para que escritores indígenas, ou roteiristas indígenas, surjam também. Acho que um dos caminhos possíveis é justamente fazer com que indígenas sejam roteiristas nessas produções, seja em minisséries, séries, novelas e filmes. Porque trazem consigo um outro olhar e, talvez, possam trazer, inclusive, personagens indígenas. Mesmo que sejam pontuais, esses personagens lembram aos brasileiros que o indígena faz parte da própria identidade nacional. E que também o telespectador se enxergue ali, consiga se visualizar. Isso ajuda a quebrar um pouco o estereótipo. E sobretudo que essas pessoas possam aparecer assinando esse material, assinando suas produções. Isso gera uma nova ideia na cabeça, na mentalidade das pessoas, daquele índio que está lá preso no passado, preso numa aldeia no meio da floresta. E fugir um pouco desses estereótipos. E contratar jornalistas indígenas, dar oportunidade para esses jornalistas, ou mesmo para esses diretores de filme que são indígenas e que têm feito produções maravilhosas.

E chamar essa galera pra gente redirecionar um pouco o foco da TV, pra gente sair dessa coisa um tanto linear e apresentando mesmo uma nova possibilidade de vida, de sociedade, de mundo. E, claro, se pudermos aproveitar, por exemplo, que os indígenas sejam roteiristas de seus próprios livros, seus livros se transformem em filmes, em novelas, em seriados, isso seria o máximo. Porque aí seria reeducar a sociedade brasileira. Apresentar alguns modelos diferentes de sociedade ao método pedagógico linear e consumista ocidental.

Uma iniciativa da TV Globo para aumentar a participação indígena nas produções televisivas está nas oficinas para roteiristas. Desde 2021, a Globo passou a incluir indígenas em seu Laboratório de Narrativas, em parceria com a Festa Literária das Periferias (Flup). O processo tem como objetivo “incentivar a produção de narrativas potentes e criativas de roteiristas negres e indígenas, suprimindo uma incompreensível lacuna da nossa produção audiovisual”⁸³. Na oficina, foram oferecidas 20 vagas para pessoas autodeclaradas indígenas. Os palestrantes são roteiristas da própria Globo, que não conta com nenhum escritor indígena.

O tempo dirá se as iniciativas da TV aberta de abrir espaço para narrativas indígenas terão resultados no futuro, mesmo que possam vir de encontro aos interesses comerciais das empresas. Munduruku é otimista:

Acho que está avançando um pouquinho. Hoje em dia tem uma juventude que está entrando na televisão que já tem uma outra mentalidade, roteiristas mais jovens que não querem deixar de fora essas outras vozes. Então, isso tem sido bacana de ver, essa transformação acontecendo. A mesma coisa que está acontecendo na escola, com professores mais jovens que estão envolvidos com essa desconstrução, dessa decolonização do pensamento. Então, a sociedade, de uma maneira que acho que vai acontecer em breve, vai ter essa mudança de linguagem. E eu penso que isso é fruto dessa luta, desses novos discursos, dessas novas possibilidades de participação que a gente está tendo dentro da sociedade. E que não foi a sociedade que nos ofereceu, nós é que abrimos o buraco, vimos um furo no futuro e entramos nele.

⁸³ Disponível em: <https://www.flup.net.br/post/inscri%C3%A7%C3%B5es-abertas-para-o-laborat%C3%B3rio-de-narrativas-negras-e-ind%C3%ADgenas-para-audiovisual>. Acesso em: 12 abr 2022.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou entender (1) a representatividade indígena na TV aberta e os motivos pelos quais a ausência e estereótipos continuam se perpetuando; (2) como líderes indígenas ocuparam as mídias digitais para se comunicarem; e (3) se esta “ocupação” dos espaços digitais promove algum tensionamento nas TVs abertas em relação à representação das populações indígenas nesses meios.

Para dar conta desses objetivos, realizou-se um levantamento de artigos e teses acadêmicas sobre a representação indígena na televisão, principalmente nas telenovelas e séries. O levantamento trouxe números expressivos. Das 665 telenovelas exibidas no período de 1963 a 2016, nas principais emissoras de televisão do Brasil, apenas 28 mostraram personagens indígenas (NEVES; CARVALHO, 2019).

Através dos exemplos apresentados, foi possível constatar que a forma como os indígenas são retratados nas telenovelas tem como origem a imagem que muitos brasileiros fazem deles difundida nos livros escolares e reforçada pelos telejornais e pela teledramaturgia. Como afirmam Neves e Carvalho (2015), as identidades das personagens indígenas presentes nas telenovelas “não são fruto apenas da criatividade de seus autores e, sim, foram possíveis de ser produzidas e exibidas porque pertencem a redes de memórias historicamente construídas sobre os povos indígenas” (p. 89).

Em relação ao telejornalismo, o estudo analisou a presença e a representação dos povos indígenas no mais relevante telejornal do país, o Jornal Nacional. O objeto do estudo foi a cobertura de um evento específico: o discurso de Jair Bolsonaro na ONU, no dia 22 de setembro de 2020. Na ocasião, o presidente acusou os indígenas de serem responsáveis pelas queimadas na Amazônia. Durante a cobertura, apesar da presença de pautas ambientais, indígenas não foram ouvidos como fontes de conhecimento. O que se observou foi que o aumento de pautas ambientais no JN não refletiu em um aumento de vozes indígenas. Uma das possibilidades para essa ausência é que, na visão da grande mídia, os povos tradicionais não têm qualificação para se contrapor ao presidente. A grande mídia estabeleceu que fontes relativas ao meio ambiente são políticos, ONGs, ambientalistas e cientistas. Indígenas estão excluídos do discurso ambiental.

A dissertação também analisou uma peça publicitária dentro da programação da TV Globo, a campanha “Agro é Pop”, alvo frequente de críticas por parte de indígenas. A campanha do agronegócio brasileiro, patrocinada pela picape “Nova Nissan Frontier”

e pelo banco Bradesco, uma mistura de programa informativo com publicidade, exemplifica bem a interferência do departamento comercial em relação à escolha de conteúdos.

Como contraponto à rara presença indígena na TV aberta, o estudo analisou a comunicação indígena através das mídias digitais. Segundo as lideranças indígenas analisadas neste estudo, a internet se tornou aliada dos povos originários para “furar o domínio” audiovisual antes restrito a pequenos grupos que dominam a grande mídia (GUAJAJARA, 2017).

Com as medidas de isolamento social por conta da pandemia do Coronavírus, a oferta do formato live cresceu de forma exponencial. Nesta pesquisa, a análise se concentrou especialmente nas lives de pensadores relevantes da cultura ocidental em que Ailton Krenak participou como convidado. Observou-se, em suas participações, uma crítica contundente ao neoliberalismo, ao consumismo, a grandes marcas e ao agronegócio, assuntos considerados “sensíveis” para as grandes redes de TV comerciais.

Ao longo da experiência biográfica do pesquisador em produção e direção de programas nas principais emissoras do país, trabalhando nos bastidores, foi possível constatar que os produtores são alertados a pesquisarem sobre convidados que possam fazer esse tipo de crítica em seus programas e, assim, evitem o convite. Só por um “acidente” veremos algum entrevistado fazer uma crítica ao “status quo”, seja a alimentos industrializados, ao agronegócio, a bancos, contra a reforma da previdência ou trabalhista, ou em defesa da regulamentação da mídia.

Os achados na pesquisa foram submetidos a uma apreciação crítica de Daniel Munduruku. O que se percebe é que o teor crítico ao sistema capitalista vigente, abordado nas lives de líderes indígenas, parece ser uma dificuldade a uma maior presença dos povos originários nas TVs, onde, por interesses comerciais e também editoriais, evita-se tratar de uma série de temas que possam colocar em xeque marcas e ideologias.

No sentido da ausência de indígenas como narradores na TV aberta, quando pensamos no Brasil e nos brasileiros, quais são as histórias que são contadas para explicar quem somos, de onde viemos e para onde vamos? Ou, com a mesma importância, quais as histórias que não são contadas? Quais são as narrativas, mitos e cosmologias que não estão presentes nas telenovelas e no telejornalismo?

Como abordado no Capítulo 1 deste trabalho, Yuval Harari (2018) afirma que os humanos sempre buscaram respostas para questões complexas, como o sentido da vida, através das histórias: “o Homo sapiens é um animal contador de histórias” (p. 331). Nos

dias atuais, muitas dessas histórias são contadas pela televisão aberta, tanto através da teledramaturgia quanto do jornalismo. Ao ocultar as narrativas indígenas, estamos perdendo uma perspectiva importante na busca por respostas para as nossas angústias, especialmente em tempos em que o mundo está ameaçado por catástrofes ambientais.

A discussão sobre uma maior diversidade na televisão aberta, que tem grande alcance no Brasil, é um tema relevante e atual, e ainda existem poucos estudos acadêmicos sobre a presença indígena nas grandes redes de TV. Como mostrou esta dissertação, as iniciativas para que indígenas contem suas histórias na televisão aberta ainda são esporádicas e pontuais. Diferentemente da representatividade negra, sobre a qual vimos exemplos concretos na pesquisa, a representatividade indígena foi observada apenas ocasionalmente e especialmente em programas especiais no dia do indígena. São “flashes”, na concepção de Daniel Munduruku. Ou, como canta Jorge Ben Jor, em canção de 1981:

*Antes que os homens aqui pisassem
Nas ricas e férteis terras brasílicas
Que eram povoadas e amadas por milhões de índios
Reais donos felizes
Da terra do pau-brasil
Pois todo dia, toda hora, era dia de índio
Mas agora eles só têm um dia
O dia 19 de abril*

Será importante e necessário acompanhar se haverá alguma evolução na inserção de indígenas na programação da TV aberta através de iniciativas como a inclusão de representantes dos povos originários em laboratórios para a formação de novos roteiristas. Ao mesmo tempo, devemos observar a evolução do uso da internet por indígenas, como uma alternativa aos meios de comunicação tradicionais. Quais serão os próximos passos de indígenas que “viralizaram” nas redes sociais, ou que se tornaram “influencers” em plataformas como Instagram, Twitter ou TikTok? É o caso de Maíra Gomes, da aldeia Tatuyo, do Amazonas, conhecida como Cunhaporanga, que compartilha sua cultura nas redes. No Instagram, ela conta com 523 mil seguidores e no TikTok com 6,7 milhões de seguidores.

Outra questão a ser estudada é a transformação de indígenas em figuras midiáticas. O próprio Ailton Krenak, depois da repercussão de seus livros e lives, passou a frequentar grandes eventos e receber prêmios e títulos, como doutor *honoris causa* pela UnB, eleição para a Academia Mineira de Letras, em 2022, e o prêmio Juca Pato, de intelectual do ano de 2020.

Refletir sobre a inserção e a representação indígena tanto na TV aberta quanto nas mídias sociais é extremamente importante, já que a invisibilidade e os estereótipos em relação aos povos originários têm potencializado intolerância e preconceitos ao longo dos séculos. A pesquisa delimitou o campo de pensar a representatividade indígena nas mídias sociais e na TV aberta, mas espera-se que essa questão se amplie em outros estudos no campo da comunicação, afinal, é uma questão urgente. Concordando com Daniel Munduruku:

A comunicação indígena com a sociedade brasileira, de uma forma mais qualificada, leva a um processo pedagógico. É uma via de mão dupla, porque os povos indígenas aprenderam muito com a sociedade brasileira e a sociedade brasileira, aos poucos, de uma forma muito lenta, está aprendendo também com a sociedade indígena. A população indígena está aprendendo a abordar temas que podem ajudar o Brasil a pensar sobre si mesmo, trazendo outros elementos, outros conceitos, outras abordagens, outros paradigmas para que o Brasil entre num caminho de valorização da sua identidade. E a identidade brasileira precisa ser revista, repensada, resgatada. O Brasil, enquanto não fizer caminho de reconciliação com o seu passado, não vai conseguir de fato caminhar rumo ao futuro que talvez mereça ter. Mas para isso a gente tem que respeitar e considerar sua diversidade cultural que sempre foi a base da nossa identidade nacional.⁸⁴

⁸⁴ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/brasil-precisa-olhar-para-a-sua-ancestralidade-diz-escritor-daniel-munduruku/>. Acesso em: 30 jun 2022.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A ÚLTIMA FLORESTA. Direção: Luiz Bolognesi. São Paulo: Gullane e Buriti Filmes, 2021 (74').

AGRELA, Lucas; CURY, Maria; VITORIO, Tamires. Na quarentena, o mundo virou uma live. **Revista Exame**, 23 abr. 2020.

Ailton Krenak e Leandro Demori conversam sobre a crise do coronavírus. Canal do YouTube do Intercept Brasil. Transmitido ao vivo pelo YouTube em 8 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6XoRg3nj1Ws&t=1621s>. Acesso em: 10 jan 2022.

ALMEIDA, Giselle. Indígenas elogiam atores de “Novo Mundo”, mas apontam “estereótipo”. **UOL**. Rio de Janeiro, 10/06/2017. Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2017/06/10/indigenas-elogiam-atores-de-novo-mundo-mas-apontam-estereotipo.htm>. Acesso em: 10 jan 2022.

ALMEIDA, Veronica Eloi de. A Muralha e a representação indígena na televisão, na literatura e nas ciências sociais. **PROA Revista de Antropologia e Arte**. v. 1, n. 4, 1 dez. 2012.

APIB. Brasília, 24 set. 2020. Instagram: @apiboficial Via @coiabamazonia. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CFhUw57ncOp/?igshid=1p3g8h8jj4il0>. Acesso em: 14 mar 2022.

ASMI, Rehana. Indigenous Representation in the Media and the Importance of Personal Narrative. ScholarWorks at University of Montana, Missoula, jan 2017.

BARROS, Randra Kevelyn Barbosa. O pensamento de Ailton Krenak: voz intelectual indígena no Brasil. *Revista Entrelaces, Fortaleza*, v. 11, n. 23, p. 214-227, jan./mar. 2021.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: **Obras escolhidas**: Magia e técnica, arte e política. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BESSA FREIRE, José Ribamar. Cinco idéias equivocadas sobre o índio. *Cenesch: Revista do Centro de Estudos do Comportamento Humano, Manaus*, v. 1, p. 17-33, 2000.

BOADLE, Anthony. Brazil's Bolsonaro blames indigenous people for Amazon fires in U.N speech. **Reuters**, 22 set 2020. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/uk-un-assembly-brazil-idUKKCN26D1ZF>. Acesso em: 12 mar 2022.

BORGES, Paulo Humberto. Fotografia História e Indigenismo: a Representação do Real no SPI. Unicamp, Campinas, 2003. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/253687/1/Borges_PauloHumber-toPorto_D.pdf. Acesso em: 10 mai 2022.

BRITO, Thais. Mídias indígenas: por uma comunicação intercultural. **Carta Capital**. São Paulo, 17/04/2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/midias-indigenas-por-uma-comunicacao-intercultural/>. Acesso em: 12 jan 2022.

BRUM, Eliana. Mães yanomami imploram pelos corpos de seus bebês. **El País Brasil**, 24 jun 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-24/maes-yanomami-imploram-pelos-corpos-de-seus-bebes.html>. Acesso em: 12 mai 2022.

CAMPOS, Luiz Augusto; FERES JÚNIOR, João. Televisão em cores? Raça e sexo nas telenovelas “Globais” dos últimos 30 anos. Textos para discussão GEMAA, n. 10, 2015, pp. 1-23. Disponível em: http://gema.iesp.uerj.br/wp-content/uploads/2015/12/images_publicacoes_TpD_TpD10_Gemaa.pdf

CARVALHO, Vívian de Nazareth Santos; DOS SANTOS NEVES, Ivânia. O corpo indígena nas telenovelas brasileiras: memória, nudez e embranquecimento. REDISCO—Revista Eletrônica de Estudos do Discurso e do Corpo, v. 8, n. 2, 2015.

D’ANGELIS, W. R. Histórias dos índios lá em casa: narrativas indígenas e tradição oral popular no Brasil. Disponível em: www.portalkaingang.org.

DAMASIO, Antonio. **A estranha ordem das coisas**: as origens biológicas dos sentimentos e da cultura. São Paulo, Companhia das Letras, 2018.

DEBATE COM DAVI KOPENAWA. Publicado pelo canal Instituto Socioambiental. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=16YDWDufBpQ&t=1415s>. Acesso em: 20 mai 2022.

DEBORD, Guy. **O planeta doente**. Lisboa: Letra Livre, 1971.

FELTRIN, Ricardo. Quase 80 milhões de brasileiros só têm TV aberta em casa. **UOL**, 20 out 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/ooops/2020/10/20/video-80-milhoes-de-brasileiros-so-tem-tv-aberta-em-casa.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 10 dez 2022.

GIRARDI, Ilza; LOOSE, Eloisa; STEIGLEDER, Gallas et al. (2020). Novos rumos da cobertura ambiental brasileira: um estudo a partir do Jornal Nacional. **Trajetórias Humanas Transcontinentais**, Limoges: Universidade de Limoges n. 7, 2020. Disponível em: <https://www.unilim.fr/trahs/2054>. Acesso em: 10 fev 2022.

GLOBO promove oficina de roteiro para turma do Laboratório de Narrativas Negras. COMUNICAÇÃO GLOBO. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://imprensa.globo.com/programas/institucional-geral/textos/globo-promove-oficina-de-roteiro-para-turma-do-laboratorio-de-narrativas-negras/>. Acesso em: 14 mar 2022.

GONSALES, Priscila. “Captar histórias através da Internet ou dos celulares é uma nova forma de oralidade”. **Portal EducaRede**, 15 out. 2004. Disponível em: <https://educadigital.org.br/captar-historias-atraves-da-internet-ou-dos-celulares-e-uma-nova-forma-de-oralidade-2/>. Acesso em 12 mai 2022.

GUAJAJARA, Sônia. Entrevista. In: Cohn, Sérgio; Kadiwèu, Idjahure (orgs.). **Tembetá: conversas com pensadores indígenas**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2019b. p. 198.

HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ÍNDIOS protestam contra estereótipos de "Uga Uga". **Folha de S. Paulo**. 19 jun. 2000.

JACOB, Livia Penedo. Encontros com Ailton Krenak organizado por Sérgio Cohn. **Palimpsesto** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, v. 15, n. 22, p. 444-448, 2016.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

LEMOS, André. **Ciber-cultura-remix**. Mostra “Cinético Digital”, Centro Itaú Cultural. Mesa: “Redes: criação e reconfiguração”. São Paulo, Itaú Cultural, agosto 2005.

LUCAS, Regina Augusto da Silva. Dissertação. 2022. **Mobilização antirracista e representatividade pós George Floyd: um estudo de caso sobre a inédita bancada negra do programa jornalístico Em Pauta**. 2022. Faculdade Cásper Líbero, São Paulo.

KANAYKÕ, Edgar. Dissertação: **Etnovisão: o olhar indígena que atravessa a lente**. 2019. Tese de Mestrado. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas Programa de Pós-Graduação em Antropologia, UFMG, 2019.

_____.; BRITO, Tamires. A pluralidade étnico-cultural indígena no Brasil: o que a escola tem a ver com isso? **Mneme** – Revista de Humanidades. Caicó, v.15, n.35, p.38-68, jul./dez. 2014. Disponível em: Acesso em: 22 jan. 2017.

KOPENAWA, Davi. Entrevista ao Programa Roda Viva. TV Cultura. 1998.

_____.; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

_____. Ailton Krenak - Receber sonhos. Entrevista concedida a Alipio Freire e Eugênio Bucci. **Teoria e Debate**, 06/07/1989.

_____. Entrevista Nota 10: Ailton Krenak. **Universidade de Fortaleza**, Fortaleza, 4 mai. 2020.

_____. Entrevista. In: Cohn, Sérgio; Kadiwèu, Idjahure (orgs.). **Tembetá: conversas com pensadores indígenas**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2019b. p.20/21.

_____. Entrevista concedida à equipe da Fundação Bienal. São Paulo, 09/10/2019. Disponível em: <http://bienal.org.br/post/7898>. Acesso em: 10 mar 2022.

_____. Masterclass de audiovisual CCBJ | Aula show "Já me transformei em imagem". **Canal do CCBJ**. YouTube. Transmitido ao vivo em 10 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CglYoxPyjvA>. Acesso em: 10 jan 2022.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LIVE de quinta-feira com os principais assuntos da semana. Jair Bolsonaro. Brasília, 23 janeiro 2020. Facebook: @jairmessias.bolsonaro. Disponível em: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/1025623794472149>. Acesso em: 12 jan 2022.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **O que é o virtual**. São Paulo: Editora 34, 1996.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação. **Comunicação & Educação**, [S. l.], n. 26, p. 17-34, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37469>. Acesso em: 30 jul. 2021.

LUPINACCI, Ludmila. “Da minha sala pra sua”: teorizando o fenômeno das lives em mídias sociais. **Galáxia**, PUC-SP. ISSN 1982-2553, São Paulo.

MARÉS, Chico. #VERIFICAMOS: É verdade que Bolsonaro elogiou cavalaria norte-americana por dizimar índios. **Agência Lupa**, 06/12/2018. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/12/06/verificamos-bolsonaro-cavalaria/>. Acesso em: 10 mar 2022.

MASSUELA, Amanda; WEIS, Bruno. O tradutor do pensamento mágico. **Revista Cult**, 2019. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/ailton-krenak-entrevista>. Acesso em: 10 mai 2022.

MENDES, José. O genocídio Kaingang e a Metáfora da Guerra: sertão do Bauru, 1856-1912. In: CARNEIRO, Maria Luiza; ROSSI, Mirian (Orgs). **Índios no Brasil: Vida, Cultura e Morte**. São Paulo: Intermeios, 2018.

MESA 6: Sonhos para adiar o fim do mundo, com Ailton Krenak e Sidarta Ribeiro. Mediação Carol Pires. **Canal do YouTube da Companhia das Letras**. Transmitido ao vivo em 24 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=95tOtpk4Bnw&t=4000s>. Acesso em 14 mar 2022.

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política**. São Paulo: Ubu, 2018.

NEVES, Ivânia; CARVALHO, Vívian. A presença indígena na telenovela brasileira: poder, interdição e visibilidade. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. Vol. 42, núm. 1, jan-abr, 2019, pp. 167-181.

NUNES, Monica. “Uma brisa no meio da tempestade”, diz Ailton Krenak sobre sua premiação com o ‘Juca Pato’, troféu de literatura. **Conexão Planeta**, 23 set. 2020.

PALMQUIST, Helena. **Questões sobre genocídio e etnocídio indígena: a persistência da destruição**. 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

PEREIRA, Eliete da Silva. Mídias Nativas: a comunicação audiovisual indígena – o caso do projeto Vídeo Nas Aldeias. **Ciberlegenda**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 71, nov. 2010.

PIRES, Carol. A origem em Eldorado. **Podcast retrato narrado**. Rádio Novelo, 2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/radio-piaui/retrato-narrado/>. Acesso em: 10 jun 2022.

POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. Rio de Janeiro: Grumin, 2018.

PREFEITURA DE GLICÉRIO. **Histórico do município de Glicério**. 2020. Disponível em: <https://www.glicerio.sp.gov.br/portal/servicos/1001/historico-do-municipio-de-glicerio/>. Acesso em: 10 mar 2022.

Quartas-feiras são os dias mais difíceis no 'Jornal Nacional', conta Bonner. **O Globo**, Rio de Janeiro, 30 ago. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/quartas-feiras-sao-os-dias-mais-dificeis-no-jornal-nacional-conta-bonner-leia-depoimentos-de-quem-faz-fez-programa-23915363>. Acesso em: 14 jun 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2018.

_____. **O fim do império cognitivo: afirmações das epistemologias do Sul**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

_____. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos estudos CEBRAP** – n. 79, São Paulo, nov. 2007.

SELVAGEM – ciclo de estudos sobre a vida. Disponível em: <http://selvagemciclo.com.br/sobre/>. Acesso em: 12 mai 2022.

SENRA, Estevão. Hutukara e ISA organizam intercâmbio para formação de xamã Yanomami. Instituto Socioambiental, 2014. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/pt-br/blog/blog-do-rio-negro/hutukara-e-isa-organizam-intercambio-para-formacao-de-xama-yanomami>

SOUZA, Mabel Freitas Araujo de. **História, cinema e representações sobre indígenas**: uma análise de Caramuru, a invenção do Brasil. 2016. Dissertação (Mestrado Acadêmico em História). Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2016.

THE INTERCEPT BRASIL. Jair Bolsonaro no Clube Hebraica. Rio de Janeiro, 5 abr. 2017. Facebook: @TheInterceptBr. Disponível em: <https://www.facebook.com/TheInterceptBr/videos/1899118283709544>. Acesso em: 10 mar 2022.

TUKANO, Álvaro. Entrevista. In: Cohn, Sérgio; Kadiwèu, Idjahure (orgs.). **Tembetá**: conversas com pensadores indígenas. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2019b. (p. 72).

_____. **Sociedade da informação para as comunidades indígenas**. Entrevista concedida a Dora Thereza Duarte Galessio e Ludmila dos Santos Guimarães. Disponível em: <https://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1529/1740>. Acesso em: 14 mai 2022.

VALENTE, Mariana. Internet e Censura: Quem fala, quem ouve, e quem define a verdade na era digital? **Revista Concinnitas**, 2018, pp. 123-133.

VALENTE, Rubens. Mulheres de militares maquiagem, dão roupas e causam aglomeração de ianomâmis. UOL, 17 jul 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/rubens-valente/2020/07/17/militares-coronavirus-indigenas.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 10 mar 2022.

VÍDEO NAS ALDEIAS. Website. Apresentação. Disponível em: <http://videonasaldeias.org.br/2009/vna.php?p=1>. Acesso em: 14 mai 2022.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Eduardo Viveiros de Castro** – Encontros. Organização de Renato Stutman. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.

_____; VIDAL, Lux Boelitz; PIMENTEL, Maria Helena de Barros. Encaminha dossiê sobre a polêmica envolvendo a TV Tupi e os índios do PIX no que diz respeito à novela Aritana. Instituto Socioambiental, 1979. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/encaminha-dossie-sobre-polemica-envolvendo-tv-tupi-e-os-indios-do-pix-no-que-diz>.

_____. No Brasil, todo mundo é índio, exceto quem não é. In: **Povos Indígenas no Brasil**: 2001-2005. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2006. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/07/02/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-2-de-julho-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml>. Acesso em: 20 mai 2022.

ANEXO

Entrevista com Daniel Munduruku concedida a Mauricio A. S. Arruda em 24/05/2022

PERGUNTA: Qual a sua percepção sobre a representatividade dos indígenas na televisão aberta?

DANIEL MUNDURUKU: Maurício, eu acho que a história do Brasil é uma história muito complexa. É uma história também contada a partir de muitos equívocos. Obviamente, as pessoas que têm uma mentalidade bem formada, que tem uma preparação intelectual e tudo mais, certamente elas teriam que ter um compromisso moral com a verdade, não é? Mas acontece também que, grosso modo, a televisão, os meios de comunicação, formam esse conglomerado de empresas cujo principal objetivo é, sem dúvida nenhuma, obter recursos, obter dinheiro, obter capital para poder sobreviver. Isso eu entendo, vivemos no sistema sim, É um sistema que não dá brecha para que o novo apareça. Ele está determinado que assim seja. Por conta disso também, que quem patrocina as televisões têm a preocupação de poder convencer o público a consumir o seu produto. E os povos indígenas sempre foram um produto de consumo, na verdade, negativo. É necessário desqualificar o indígena para que o outro produto que deve ser consumido ganhe uma certa notoriedade com isso. A propaganda acaba convencendo a mente das pessoas a consumir tal produto vendido, mas ao mesmo tempo, desqualificando o pertencimento dos indígenas a essa grande história do Brasil. Então, de uma certa forma, o jornalismo e os jornalistas estão formados dentro dessa visão. De uma visão, aliás, totalmente equivocada. O que me consta é que nos cursos de jornalismo não existe nenhuma disciplina que ensine o jornalista a tratar as populações indígenas. Não sei se existe para tratar qualquer qualquer que seja a pessoa, mas com certeza, para os povos indígenas, eles ficam apenas com aquilo que é oferecido na escola. E a escola é um aparelho reprodutor, que reproduz a história oficial contada pelo estado brasileiro e que muitas vezes favorece exatamente aquelas aquelas poucas famílias, aqueles poucos mandatários, aqueles poucos ricos que comandam a economia brasileira. Então a televisão, os meios de comunicação social, são responsáveis por essa tragédia de visão equivocada que nós temos sobre os indígenas. Estamos em pleno século 21 e ainda assim as populações indígenas não são ouvidas para nada. Fala-se muito dos indígenas, fala

muito daquilo que atinge e afeta diretamente os indígenas, mas não se escuta os indígenas. E quando se escuta, às vezes escuta-se uma parcela da população indígena que, às vezes, não tem condições de fazer uma leitura crítica sobre o que está acontecendo e acaba fazendo apenas um discurso raso, um discurso superficial, não se aprofundando de fato que está por trás de toda essa loucura de exploração, de invasão ilegal, desmatamento. E uma população não educada pelos meios de comunicação, que deveriam ser os grandes interessados em termos de termos uma sociedade um pouco mais consciente e um pouco mais comprometida com nosso país, essa população não consegue ser educada de uma forma mais crítica. Ou seja, é o que nós temos hoje no Brasil em termos de presença indígena nos meios de comunicação é exatamente o retrato do que vem acontecendo nos últimos 60 anos, já pensando no início da televisão, nos 100 anos de rádio, que isso é transmitido e repetido à exaustão de uma forma acrítica. Portanto, é o que a sociedade brasileira não consegue perceber que está sendo manipulada. Ela já foi tantas e tantas vezes manipulada que não sabe mais o que é manipulação e o que não é. É assim que eu enxergo a coisa.

PERGUNTA: Durante a pandemia, cresceu o número de “lives” com indígenas, principalmente no YouTube. Eu percebi um discurso padrão, uma defesa da ancestralidade, a outros modos de vida possíveis, e uma crítica muito contundente ao modo de vida ocidental, ao consumismo, aos alimentos industrializados, ao agronegócio, ao sistema financeiro, a busca desenfreada pelo progresso. De fato, existe esse discurso comum?

DANIEL MUNDURUKU: Eu acho que esse tipo de discurso que a gente faz é muito mais perceptível nos dias atuais, ele foi sendo construído ao longo dos últimos anos. Quando a gente pega uma figura como Ailton Krenak, eu diria que é dos mais velhos, um dos pioneiros desde o final dos anos 80, mas sem esquecer Marcos Terena, sem esquecer algumas outras lideranças que estavam ali naquele primeiro momento, ou no momento derradeiro da aprovação da Constituição. O que nós temos daí para frente são novas gerações que foram surgindo a partir de uma batalha que foi sendo construída. E o discurso vai sendo adaptado de acordo com as necessidades do momento, o que é natural, que é normal, eu diria até desejável. É preciso que a gente atualize o discurso para que as pessoas não fiquem achando que nós estamos defendendo o tradicional, como se o tradicional fosse uma pedra no sapato. Eu costumo sempre lembrar para as pessoas que o tradicional, na verdade, é um método pedagógico. Ele não é uma definição em si, ou um

certo apego ao passado. Quem pensa no passado, a partir de uma de um apego, de uma memória afetiva demais, acaba, na verdade, não sendo tradicional, mas sendo reacionário. E as populações indígenas não são reacionárias, elas são tradicionais porque defendem a memória de seu povo, de seu passado. Para fazer jus a essa memória, elas têm que seguir. Elas têm que se atualizar. Elas têm que criar novas linguagens para poder garantir a permanência dessa memória, dessa tradição. Nós não temos que sair do tradicional, nós temos que atualizar o tradicional. O tradicional nos empurra para frente, ele não é uma prisão, pelo contrário, é um método pedagógico. Ou seja, a gente vai atualizando no momento atual, no momento presente, vamos nos adaptando às novas linguagens para poder fazer jus a toda a luta que o passado nos legou. Daí a nossa reverência pelos ancestrais. É uma reverência, não é uma idolatria. É uma reverência pela luta deles. Afinal, nós estamos aqui agora porque eles lutaram para que nós tivéssemos aqui e agora. E para fazer jus a essa luta, nós vamos legar também aos nossos netos. O mundo possível de se viver, aí é que entra talvez o nosso grande compromisso, justamente de não permitir que um que o modo de vida ocidental, que é baseado no capitalismo, baseado no sistema econômico devorador, voraz, guloso, se imponha sobre o modo de vida que é muito mais coletivo, comunitário. Daí os discursos que nós fazemos, que montamos, que atualizamos a partir dessas ideias que eu estou soltando aqui, justamente vêm ao encontro da manutenção dessa tradição. Dessa tradição como meta, não como prisão. Nós entendemos que é preciso olhar para esse mundo que nós vivemos e lembrar que nós somos parte dele. Ou seja, se nós não lutarmos para manter esse mundo funcionando, não vamos legar um mundo bom para os nossos netos. Portanto, nós não vamos estar cumprindo o nosso papel efetivo de mantenedores, de guardiães desses saberes antigos que nós defendemos, que nós praticamos e que, de uma certa maneira, é a garantia de continuidade para os nossos filhos, nossos netos, enfim, para as gerações que vierem depois. Então, nesse sentido, existe um discurso mais ou menos estabelecido, mais ou menos acordado entre nós, embora a gente converse muito pouco, embora a gente tenha muito pouco contato pessoal para definir qual caminho intelectual seguir. Eu diria que a gente acabou se tornando uma espécie, para usar um termo do Antonio Gramsci, dos intelectuais orgânicos, daqueles que vão criando ideias, pensando ideias para dar uma direção, um caminho, para que as novas gerações vão seguindo. Então, eu vejo Ailton como esse grande intelectual orgânico. Vejo o Raoni como intelectual orgânico. Eu vejo o Davi Ianomami como um intelectual orgânico. Eu me vejo às vezes como um intelectual orgânico, a partir de outra outra luta. Talvez eu tenha sido de uma certa maneira um pioneiro nesta busca de uma

outra linguagem, que não seja só a linguagem da política e do movimento social, para a gente entender que não basta ter o movimento indígena, mas temos de ter também os indígenas em movimento. Nós temos que ter os indígenas que fazem movimentos políticos também, mas em outras linguagens que não seja só a linguagem da política, do direito, da demarcação da terra, mas que seja outras demarcações, outros direitos que também devem fazer parte do nosso dia a dia. Até porque muitos de nós estamos dentro do contexto urbano. Não por vontade, às vezes, mas sobretudo por situações históricas que estão além de nossa vontade, além de nossos desejos. Muitos de nós fomos jogados na cidade, tivemos que nos virar nos 30, como diria Faustão. Tivemos que nos virar nos 30 porque não tinha outra alternativa para nós, não é? Mas exatamente por estar na cidade eu tenho que me posicionar e dizer que talvez esse não seja o mundo ideal, não é? Mas precisamos fazer uma conjunção de mundos para que outras maneiras, outras culturas, outras mentalidades, possam conviver, sem precisar uma sufocar a outra, achar que uma é melhor que a outra. Para que essas visões de mundo possam interagir, quem sabe humanizar um pouco mais.

PERGUNTA: Você acha que existe um choque entre o discurso de indígenas e os interesses comerciais da TV aberta?

DANIEL MUNDURUKU: Eu acho que existe sim. Talvez agora, com o advento da internet, a gente tenha conseguido de uma certa maneira vender produtos alternativos. Outras possibilidades da gente viver sem necessariamente ajoelharmos completamente ao sistema econômico capitalista nos oferece. Existem muitas experiências bonitas no Brasil inteiro, eu já testemunhei algumas, de comunidades que se formam, de pessoas que abandonam tudo, de pessoas que saem do barulho da cidade grande e vão para uma cidade pequena. Tudo isso buscando elas mesmas uma resposta para as suas angústias, para as angústias que o consumo oferece. Porque o que está em jogo aqui é basicamente o entendimento do tempo. De compreensão do tempo. O tempo ocidental é o tempo do relógio, o tempo da correria, o tempo da pressa, o tempo da produção, o tempo da riqueza, do acúmulo, tempo da poupança, tempo do investimento, é o tempo de correr atrás do tempo. E o tempo é dinheiro. Nós passamos a vida inteira correndo atrás do tempo. E aí quando a gente alcança esse tempo que é a riqueza, que é o sucesso na vida, a gente descobre que o tempo passou e a gente não viveu absolutamente nada. Com toda a riqueza que a gente pode juntar, o tempo não parou. Como diria Cazuza, “o tempo não para”. O

tempo está sempre numa constante. E a gente acaba entrando não porque o tempo seja assim. Mas porque o ocidente acabou criando em nós a ideia de que o tempo corre para frente. E nós estamos sempre num processo de acúmulo de riqueza para nos tornarmos alguém na vida. E o sistema vai nos convencendo que ser alguém na vida é possuir coisas. E quem tiver ao nosso lado, brigando também por esse espaço, é nosso inimigo, é nosso adversário. E a gente tem mais é que derrubar porque o que vale é chegar no topo. E lá do topo a gente desdenhar de quem não chegou: “quem manda não se esforçar, quem manda ser honesto demais, quem manda não ser malandro”. As pessoas desdenham, inclusive, daqueles que ficam para trás, aparentemente para trás, porque eles não entraram no jogo, na disputa e na briga. Então, o Ocidente foi criando em nós a falsidade de que existe um futuro possível. E essa ideia de futuro é exatamente onde a gente veste todas as nossas riquezas. Então esse tempo linear, que vai para frente, é um tempo que não nos permite refletir, não nos permite deliciar com as coisas. Porque ela é tão rápida, tão envolvente, que a gente não se dá conta que nós estamos sendo puxados para esse futuro, não o futuro possível que a gente vai construir, mas o futuro que pensaram pra gente. Que é exatamente esse futuro. Outro dia eu vi uma reportagem do Fantástico de um carro voador. Já estão aí. Eu tinha visto isso, inclusive uma demonstração de um tempo atrás de uma feira de tecnologia que eu fui e fiquei impressionado. Agora vi que isso já virou uma marca para a televisão. Você já virou um produto que a televisão já está mostrando que isso é possível. E não está lá de graça, não é porque o Fantástico é legal que está mostrando, mas vai alimentando nas pessoas o desejo de consumir aquele produto. Essa cadeia, esse correr para a frente, essa busca de viver um futuro, tira a gente daquilo que eu considero ser o jeito indígena de olhar o tempo. Que é o tempo da natureza. E a natureza não corre para frente. A natureza corre para trás, ela vive num processo de circularidade. Ela é anti anti-horário nesse sentido. Eu posso dizer que o tempo indígena não é o tempo linear, é o tempo circular. Ou seja, ele busca os seus sentidos, os seus pertencimentos na memória e essa memória nos impulsiona para frente. É um tempo espiral, vai para trás para ir para a frente. Um tempo holístico. E é exatamente aí que mora a grande dificuldade do ocidente de entender os saberes indígenas, porque o ocidente nos ensinou para sermos egoístas. E a natureza nos educa para sermos coletivos. Não existe nenhuma possibilidade de uma árvore viver sozinha. Ela precisa da terra, da água, da minhoca. Ela é sistêmica, está dentro dessa cadeia de generosidade, de reciprocidade. E as populações indígenas foram desenvolvendo ao longo do tempo exatamente esse olhar de sistematização, seres vivos a partir de uma relação de reciprocidade. Então, nas

sociedades indígenas não existem crianças abandonadas, não existem velhos desprezados, não existem pobres, não existem ricos demais. Obviamente que o tempo da produção não cabe nesse tempo. Citando o agronegócio, eu sempre lembro das colheitadeiras que sempre passam no “Agro é pop”. Jogam o grão na caçamba e o bagaço no chão. Esse produto que vai para a caçamba são para os milionários, para os ricos, para os donos do negócio. E o bagaço vai para o povo. E aí esse agronegócio, esse agro é pop, ele precisa de espaço para poder consumir cada vez mais. Então, essa colheitadeira é também uma espécie de monstro guloso que vai devorando tudo que vem a sua frente: seja uma árvore, sejam pessoas, sejam bichos, sejam rios. Por isso, “o agro é tudo”. O agro está no ouro tirado no Pará, jogando mercúrio. Obviamente, a televisão não mostra. Para usar a expressão que sempre se repete, “Isso a Globo não mostra”. O malefício disso tudo, a destruição, é mostrado como um acidente. Aí não tem culpados. As pessoas acabam acreditando que as coisas acontecem assim por milagre, né? E esse discurso construído com essa base vai minando, vai destruindo a possibilidade de ter outros modos de vida, né? Porque outros modos de vida são vistos justamente como uma espécie de atraso. Toda vez que eu assisto a propaganda do agro, fico pensando o quanto existe uma mensagem subliminar nisso. Que vai minando a cabeça das pessoas para fazer com que elas esqueçam que para o agro existir, é preciso não existir floresta. É preciso não existir gente que habite a floresta. É preciso não existir rio limpo, os rios têm que ser poluídos. Então, a mensagem é bonita porque, cá entre nós, o pessoal sabe fazer propaganda. Então, um discurso como o da Sonia (Guajajara), como o meu, como o de Almir Suruí, por exemplo, que é uma outra liderança poderosa, a própria Txai Suruí com o seu discurso ambientalista e tal, tudo isso acaba sendo desqualificado. Exatamente como aquilo que é muito comum nesse tipo de sociedade que a gente vive hoje, a tal da cultura do cancelamento. Eles cancelam um discurso, usando os chavões de sempre: “ele não é mais índio de verdade”, “ele já fala português ou já fala inglês”, “não vive lá na aldeia, não sabe o que está falando”. Isso tem sido, eu diria, uma grande tragédia na construção da nossa identidade brasileira.

PERGUNTA: Qual seria a importância de uma participação indígena mais efetiva na televisão e na sociedade brasileira?

MUNDURUKU: A gente está vivendo um momento muito angustiante, todos nós. E, obviamente, todos nós estamos buscando respostas possíveis para a gente minorar essas

nossas angústias. Eu tenho a impressão que as pessoas que entram em contato com os povos indígenas sofrem de uma certa mudança, uma certa transformação. Não somente do ponto de vista teórico, mas sobretudo as pessoas que têm uma experiência efetiva de visitar uma comunidade. E aí não tem nada a ver e querer mudar o mundo. Porque essa ideia de querer mudar o mundo é a maior bobagem que existe. O mundo não vai mudar porque a máquina é muito maior do que a gente. Se mudar, vai levar mais uns 300, 400 anos, quando tiver tudo esgotado já e não tiver outra solução. Mas, por enquanto, a gente tenta viver nesse mundo mitigando um pouco os danos, levando uma vida mais consciente, mais respeitosa, mas ambientalmente equilibrada, entrando um pouco nesse fluxo do tempo circular. Nesse sentido, a participação dos indígenas dentro da sociedade brasileira de uma forma qualificada, de uma forma artística, de uma forma cultural, acaba ajudando a frear um pouco esse trem bala. Então eu tenho a convicção de que os indígenas vindo para a cidade, participando um pouco mais de todo o processo da sociedade, eles acabaram influenciando aqui e ali. Infelizmente também acontece do canto da sereia ser muito maior e que a gente acabe entrando nessa vibe do consumo, da vaidade, da ideia de que nós somos mais do que somos de fato e, com isso, ao invés de combater o sistema, a gente acabe aceitando o sistema e nos colocando nele como parte, e não como deveríamos ser, que é justamente ser uma espécie de freio, uma espécie de trava. Não para a gente fugir, não usufruindo que o mundo pode nos oferecer, mas ter a clareza de que, vindo de uma outra tradição, de uma outra cultura, a gente também tem que guardar dentro da gente algumas janelas pra gente poder olhar, continuar olhando para trás e ver o mundo que a gente onde a gente viveu e que a gente pode inclusive oferecer alguma alternativa para o mundo que a gente está vivendo hoje. Então, nesse sentido, tanto o movimento do indígena de vir para a cidade, quanto o movimento do não indígena vir para a aldeia, é um movimento que, no final das contas, se encontra no meio do caminho. E ao se encontrar no meio do caminho, os dois crescem. Não tem nenhum problema de um indígena vir para a cidade, se formar, estudar, se qualificar, aprender, tornar-se mais humano, que ele vai compor a humanidade que ele aprendeu na sua comunidade, com a humanidade que ele há de aprender, convivendo com os outros humanos que não são iguais a si, aí ele vai, quem sabe, aperfeiçoar o seu olhar no para o mundo. É assim que eu vejo. É assim que eu me vejo, sabendo que eu sou desse mundo sem ser dele, eu sou do outro mundo indígena sem ser dele. E é dessa confluência de mundos que eu vou me iluminando. Eu vou iluminando a minha mente para entender que ter algumas coisas necessárias, urgentes, importantes, mas saber que essas coisas não são e não deve ser uma

prisão para a gente. Pelo contrário. Ou a gente tem tudo isso para se libertar, fazer o caminho que a gente quiser, ou a gente se achando livre, entra dentro desse processo e nunca mais consegue sair dele. E se a gente não consegue sair do processo, a gente não é livre.

PERGUNTA: Mesmo com uso das mídias sociais, você acha importante uma presença mais consistente de indígenas na TV aberta? E quais seriam os caminhos para os indígenas atuarem como produtores de conteúdo na televisão, tanto no jornalismo quanto na teledramaturgia?

MUNDURUKU: Eu acho super importante. Na verdade, eu sou muito apaixonado por televisão, gasto meu tempo livre, assistindo filmes, assistindo séries, assistindo eventualmente novelas. Até para alimentar, digamos, a minha curiosidade de escritor também. Enfim, o fato de escrever me obriga a estar atento um pouco as coisas que estão surgindo para aprender novas linguagens, Eu acho que os meios de comunicação são importantes para nos situar, nos nos posicionar no mundo, nos fazer perceber o nosso lugar no mundo. Eu acho que eles têm esse papel. É claro que quando a gente tem consciência disso é mais fácil do que a gente ser simplesmente um espectador, que só olha lá pra ter entretenimento. No meu caso, não se trata de entretenimento apenas. Então eu acho super super importante. Eu vejo que há algumas iniciativas. Alguns indígenas estão utilizando, os meios de comunicação e a internet para se comunicar, embora não sejam jornalistas, são comunicadores da internet. Tem usado isso com uma certa competência, mostrando um outro olhar sobre as sociedades indígenas, então já é um caminho. Vejo que há alguns flashes de absorção dos saberes indígenas nas produções televisivas atualmente, seja através de especiais como o “Falas da Terra”, que a Globo fez, que eu até participei. Há alguns flashes com um pouco de lucidez dentro da televisão. É que os indígenas normalmente não são bons produtos para serem vendidos, como, por exemplo, o movimento negro, os negros são, né? Tem mais consumidores, digamos assim. Mas esses flashes que a televisão abre são muito importantes para dar uma certa visibilidade, mostrar que nós estamos aí presentes na sociedade. Vejo que há alguma abertura para que escritores indígenas, ou roteiristas indígenas, surjam. Acho que é um dos caminhos possíveis fazer com que indígenas sejam roteiristas dessas produções, seja em minisséries, seja em séries, novelas, filmes, porque trazem consigo um outro olhar. E possam trazer personagens indígenas que sejam pontuais, às vezes, nas produções,

mas que de uma certa maneira também fique lembrando para o brasileiro de que o indígena faz parte da própria identidade nacional. E que o telespectador também se enxergue, consiga visualizar. Isso ajuda a quebrar um pouco o estereótipo. E, sobretudo, que essas pessoas possam aparecer assinando esse material, assinando a sua produção, que isso gera uma nova ideia na cabeça das pessoas daquele índio que está preso no passado, que está preso numa aldeia no meio da floresta. Contratar jornalistas indígenas, dar oportunidade para esses jornalistas, ou mesmo para diretores de filmes que são indígenas e que têm feito produções maravilhosas, produzindo aí muita coisa bacana, inclusive premiada em festivais pelo mundo. E chamar essa essa galera pra gente redirecionar um pouco o foco da TV, pra gente sair dessa coisa um tanto linear e apresentando uma nova possibilidade de vida, de sociedade, de mundo. Claro, se puderem aproveitar, por exemplo, que os indígenas sejam roteiristas de seus próprios livros, seus livros se transformem em filmes, em novelas, em seriados, isso seria o máximo. Porque aí seria reeducar a sociedade brasileira. Apresentar alguns modelos diferentes de sociedade ao método pedagógico linear e consumista ocidental.

PERGUNTA: Você consegue ver algum avanço nesse caminho de uma maior participação indígena na televisão?

DANIEL MUNDURUKU: Acho que está avançando um pouquinho. Hoje em dia tem uma juventude que está entrando na televisão que já tem uma outra mentalidade, roteiristas mais jovens que não querem deixar de fora essas outras vozes. Então, isso tem sido bacana de ver essa transformação acontecendo. A mesma coisa que está acontecendo na escola, com professores mais jovens que estão envolvidos com essa desconstrução, dessa decolonização do pensamento. Então, a sociedade, de uma maneira que acho que vai acontecer em breve, vai ter essa mudança de linguagem. E eu penso que isso é fruto dessa luta, desses novos discursos, dessas novas possibilidades de participação que a gente está tendo dentro da sociedade. E que não foi a sociedade que nos ofereceu, nós é que abrimos o buraco, vimos um furo no futuro e entramos nele.